



- A presença do falo na Maçonaria: uma interpretação da linguagem simbólica sob a perspectiva psicanalítica (DA GAMA, R. F.).
- Em Loja! A centralidade das representações sociais de Maçonaria (MOTA, D.; LANNES, D. R. C.).
- O processo de fundação da Loja Maçônica Luz e Fraternidade (1954-1957) Feira de Santana—BA (SILVA, I. S.).
- A influência maçônica no surgimento de sociedades secretas no século XIX no Brasil (DA SILVA, S. V.; MARQUES, A. J.).
- O discurso sexista na Maçonaria (SOUZA, J. R. B.).
- O compasso, o esquadro e a ordem discreta: perfil sociológico dos Grão-Mestres da Maçonaria Paranaense (VALENCIANO, T.).

C&M



Revista Ciência & Maçonaria

“A primeira revista acadêmico-científica brasileira com foco no estudo da Maçonaria”

Missão:

Democratizar a produção acadêmico-científica sobre Maçonaria e seu acesso no Brasil.

Dados Catalográficos:

ISSN 2318-0129
Janeiro a Junho de 2018
Volume 05.
Número 01.

Periodicidade:

Semestral

Conselho Editorial:

Kennyo Ismail
Max Stabile Mendes
Nihad Faissal Bassis

Conselho Científico:

Vide in website:
<http://cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/about/editorialTeam>

Contatos:

Editor-Chefe: Kennyo Ismail
contato@cienciaemaconaria.com.br

Suporte Técnico: Nihad Bassis
nihadbassis@yahoo.com.br

Portal - www.cienciaemaconaria.com.br

Realização:

NP3-CEAM-UnB - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas, Governo e Gestão do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília.

Aviso:

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Revista Ciência & Maçonaria. Não é necessário solicitar prévia autorização para reproduzir parte do conteúdo publicado nesta revista, desde que sejam devidamente citados o autor e a fonte.

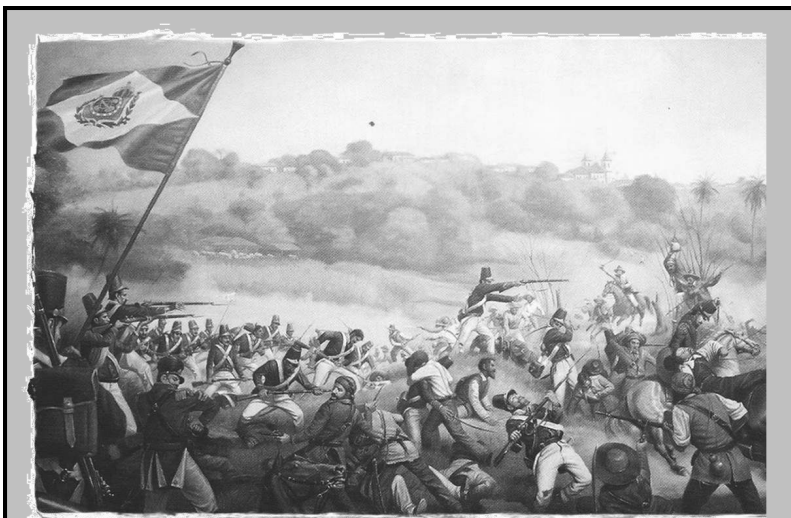


Imagem da Capa:

Título: Combate do Córrego das Calçadas
Artista: Célio Nunes

A figura do artista mineiro Célio Nunes ilustra um combate ocorrido em Santa Luiza, interior de Minas Gerais, no período da Revolução Liberal, de 1842, a qual é abordada no artigo “A influência maçônica no surgimento de sociedades secretas no Século XIX no Brasil”, de Samuel Vieira da Silva e Adílio Jorge Marques.

CRB1-079

C&M: Revista Ciência & Maçonaria / NP3-CEAM-UnB – v.5, n.1 (2018)
Brasília, DF: NP3-CEAM-UnB, 2018.

Semestral
ISSN 2318-0129

1. Maçonaria – Periódicos. I. NP3-CEAM-UnB (Brasília)

CDD: 060
CDU: 061.236.61



“A primeira revista acadêmico-científica brasileira com foco no estudo da Maçonaria”

Sumário

Palavra do Editor	5-6
A PRESENÇA DO FALO NA MAÇONARIA: uma interpretação da linguagem simbólica sob a perspectiva psicanalítica (DA GAMA, R. F.)	7-11
EM LOJA! A centralidade das representações sociais de Maçonaria (MOTA, D.; LANNES, D. R. C.)	13-24
O processo de fundação da Loja Maçônica Luz e Fraternidade (1954-1957) - Feira de Santana—BA (SILVA, I. S.)	25-34
A influência maçônica no surgimento de sociedades secretas no século XIX no Brasil (DA SILVA, S. V.; MARQUES, A. J.)	35-50
O discurso sexista na Maçonaria (SOUZA, J. R. B.)	51-60
O COMPASSO, O ESQUADRO E A ORDEM DISCRETA: perfil sociológico dos Grão-Mestres da Maçonaria Paranaense (VALENCIANO, T.)	61-72



Palavra do Editor

Prezados leitores,

Neste aniversário de 05 anos da revista *Ciência & Maçonaria*, temos o prazer de fazer chegar mais este número em suas mãos, desta revista pioneira na pesquisa maçônica em toda a América do Sul, qualificada como B2 em Ensino pela Qualis CAPES, e que consta em importantes diretórios e indexadores internacionais, como DOAJ, ROAD e Latindex.

Em comemoração a esses 05 anos revista, o *website* da *Ciência & Maçonaria* (cienciaemaconaria.com.br) ganhou de presente uma cara nova, mais simpática, que também coroa as mais de 162 mil visualizações de nossos artigos nesse curto, porém intenso período de tempo.

E, como se manter e publicar um periódico acadêmico-científico fosse missão fácil, ainda mais uma revista online 100% gratuita; como se conquistar qualificação e indexação não demandasse muito trabalho e dedicação; ainda por cima, em apenas 05 anos; a revista *Ciência & Maçonaria* não se restringiu a isso. Foram realizados eventos acadêmicos em nível nacional e internacional, promovendo o intercâmbio entre os mais renomados pesquisadores sobre Maçonaria em todo o mundo latino e colocando o Brasil nesse mapa de forma protagonista.

Esses eventos somente foram possíveis graças ao apoio institucional da Maçonaria Distrital, GLMDF e GODF; e o apoio operacional, em especial dos membros da Loja Maçônica "Flor de Lótus". Agradecemos a todos vocês por abraçarem esses desafios conosco.

Nesta edição, temos orgulho em reforçar essa belíssima tradição que a revista *Ciência &*

Maçonaria vem seguindo, ao trazer artigos das mais diferentes ciências, muitos multidisciplinares em si, como poderão observar em suas leituras.

O médico e MSc. Renato Faria da Gama inaugura esta edição apresentando um interessante ensaio sobre a presença do falo na Maçonaria numa perspectiva psicanalítica Freud e Jungiana.

Na sequência, tem-se um curioso estudo de caso originado de pesquisa em uma Loja com base na Abordagem estrutural das representações sociais e na Teoria do Núcleo Central, desenvolvida pelo Mestre Diego Mota e a Doutora Denise Rocha Correa Lannes.

Você também terá a oportunidade de ler um artigo do graduando em História, Israel Santos Silva, que se aventurou a pesquisar sobre a história da Maçonaria em Feira de Santana durante os séculos XIX e XX, suas dissidências e posterior fusão.

Este número conta também com um excelente estudo quanto a influência maçônica no surgimento de sociedades secretas no Brasil do século XIX, da autoria do Mestrando Samuel Vieira da Silva e do Doutor Adílio Jorge Marques.

Já o MSc. José Roberto Basílio Souza apresenta os resultados de sua primorosa pesquisa qualitativa, uma análise de discurso foucaultiana, sobre as relações sociais de sexo na maçonaria do Estado do Espírito Santo.

Por último, mas não menos importante, temos a apurada colaboração do pesquisador Tiago Valenciano, Doutor em Sociologia, que nos traz o perfil sociológico dos Grão-Mestres da Maçonaria Paranaense.

Esses artigos nos auxiliam a continuar cumprindo o compromisso institucional da revista "Ciência & Maçonaria", de publicar produção acadêmico-científica multidisciplinar, tendo a Maçonaria como objeto de pesquisa, de forma ampla e gratuita.

E antes de encerrar, damos publicamente as boas vindas ao pesquisador Rafael Guimarães, que aceitou nosso convite para se juntar a nós no Conselho Editorial desta revista.

Boa leitura a todos!

Fraterna e Sinceramente,

Kennyo Ismail
Editor-Chefe

**A PRESENÇA DO FALO NA MAÇONARIA:
uma interpretação da linguagem simbólica sob a perspectiva psicanalítica**

(THE PRESENCE OF PHALLUS IN FREEMASONRY:

an interpretation of symbolic language at psychoanalysis perspective)

Renato Faria da Gama ¹

Resumo

A maçonaria utiliza a linguagem simbólica para transmissão de seus ensinamentos. A maioria de suas metáforas é obtida da interpretação de materiais usados pelos construtores medievais, embora diversas matrizes culturais, filosóficas e religiosas também tenham emprestado seus símbolos à Ordem. Neste artigo o autor propõe a interpretação dos signos maçônicos pela perspectiva psicanalítica e identifica diversos objetos e personagens que representam a identidade masculina. Conclui apontando para a possibilidade de o falo influenciar de forma importante o pensamento e doutrinas maçônicas, mesmo que de forma inconsciente.

Palavras-chaves: Maçonaria; Simbologia; Psicanálise; Falo.

Abstract

Freemasonry uses symbolic language to transmit its teachings. Most of its metaphors are derived from the interpretation of materials used by medieval builders, although various cultural, philosophical, and religious matrices have also lent their symbols to the Order. In this article the author proposes the interpretation of the Masonic signs by the psychoanalytical perspective and identifies several objects and personages that represent the masculine identity. He concludes by pointing to the possibility that the phallus significantly influences Masonic thought and doctrines, even if unconsciously.

Keywords Freemasonry; symbology; psychoanalysis; phallus.

¹ Renato Faria da Gama é graduado em Medicina pela UERJ em 1994, com residência em Clínica Médica - Área de Concentração em Neurologia pela UEL, em 2001. Tem Mestrado em Saúde Coletiva - Área de Concentração em Política, Planejamento e Administração em Saúde pelo IMS/ UERJ, em 2016. E-mail: renatofgama@gmail.com

1. Introdução

Há quem considere a psicanálise um tema ultrapassado ou excessivamente atrelado às questões da sexualidade humana (ANJOS, 2013). Independentemente da simpatia (ou antipatia) pelas idéias psicanalíticas, ou mesmo do surgimento de novas teorias para a compreensão dos fenômenos neuropsíquicos, estas concepções continuam a ser aplicáveis a diversas situações cotidianas, especialmente naquelas onde o inconsciente se manifesta através da linguagem simbólica.

Na contemporaneidade racionalista do Século XXI poucas sociedades se declaram explicitamente simbólicas e adotam as alegorias como forma principal de transmissão dos seus saberes. Dentre estas poucas, a maçonaria preserva o uso dos instrumentos da geometria como significantes principais de seus ensinamentos, lançando mão, também, de metáforas obtidas de culturas, filosofias e religiões diversas na forma de matéria prima complementar para seus estudos (SOUZA, 2012).

O presente artigo nasceu do insight de um mestre maçom. Habitado à significação tradicional dos símbolos que adornam o templo, teve ao longo de seu processo psicoterápico individual uma súbita interpretação fálica dos instrumentos utilizados nas sessões maçônicas. O texto não pretende substituir a interpretação tradicionalmente transmitida nas sessões por uma significação reducionista ao viés psicanalítico. O autor também está ciente de que a imensa maioria dos maçons não é afeita à psicanálise e possivelmente irá rejeitar a proposta desta interpretação. No entanto, talvez contribua para que alguns poucos maçons amantes das ciências humanas, bem como profissionais da saúde mental possam utilizar esta discussão na ampliação da vasta possibilidade de compreensão dos mistérios da Arte Real.

2. Instrumentos, adornos e alegorias fálicas presentes no cotidiano maçônico

Desnecessário e excessivamente prolixo seria rever toda a literatura que discorre sobre a presença e importância do falo nas sociedades primitivas. Mesmo em textos escolares estão patentes a relação entre os deuses em todas as civilizações como garantidores de fecundidade, provisão e autoridade assumindo o papel masculino, por vezes caracterizado por

objetos do tipo alongado como as colunas (ROBERTO, 2015) ou personagens antropomórficos, alguns ostentando espadas, cetros, bastões, cajados, martelos, serpentes, ou mesmo possuidores explícitos de pênis proeminente. Apenas para citar alguns exemplos, o deus egípcio Min (CULTURA COLECTIVA, 2014), o nórdico Frey (BLANC, 2016) e o grego Priapos (NETO, 2006) eram divindades possuidoras de um órgão genital desproporcionalmente grande.

No templo maçônico os mestres, dotados de autoridade, empunham objetos alongados que representam seu poder: desde o cobridor com sua espada, o mestre de cerimônias (e diáconos em alguns ritos) com seus bastões, os vigilantes e o venerável mestre, com seus malhetes.² Também os instrumentos de trabalho de todos os graus da maçonaria simbólica apresentam formato alongado (cilíndricos com extremidades mais proeminentes ou pontiagudas), a saber, malho, cinzel, nível, alavanca, régua e espada. Em ambos os instrumentos a extremidade pontiaguda ou alargada pode denotar características fálicas.

À medida que os maçons percorrem sua escada de aprendizagem, sua autoridade e prerrogativas dentro da Ordem também são ampliadas, em sintonia com a concepção foucaultiana do binômio saber-poder (FOUCAULT, 1977). Do grau de aprendiz (a quem o direito à palavra pode ser negado durante as sessões, como no Rito Adonhiramita) até a plenitude do grau de mestre, podendo se perpetuar por um número variável de graus superiores (em número de 33 na maior parte dos sistemas filosóficos) a jornada de aprendizagem é descrita pelo termo “subir na escada de Jacó”, em referência ao episódio quando este personagem sonhou com anjos que subiam e desciam os seus degraus (SANTA BÍBLIA, 2006). Coincidência ou não, Freud interpretou também o ato de subir escadas durante os sonhos como uma intenção inconsciente de um intercurso sexual (FREUD, 2013).

No que se referem aos paramentos, trajes maçônicos e títulos de recompensa (medalhas), todos estão incluídos na interpretação freudiana como representantes do falo, tanto no que concerne ao seu aspecto alongado com extremidade mais alargada, quanto em seu simbolismo de poder e autoridade. O terno, como roupa tipicamente masculina, o chapéu adotado em alguns ritos também reproduzem este sentido, muito especialmente o de abas baixas do Rito Adonhiramita, profundamente semelhante ao

² Este último um símbolo de caráter fálico bastante descrito na mitologia nórdica, que tem no deus Thor seu mais notório personagem (LANGER, 2015).

aspecto da glande.



Figura 1: Chapeu do Rito Adonhiramita, bastante semelhante ao aspecto anatômico da glande.

Fonte: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/loja2/21738f7e72df846fb7b9809c83e40e45.jpg>

Merecem especial atenção as colunas à entrada do templo. Os capitéis, que por si sós, já foram sobejamente associados na literatura à extremidade peniana, na ornamentação do templo maçônico ainda são encimadas pelo globo celeste e terrestre. Vale aqui mencionar na íntegra as palavras de Eliphaz Levi a respeito do simbolismo fálico das colunas "B" e "J":

O equilíbrio humano tem necessidade de dois pés, os mundos gravitam sobre duas forças, a geração exige dois sexos. Tal é o sentido do Arcano de Salomão, figurado pelas duas colunas do templo, Jakin e Bo-has (LEVI, s.d.).

Por fim, parece relevante destacar o emblema universal da Ordem maçônica, representada pelo esquadro e o compasso, dispostos em formato de losango, com a letra G ao meio. Da vasta literatura semiótica até o imaginário popular o losango representa a genitália externa feminina, expressa desde o período pré-histórico como exemplificado nas figuras encontradas nas cavernas de La Madeleine.

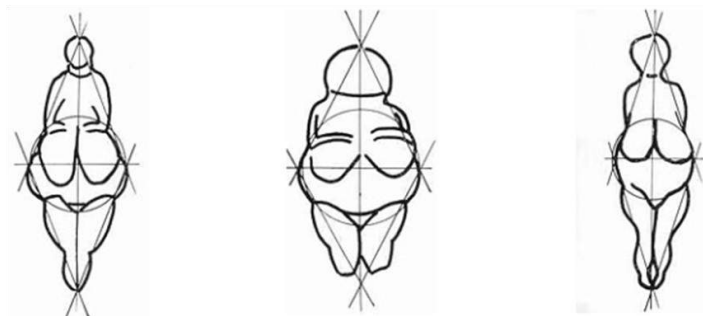


Figura 2: Ilustrações femininas em forma de losango, típicas das deusas Vênus do Paleolítico.

Fonte: <https://netnature.files.wordpress.com/2016/08/sem-tc3adtulo4.png?w=551&h=249>

3. Os símbolos fálicos enquanto inspiração para o arquétipo do "verdadeiro maçom"

A existência do falo na simbologia maçônica poderia, em tese, contribuir para a moldagem da personalidade do recém-iniciado. Com o intuito esclarecer este ponto, convém refletir sobre os modelos arquetípicos concebidos pelo pensamento de Jung. Mark e Pearson (2003) compilam doze arquétipos principais da psicologia analítica, organizados em quatro grupos (MARK e PEARSON, 2003). Deste conjunto alguns demonstram atributos muito característicos do maçom típico: O Herói, o Mago, o Explorador, o Sábio, o Prestativo e o Governante. Em todos os casos, traços de personalidade estão claramente descritos como características do "verdadeiro maçom", conforme escrevem os autores que expressam o pensamento da Ordem. Guimarães (2013) percorre a iniciação maçônica no Rito Escocês Antigo e Aceito por meio da jornada do herói, mencionando vasta discussão a respeito deste modelo arquetípico e personagens mitológicos evocáveis durante cada etapa deste primeiro encontro do neófito com os símbolos e alegorias (GUIMARÃES, 2013). No que respeita à magia, cumpre contemplá-la tanto sobre o aspecto místico quanto sob o simbólico. Muitas publicações de autores maçônicos consideram a prática sobrenatural como parte integrante dos mistérios da Ordem (ADOUM, 2010). Outros há (o autor se inclui neste segundo grupo) que compreendam o legado alquímico absorvido pelos Augustos Mistérios em seu significado simbólico, psíquico e filosófico, assim como o fez Jung (JUNG, 1991). Carvalho (2016) esmiúça um tema recorrente nos rituais, descrevendo as formas como o maçom deva ser um explorador da verdade (CARVALHO, 2016). Sobram exemplos de louvores a

maçons ilustres que ocuparam destaque na histórica política. Desnecessário seria enumerar as publicações que exaltam o altruísmo e o trabalho maçônico filantrópico enquanto atributo patente do caráter dos que (parafraçando uma máxima maçônica) além de entrar na maçonaria, permitiram que a “maçonaria entrasse em si”.

Não somente os símbolos poderiam contribuir para a elaboração do ideal de vida do maçom, mas também os personagens selecionados para compor as histórias/ lendas transmitidas dentro das lojas. Neste raciocínio vale refletir sobre dois em especial: Boaz e Salomão. Desde o Primeiro Grau, é feita referência Boaz, que incorpora boa parte dos arquétipos descritos no parágrafo anterior: um líder prestativo que teve a sabedoria necessária para resgatar Rute de sua vulnerabilidade, estendendo seu braço de força (Boaz, do original hebraico “pela sua força”) para amparar a viúva, zelando pela honra desta e do seu falecido marido, materializando sua virilidade na geração de Obed, que pela lei hebraica do levirato deveria ser considerado herdeiro do marido morto de Rute. Também Salomão representa um modelo de governante, que se estabeleceu como o mais próspero rei de seu tempo, tanto pela capacidade de impressionar a Rainha de Sabá ao ostentar a grandeza do seu império, quanto pela perspicaz atuação enquanto juiz, ilustrada no episódio das duas mulheres que requeriam o direito de ser mãe de uma mesma criança. Salomão também é descrito em sua virilidade por ser “possuidor” de 700 mulheres e 300 concubinas (SANTA BÍBLIA, 2006).

Diante do previamente exposto, fica subentendido que as principais virtudes maçônicas podem ser representadas pelos arquétipos descritos acima, ambos simbolizáveis de forma subjetiva e inconsciente pelo emblema da virilidade, portanto, do falo: O líder beneficente e corajoso, amante da justiça e investigador da verdade em todas as suas dimensões (do lógico ao metafísico). Dos diversos textos rituais que ilustram a figura deste protótipo do másculo construtor do edifício social justo e perfeito, pode-se mencionar um notório fragmento que revela o espírito deste ideário:

- Para quê nos reunimos aqui?
- Para combater o despotismo, a ignorância, os preconceitos e os erros. Para glorificar a Verdade e a Justiça. Para promover o bem-estar da Pátria e da Humanidade,

levantando templos à Virtude e cavando masmorras ao vício (GRANDE ORIENTE DO BRASIL, 2009).

4. Considerações finais

O símbolo é, por natureza, polissêmico. Ao interpretá-lo, cada indivíduo se vale de suas crenças e valores obtidos como sua própria matriz cultural. Muito antes dos postulados freudianos as sociedades primitivas já expressavam seus saberes por meio da linguagem simbólica, dos conhecimentos míticos e místicos, os quais deram origem às mais diversas formas de filosofias, culturas e teologias, contribuindo inclusive para o que se entende hodiernamente como ciência. Alguns símbolos se revestem de significados ancestrais e sua interpretação frequentemente tem conteúdos subjetivos e inconscientes. Neste trabalho avaliamos a simbologia maçônica sob a óptica psicanalítica, com elementos das teorias de Freud e Jung. A associação das várias possibilidades de interpretação destes significantes é capaz de enriquecer as o aprimoramento do maçom, independente de concordar ou não com o significado atribuído por cada autor. Este artigo não pretende esgotar tema, apresentando, entretanto, uma proposta de ampliação dos debates a respeito de novas possibilidades de interpretação da simbologia maçônica.

5. Referências

- ADOUM, J. *Do mestre secreto e seus mistérios*. 16ª ed. São Paulo: Pensamento, 2010.
- ANJOS, S. A hipótese da obsolescência da psicanálise em Herbert Marcuse. In: *Caderno de Resumos do IX Seminário dos Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCAR*. São Carlos, 2013.
- BLANC, C. *Guia dos povos bárbaros: os mistérios dos conquistadores mais cruéis da história*. São Paulo: On Line Editora, 2016.
- CARVALHO, R. L. O Maçom e a busca da verdade. *Rev. Universo Maçônico*, dez. 2016.
- CULTURA COLECTIVA. *Estilo de Vida*. fev. 2014. Disponível em: <<https://culturacolectiva.com/estilo-de-vida/el-pene-organo-divino-de-la-fertilidad/>>. Acesso em: 02 jan. 2018.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1977.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Porto Alegre,

Rio Grande do Sul: L&PM, 2013.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. *Ritual 1º. Grau - Aprendiz maçom - Rito Escocês antigo e aceito*. Brasília: Grande Oriente do Brasil, 2009.

GUIMARÃES, R. A iniciação maçônica: uma análise de sua mitologia por meio da jornada do herói. *Rev. Fraternitas in Praxis* v. 1, n. 1, 2013, p. 15-22.

JUNG, CG. *Psicologia e alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1991.

LANGER, J. *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. Uitgever: Hedra, 2015.

LEVI, E. *Dogma e ritual da alta magia*. Arauto do Chaos. São Paulo: Pensamento, s.d. Disponível em: <<https://arautodochaos.files.wordpress.com/2015/01/levi-eliphaz-dogma-e-ritual-de-alta-magia.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

MARK, M.; C. PEARSON, C. S. *O Herói e o fora-da-lei: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos*. São Paulo: Cultrix, 2003.

NETO, J. A. *O Falo no jardim: priapeia grega, priapeia latina*. Campinas: Unicamp, 2006.

OUTEIRO PINTO, M. J. *Do meio-dia à meia-noite: compêndios maçônicos do primeiro grau*. São Paulo: Madras, 2007.

ROBERTO, P. As origens dos símbolos das colunas "J" e "B" na maçonaria. *O Malhete - Informativo maçônico, político e cultural*. jan. 2015. Disponível em: <<http://omalhete.blogspot.com.br/2015/01/as-origens-do-simbolo-das-colunasj-e-b.html>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

SANTA BÍBLIA. *Velho Testamento*. Ebooks Brasil. 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/biblia.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

SOUZA, F. J. O. Organização, preceitos e elementos da cultura maçônica: fundamentos para a introdução aos estudos da maçonaria. *REHMLAC*, v. 4, n. 1, 2012, p. 125-140.

EM LOJA! A CENTRALIDADE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MAÇONARIA: estudo de caso em uma Loja Maçônica

(THE CENTRALITY OF THE SOCIAL REPRESENTATIONS OF FREEMASONRY:
case study in a Masonic Lodge)

Diego Mota ¹

Denise Rocha Correa Lannes ²

Resumo

Este artigo apresenta um estudo de caso, cujo objetivo geral é identificar as expectativas dos membros de uma loja maçônica acerca de suas reuniões. Para isso o estudo investiga as representações sociais de 26 maçons em buscas dos elementos com maior importância no esquema cognitivo do grupo. A pesquisa apresenta como suporte teórico e metodológico a Abordagem estrutural das Representações Sociais e a Teoria do Núcleo Central. Com estas ferramentas foi possível identificar um conjunto de expectativas comuns fortemente compartilhadas entre os participantes sobre o que é estar 'em loja': uma fraternidade em harmonia e voltada ao estudo.

Palavras-chaves: Maçonaria; Representações sociais.

Abstract

This paper shows a case study whose general purpose is to identify the thought of a masonic lodge members about their fraternity. For this the study investigates the social representations of 26 freemasons in search of the elements with greater importance in the group's cognitive scheme. The research presents as methodological support the Structural Approach of Social Representations and the Core Nucleus Theory. With these tools, it was possible to identify a set of commonly shared thought among participants about what it is to be 'in-lodge': a fraternity in harmony and focused on study.

Keywords: Freemasonry; Social Representations.

¹ Diego Mota é biólogo, especialista em Ensino de Ciências e Mestre em Biologia Geral pela UFRJ. Professor de Biologia do Colégio Pedro II. E-mail: diegoomota@gmail.com

² Denise Lannes tem Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Santa Úrsula (1980), Mestrado em Química Biológica (1996) e Doutorado em Ciências (2000), ambos na área de concentração em Educação, Gestão e Difusão em Biociências, pelo Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ. Atualmente é professora adjunto do Instituto de Bioquímica Médica (UFRJ) onde é coordenadora da pós-graduação *lato sensu* – Especialização em Ensino de Ciências e da pós-graduação *stricto-sensu* – Mestrado Profissional. É coordenadora da área de Prática Docente, da Diretoria de Extensão, do Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ). É Editora Chefe da Revista Em Formação. E-mail: lannesdenise@gmail.com

1. Introdução

De casa ao templo. Todos reunidos. Em loja! Os trabalhos se iniciam até som dos malhetes encerrarem a sessão. Os autores do artigo mostram certa preocupação. Apesar do apreço à Ordem se atentam com a falta de motivação de alguns irmãos. Motivação! O Aurélio (FERREIRA, 2018) se manifesta: “ter motivo de” fazer alguma coisa. O Prof. Dr. Roberto Lent, no livro ‘Neurociência da mente e do comportamento’ (2008), diz que é um pouco mais complexo. Contudo didático. Muitos dos nossos comportamentos são direcionados pelo sistema límbico. Uma área do cérebro que pode nos fazer querer repetir algo porque sentimos prazer. Do contrário, se não formos obrigados ou não necessitarmos fazer, simplesmente não faremos. Um dilema: o compromisso ou a motivação? Essa questão enfrentada na singularidade de uma loja maçônica da Baixada Fluminense é o objeto do nosso estudo.

Todavia a emergência dessa questão não é uma novidade nas discussões presentes na literatura maçônica. Diversos autores já trouxeram reflexões sobre o tema. Apesar disso, a produção propriamente acadêmica sobre o assunto é ainda escassa. Por esse motivo, além das necessárias pesquisas quantitativas, estudos de caso sobre maçonaria podem contribuir para montar o quebra-cabeça de se fazer Maçonaria na contemporaneidade. Eis a pretensão desse ensaio.

O nosso objeto: as expectativas dos membros de uma loja sobre suas reuniões semanais. Uma questão relevante naquele momento. Havia um problema: a baixa frequência. Apesar das iniciações recorrentes muitos iniciados escorriam entre os dedos. As causas poderiam ser inúmeras. Contudo os autores deste artigo objetivam alcançar o que os membros daquela oficina preterem ao estar ‘em loja’.

Analisar seus discursos seria uma possibilidade. Entretanto os discursos estão envoltos por nebulosidade. São uma manifestação intencional, cerceados pelos tabus relativos ao objeto falado e pelos rituais de condições circunstanciais. Consensos de que nem tudo pode ser dito (FOUCAULT, 2004). Discursos são politicamente estratégicos.

Uma saída oportuna para esse objetivo seria tornar palpável o pensamento desses portavozes. Seus referenciais de comportamento e orientação. Por esse motivo, as representações sociais se mostram um caminho promissor para a presente investigação. Não apenas para compreender a visão de

mundo do grupo investigado, mas para buscar estratégias e soluções para possíveis problemas e conflitos presentes nas coletividades.

2. Uma questão não tão recente!

São muitos os desafios enfrentados pelas sólidas instituições no século XXI. Um desafio sempre iminente frente às constantes transformações da humanidade. Contudo algumas dessas instituições atravessaram séculos e permanecem de pé. Para isso é preciso ter um sentido no mundo e relevância na vida de seus membros. Eis o coração de qualquer empreendimento organizacional. Uma reflexão também necessária na Maçonaria brasileira, a qual

parece enfrentar uma crise de identidade, ou melhor, uma crise de obsolescência (...) uma situação similar a de um daqueles vendedores de enciclopédias de porta em porta, que vendia dezenas de coleções por semana no século passado, e hoje vive da lembrança daquela época, queixando-se de como a internet pôs um fim em sua profissão (ISMAIL; 2013 p.19).

Todavia essa é uma questão não tão recente. Alguns autores têm chamado atenção quanto à relevância da Maçonaria nos tempos atuais (ZELDIS, 2002). Segundo Doron (2011 p.2) uma demanda que necessita de investigações e ações. Caso contrário, “veremos o interesse de muitos Irmãos se perder. Aqueles que vêm buscando relações intelectuais se desapontam e logo saem”. Por esse motivo, o autor sugere “satisfazer as necessidades intelectuais como uma parte importante de nossas Lojas”.

Um alerta já destacado por diversos relatórios sobre o número de membros das Obediências Maçônicas. Leite (2013) aponta que o Grande Oriente do Brasil (GOB), no ano de 2012, com suas 2758 Lojas federadas, teve um crescimento vegetativo em relação ao número de novos membros. Entretanto, sem considerar os falecimentos, o GOB teve uma evasão de 7326 membros. Foram 6023 novos iniciados naquele ano. Um saldo negativo em relação ao número de membros em 2012.

Quais seriam as causas dessa situação? Para Bernardo (2013) esta estagnação numérica está relacionada não apenas a evasão de membros. Deve-se considerar também à grande diversidade de lojas ma-

çônicas por todo o país. Muitas Lojas, muitas Ordens Maçônicas, conflitos e desagregação.

Alertados por essas observações alguns pesquisadores do campo tem empreendido em compreender as causas dos desligamentos de um expressivo número de membros da Ordem. Já nos anos 1990, em busca de luz quanto ao tema, Rosa (1997) entrevistou 100 pessoas que se desligaram da Ordem. Alguns dados merecem destaque nesta pesquisa. 1/5 dos entrevistados tinham menos de cinco anos de Maçonaria até o desligamento. 70% evadiram por problemas no seio da Ordem.

Piva (2014) destaca que diante das questões da contemporaneidade, "a falta de estudos é o que mais prejudica as Lojas, impede seu crescimento qualitativo e muito contribui para a evasão maçônica". Também faz alguns apontamentos para superar esse possível entrave, como "enxugar os assuntos administrativos para que possa sobrar mais tempo destinado aos estudos em Loja". Ainda segundo o autor

O grande desafio que temos hoje é o de fazer com que nossas lojas voltem a ser verdadeiras escolas de conhecimento e formação, com sessões atrativas, discutindo temas de interesse nacionais e internacionais, despertando em seus membros o interesse na participação intramuros e extramuros e diminuindo o percentual de evasão maçônica (PIVA, 2014).

Concordando com essas observações, Porfírio da Silva (2013) acrescenta que a perda de membros não está relacionada apenas à "falta de bandeiras de luta (...)" mas também em razão de uma série de outros fatores, dentre eles o desinteresse e a desmotivação".

Para compreender a motivação e evasão no seio da Ordem, de Moraes e Ismail (2017) mergulharam em um estudo de caso na Grande Loja do Distrito Federal (GLMDF). Segundo os autores, conflitos no seio da ordem apareceram como a principal causa de desligamento de membros (26.3%). No caso da GLMDF problemas profissionais aparecem em segundo lugar (21%). Contudo, a frustração com a Ordem e problemas com as reuniões, juntas (21%), aparecem em terceiro lugar.

Considerando estes apontamentos, perquirições acerca do cerne do problema são mais que rele-

vantes. São necessárias. Não apenas em busca de diagnósticos. Também é fundamental o desenvolvimento de estratégias para minimizar esta questão. Na Ordem, há membros que escorrem entre os dedos. Por esse motivo, as contribuições de estudos de caso são pertinentes. Seus resultados trazem informações relativas a cada particularidade. Contudo diante de uma questão institucional, podem oferecer informações a serem contrapostas ou acrescidas a investigações em escala maior. Ao mesmo tempo podem apresentar padrões de uniformidade e juntos contribuir para a compreensão da questão e para a busca de estratégias a fim de superar as limitações relativas ao tema.

3. Fundamentação metodológica: A abordagem estrutural das representações sociais

O profícuo campo das Representações Sociais vem se expandindo e se solidificando desde o início dos anos 1960, quando foi principiado por Moscovici (1961). As representações sociais, em síntese, são um conjunto de referenciais que permitem aos grupos sociais operarem seu funcionamento (JODELET, 2001).

Todavia, o termo representações sociais não se refere apenas ao conjunto de fenômenos que envolvem as relações humanas. Ele também se reporta à teoria construída para explicá-lo (SÁ, 1996). Enquanto fenômeno, as representações são um saber prático, uma forma de modelização do objeto.

Nessa perspectiva, surge na França, no fim dos anos 1970, uma escola que investiga as representações através de sua abordagem estrutural. Para essa escola os elementos que dão significado ao objeto representacional são organizados em diversas dimensões (WACHELKE, 2012). Essas dimensões são o núcleo central e sistema periférico, representados na Figura 1.

O estudo das representações sociais ganhou maior sofisticação com as contribuições da Teoria do Núcleo Central (ABRIC, 1998). Através desta proposta podemos caracterizar qualitativamente a estruturação dos significantes do objeto representacional (SÁ, 2002).

Segundo Abric, "toda representação gravita em torno de um núcleo central" (NC). Nele se situam os referenciais que dão sentido à representação. Os elementos do núcleo central "funcionam como esquemas que direcionam comportamentos e práticas

dos indivíduos” (ABRIC, 2003, p. 205).



Figura 1: Organização da estruturação de uma representação social com seu núcleo central e sistema periférico (AUTOR, 2016)

A investigação da organização do núcleo central de uma representação permite não apenas o estudo comparativo de diferentes grupos. Ela também se estende às mudanças que ocorrem na sua evolução dentro um mesmo grupo social em diferentes momentos. Com isso, é possível analisar os fatores envolvidos em suas modificações ou consolidações nas práticas sociais dos grupos. Além disso, essa análise possibilita conhecer o próprio objeto representacional e o que está sendo representada, tamanha importância dos elementos do NC (FLAMENT, 1994).

Considerando os papéis do núcleo central nas relações dos grupos sociais com seu universo, a presente investigação utiliza como suporte metodológico a abordagem estrutural das representações sociais como método investigativo. Tal apropriação, neste estudo de caso, se justifica pelo fato desses elementos serem os mais estáveis no esquema cognitivo do grupo. Uma representação só muda se houver alterações nesses elementos. Por esse motivo, explorar a centralidade das RS pode ser um caminho promissor para compreender as questões relativas a cada grupo social e propor intervenções em possíveis problemas, como no caso dos maçons participantes deste estudo.

4. A identificação da centralidade das representações sociais

Várias técnicas têm sido desenvolvidas para a identificação e validação do poder simbólico dos elementos do NC. Buscam-se as evocações que mantêm com o objeto da representação uma relação necessária, 'não negociável'. Isto quer dizer que, na visão do grupo considerado, esses elementos não podem ser dissociados do objeto, sob pena de este perder toda a significação.

Nesse objetivo consideramos duas características que permitem diferenciar os elementos do NC dos outros elementos das Representações Sociais: a saliência e a coocorrência. A saliência sugere o poder simbólico e associativo, visto que as noções centrais ocupam um lugar privilegiado nas representações. São mais salientes as palavras evocadas mais frequente e prevalentemente que as demais (MOLINER, 1994). As conotações próprias de cada grupo social apresentam "elementos lexicais com maior ou menor relação com outros elementos lexicais". A coocorrência de palavras com outros elementos da representação nos mostra seu poder associativo. Estes elementos coocorrentes "possuem maior importância em uma representação (centralidade) que aqueles destacados apenas por sua frequência" (GUIMELLI; ROUQUETTE, 2003, p.197). O grau de coocorrência considera os elementos da representação mais compartilhados entre os membros do grupo social.

Desta forma, decorreu-se para o grupo de maçons a análise da característica de saliência das cognições centrais para identificar a possível estrutura do Núcleo Central das RS acerca de 'estar em loja'. Em seguida, confirmou-se sua centralidade através do seu poder associativo, a fim de validar o seu poder simbólico. Por fim, como será apresentado nos resultados, identificou-se a centralidade desses elementos através do grau de compartilhamento daquelas informações entre os membros da Ordem.

5. Procedimentos metodológicos

5.1. Sujeitos da pesquisa

Foi escolhido um grupo social de Maçons, todos membros ativos de uma Loja Simbólica praticante do Rito Escocês Antigo e Aceito, jurisdicionada ao Grande Oriente do Brasil. O grupo é composto por 26 homens. A idade média do grupo é de 48,5 anos (desvio padrão 15). Dentre eles, no momento da pes-

quisa, 21 eram Mestres, dos quais 80% participavam de algum corpo filosófico maçônico. A Figura 2 mostra o tempo de atividade na Ordem desse grupo de Maçons.

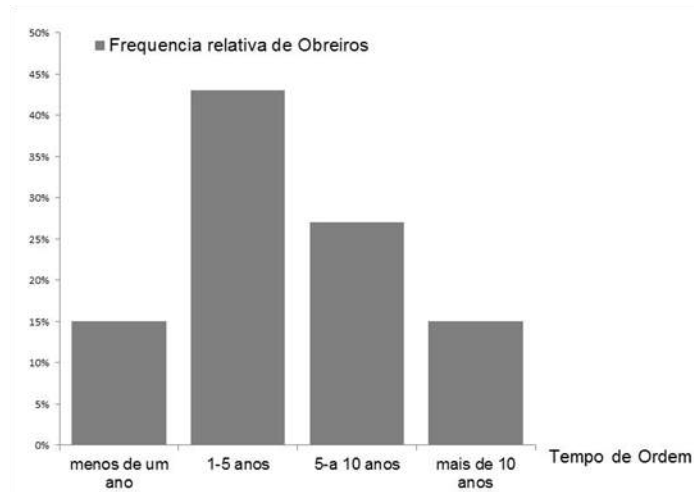


Figura 2: Representação Gráfica do tempo de Ordem Maçônica dos participantes da pesquisa

O tamanho da amostra foi definido em função de seu caráter qualitativo. O objetivo foi “explorar com profundidade o grupo em questão, pretendendo mais alcançar sua complexidade interna que fazer generalizações” (MINAYO, 2007, p.102).

5.2. O teste de associação livre de palavras

As representações sociais são um saber que pode ser alcançado através de diversas manifestações (JODELET, 2001). Uma das possibilidades é o teste de livre associação utilizado neste estudo. Trata-se de uma técnica projetiva orientada pela hipótese de que a estrutura psicológica do sujeito torna-se palpável através das manifestações de condutas, evocações, escolhas e criações. Estas se constituem como índices reveladores do conjunto da personalidade (COUTINHO, 2001).

A evocação livre de palavras, como técnica para coleta de dados constitutivos de uma representação, permite ao sujeito falar e escrever vocábulos que lhe venham à mente. Isto é feito após ser estimulado por uma palavra indutora que caracteriza o objeto de estudo (SÁ, 1996).

Essa técnica possibilita identificar a frequência e a ordem média de evocações de palavras, propici-

ando uma aproximação dos elementos de uma representação e a compreensão das distâncias estabelecidas entre as representações distribuídas sobre o plano gráfico (SÁ, 1996; TURA et al, 1998; COUTINHO, 2001).

Ao acessar os significados das RS é possível conhecer os nexos do alvo da investigação em um grupo social e acompanhar as modificações em suas relações e construções de mundo. Com isso, diante dos desafios que permeiam o cotidiano dos grupos sociais, podemos buscar ou sugerir soluções para os problemas e riscos em eventuais conflitos emergentes em sua temporalidade.

5.3. Coleta de dados

Nesta pesquisa, o estímulo indutor foi a expressão ‘estar em loja’. A expressão ‘em loja’ foi escolhida por ser mais que um termo presente no meio maçônico. Presente nos rituais e usada na ritualística de alguns ritos, essa expressão faz alusão ao momento no qual a assembleia oficialmente inicia suas atividades. Foi solicitado a cada um dos 26 participantes que listassem as seis primeiras palavras que lhes viessem à mente, relacionadas ao termo indutor. Antes de responder o questionário os participantes conheceram a proposta da pesquisa. Logo após, fizeram o teste de associação livre de palavras. No fim, responderam ao questionário de caracterização da população estudada. Foram seguidos os procedimentos éticos de pesquisa com seres humanos. A participação foi voluntária, anônima e individual.

5.4. Tratamento dos dados

A análise dos dados obtidos pelos testes de livre associação de palavras é definida como lexicográfica, por considerar a frequência e a ordem de evocação das palavras. Estes critérios permitem uma aproximação da noção de prototipicidade dos elementos de uma representação.

As respostas evocadas ao termo indutor ‘estar em loja’ foram analisadas e tratadas por seis dos 16 programas que compõem o software Evocation 2003® (VERGÈS, SCANO e JUNIQUE, 2002). O EVOC é um suporte lógico desenvolvido na França por Pierre Vergès e seus colaboradores.

O programa calcula, para o conjunto de palavras (corpus), a frequência simples de cada palavra evocada. Determina as ordens médias de evocação

de cada uma delas e a média das ordens médias de evocação. Este software organiza as palavras evocadas por frequência média e ordem média de evocação, a fim de fornecer hipóteses de elementos que constituem o núcleo central das Representações Sociais.

Parte-se do princípio que as palavras evocadas com maior frequência e nos primeiros lugares teriam uma maior importância no esquema cognitivo do sujeito. Neste caso, seriam as candidatas ao núcleo central (NC) da representação (SÁ, 1996a; 1998). Contudo, há também que se considerar o grau de compartilhamento dessas informações entre os sujeitos. Não basta que as palavras evocadas sejam as mais frequentes e prevalentemente lembradas pelos investigados. É necessário que essas informações sejam fortemente compartilhadas entre eles. Para isso, decorreu-se a análise do poder de coocorrência das evocações entre os membros do grupo.

5.5. O poder da Coocorrência

Um dos programas que compõem o software EVOC 2003®, o AIDECAT, organiza a matriz de coocorrência entre as palavras que compõem a Representação. O software Cmaptools® (IHMC, Florida) foi utilizado para construção do gráfico de ligação entre os termos.

A análise da coocorrência das palavras permite a visualização da organização das Representações Sociais a partir da força de ligação entre as evocações dos investigados. Assim, obtém-se uma representação gráfica que mostra a centralidade e a conectividade dos diversos elementos.

Nesta técnica admite-se que dois itens serão mais próximos na representação quanto mais elevado for o número de indivíduos que aceitem os dois ao mesmo tempo (FLAMENT, 1981). Essa relação pode ser expressa pelo percentual de coocorrência e representada em um gráfico de ligações entre os termos (VERGÈS; BOURICHE, 2001; SÁ, 2002).

6. Resultados e discussão

A fim de compreendermos a organização interna das Representações Sociais de Maçonaria para esse grupo, solicitamos aos 26 participantes da pesquisa que listassem seis palavras associadas livremente ao termo indutor 'em loja'.

A análise lexicográfica das 152 evocações desencadeadas pelo estímulo 'em loja', observando-se a frequência simples de cada uma delas, revelou um conjunto de 16 palavras diferentes. A razão entre o número total de evocações (152) e o número de evocações distintas (16) estabelece a ocorrência de uma elevada taxa de repetição das palavras (9,5). Esse valor sugere um domínio de significação de amplitude restrita, equivalente a 11% do universo léxico evocado (Tabela 1).

Para Moscovici (1984, p.71), nossas representações "determinam a natureza de nossos comportamentos e de nossas informações". Elas têm como referência básica o eu de um sujeito concreto que "forja sua identidade nas relações com o outro e com o mundo". Assim, quanto mais significativo for o contexto representado para aquele que o representa, mais forte é o envolvimento desse eu com a representação.

Tabela 1: Composição do corpus das palavras evocadas pelos maçons participantes deste estudo de caso

	Total
Universo das evocações ^(a)	152
Número de evocações distintas	16
Taxa de repetição	9,5
Amplitude do domínio de significação ^(b)	0,11
Total de sujeitos respondentes	26

Na Tabela: (a) O total de evocações não corresponde ao produto dos respondentes (26) por quatro evocações, porque dois respondentes fizeram cinco evocações; também não foram contabilizadas as repetições de palavras pelo mesmo respondente. (b) Percentual de Evocações distintas, calculado em relação ao Universo de Evocações (número total de evocações).

Com base nesses pressupostos, podemos assumir os domínios de significação que emergem das evocações sobre estar 'em loja' como configurações próprias dos maçons desta loja simbólica. São domínios identitários que não decorrem de processos de causa e efeito, simples e lineares. Ao contrário, manifestam-se por sua complexidade, envolvendo diferentes dimensões cognitivas, afetivas e sociais. Portanto, devem ser compreendidos não por sua natureza indi-

vidual, mas como síntese de totalidades, como um caminho para aproximação da identidade desse grupo.

A partir dessa configuração, Moscovici (1978) apresenta três condições que afetam a emergência dos domínios identitários: a dispersão e defasagem das informações, a focalização e a pressão para a inferência. A condição de baixa dispersão da informação pode explicar a estreita amplitude dos domínios de significados de 'em loja' para esses maçons (ver tabela 1, alta taxa de repetição e baixa amplitude de domínio de significação). Seguindo a teoria do autor, a dispersão seria proporcional à desigualdade com que as informações sobre em loja' foram recebidas pelos indivíduos, o que permite ou não "apreciar corretamente um fato, uma relação ou uma consequência" (MOSCOVOCI, 1978).

Se a dispersão é baixa, como apresentado nesse grupo de maçons, as informações necessárias ao grupo são facilmente acessadas. Não há dificuldade em sua delimitação e assimilação, seja por obstáculos de transmissão, de tempo ou disponibilidade. As informações circulam, e estão claramente definidas no grupo.

Entretanto, essas informações são, na maioria dos casos, ambíguas, imprecisas. Este defasamento é independente das clivagens sociais: não só a informação circula da mesma forma, como circula o mesmo tipo de informação em todos os grupos sociais (SÁ, 2002).

Portanto, o grupo de maçons, participantes desse estudo, parece apresentar coesão identitária acerca de 'em loja' (ver Tabela 1, alta taxa de repetição – baixa amplitude). Essa coesão poderia ser explicada como decorrente da condição de pressão para a inferência.

As pressões se referem à necessidade de construir um código que permita a troca de ideias e adaptação das suas mensagens a esse código, tornando-o comum. Essa pressão para inferência é referente à necessidade "de agir, de tomar posição e de obter o reconhecimento e a adesão dos outros" (JOULET, 2001, p.30)

De fato, falar sobre estar 'em loja', para esses maçons, é falar de uma experiência vivenciada apenas pelos membros da Ordem Maçônica. É expressar suas expectativas sobre aquilo que praticam por duas horas, em média, todas as semanas em suas assembleias.

As palavras evocadas sobre estar 'em loja' revelam o grau de implicação do grupo com o contexto em que se insere. Além disso, por sua baixa amplitude, revelam, também e principalmente, em seu conteúdo, a natureza dos comportamentos e das informações desse grupo. É seu domínio identitário. A análise do total de palavras evocadas (Tabela 2) mostrou que, entre os 26 respondentes, as palavras mais associadas ao tema indutor 'estar em loja' foram 'estudo' e 'fraternidade' (77%), 'harmonia' (59%) e 'amizade' (35%).

Tabela 2: Palavras mais evocadas pelos participantes da pesquisa para o termo indutor 'Em Loja!'

Maçons	
Frequência das citações	Evocações (n) ^a (%) ^b
Primeira mais citada	estudo (20) (77%)
	fraternidade (20) (77%)
Segunda mais citada	harmonia (17) (65%)
Terceira mais citada	amizade (15) (57%)
Total de sujeitos respondentes	26

Na Tabela: (a) Número de maçons que evocaram a palavra/ expressão. (b) Percentual dos maçons respondentes que evocaram a palavra/expressão.

Entre os maçons desta loja simbólica, 'estudo' e 'fraternidade' são as palavras mais citadas, sendo evocadas por 77% dos participantes. Em segundo lugar, aparece, citada por 65% dos participantes, a palavra 'harmonia'. O termo 'amizade' foi citado por 57% dos maçons, sendo a terceira palavra mais evocada.

A predominância desses vocabulários específicos - 'estudo', 'fraternidade', 'harmonia' e 'amizade' - indica a existência de certo "domínio contextual", um espaço semântico específico. Algo que excede os significados anotados nos dicionários, uma vez que se inscrevem na história dos falantes (REINERT, 2001). Com base nessa proposição, poderíamos supor, então, que para os maçons desta Loja as Representações Sociais acerca de 'em loja' é ter uma "fraternidade dedicada ao estudo, em um ambiente de harmonia e amizade".

Entretanto, a simples quantificação do conteúdo de uma representação não é suficiente para sua

definição e validação. A forma como esses conteúdos se organizam pode trazer significações de maior centralidade de determinados elementos das representações. Essa relação vai além da sugestão inicial, com base apenas na frequência das evocações (ABRIC, 2003, p.38). Portanto, o estudo das Representações Sociais só é possível a partir do levantamento dos seus núcleos centrais.

6.1. Identificação e validação do Núcleo Central (NC)

Várias técnicas têm sido desenvolvidas para a identificação e validação do poder simbólico dos elementos do NC. Buscam-se as evocações que mantêm com o objeto da representação uma relação necessária, "não negociável". Isto quer dizer que, na visão do grupo considerado, esses elementos não podem ser dissociados do objeto, sob pena de este perder toda a significação. Nesse objetivo consideramos duas características que permitem diferenciar os elementos do NC dos outros elementos das Representações Sociais: a saliência e o poder associativo.

A saliência sugere o poder simbólico, visto que as noções centrais ocupam um lugar privilegiado nas representações. São mais salientes as palavras evocadas mais frequente e prevalentemente que as demais (MOLINER, 1994). As conotações próprias de cada grupo social apresentam "elementos lexicais com maior ou menor relação com outros elementos lexicais". A coocorrência de palavras com outros elementos da representação nos mostra seu poder associativo. Estes elementos coocorrentes "possuem maior importância em uma representação (centralidade) que aqueles destacados apenas por sua frequência" (GUIMELLI; ROUQUETTE, 2003, p.197).

Desta forma, decorreu-se para o grupo de maçons a análise da característica de saliência das cognições centrais para identificar a possível estrutura do Núcleo Central da RS acerca de 'em loja'. Em seguida, confirmou-se sua centralidade através do seu poder associativo, a fim de validar o seu poder simbólico.

6.2. A análise prototípica das representações sociais

Extraímos, do total das 16 palavras evocadas pelos participantes da pesquisa, as nove palavras que obtiveram uma frequência igual ou superior a dez

citações. A frequência mínima adotada pelo grupo de pesquisa para investigar os elementos centrais das representações sociais, com base no tamanho da amostra e da sua representatividade total no estudo de caso: 30% da população.

As evocações 'estudo', 'harmonia' e 'amizade' compõem o núcleo central (NC) das Representações Sociais acerca de 'em loja' para os membros desta loja maçônica (Quadro 1 - Quadrante superior esquerdo). O quadrante superior esquerdo reúne os elementos que possivelmente constituem o núcleo central das representações sociais. Nele estão as palavras com maior frequência e prontamente evocadas pelos participantes.

No quadrante superior direito, aparecem os elementos do núcleo periférico limítrofe. São elementos candidatos a fazer parte do núcleo central da representação do grupo. Apesar de terem evocação tardia, possuem alta frequência entre os participantes do estudo. Compõem esse núcleo fraternidade', 'crescimento', 'trabalho' e união.

O quadrante inferior esquerdo reúne elementos que revelam um pensamento muito importante, mas para poucos indivíduos. Contudo, não é o pensamento majoritário. Esse núcleo marginal pode revelar a presença de um subgrupo na coletividade. Para eles a 'filantropia' é muito importante para as atividades de uma loja maçônica.

No entanto, Abric (1994) esclarece que as dimensões quantitativas de frequência e força de evocação não são por si só determinantes do caráter inegociável dos elementos mais centrais. Há também que considerar sua dimensão qualitativa, isto é, se este elemento é ou não aquele que dá sentido à representação. Para isto, é necessário que, além da prevalência, o NC assuma, através da conectividade, o caráter da centralidade, em torno do qual se organizam os elementos periféricos.

Quadro 1: Quadro de quatro casas com os possíveis elementos constituintes dos núcleos central e periféricos das Representações Sociais de 'em loja!'

	Grande Força de Evocação			Pequena Força de Evocação		
		f	OME <2,4		f	OME ≥2,4
Alta Frequência f ≥ 12	estudo	20	1,9	fraternidade	20	2,6
	harmonia	17	2,5	crescimento	13	2,6
	amizade	15	2,3	trabalho	12	3,2
				união	12	2,8
Baixa Frequência f < 12	filantropia	11	2,5	renovação	10	2,6

No quadro, f é a frequência simples de evocação; A mediana da Frequência de Evocações é igual a 12. A média da Ordem Média de Evocações (OME) é igual a 2,4. As evocações com frequência menor que 10 (dez) foram desprezadas. No quadro, força está associada à prevalência na evocação, onde a palavra citada na primeira posição tem força maior (igual a um) do que a citada na segunda posição (força igual a dois) e assim sucessivamente. Portanto, quanto menor o valor da OME maior a força de evocação.

6.3. Confirmação da centralidade das representações sociais de 'em loja!'

Seguindo essa orientação, procedamos à análise da colocabilidade léxica das evocações. Para isso, investigamos a coocorrência entre os próprios elementos constituintes da representação de estar 'em loja!', aqueles mais frequentemente evocados entre os participantes da pesquisa.

Considerando o caráter qualitativo da pesquisa como estudo de caso e a representatividade da totalidade dos membros ativos da Loja na amostra (100%), foram selecionadas para essa análise palavras com frequência mínima de dez citações, evocadas por dez (10) ou mais respondentes (seis ou mais cocitações), uma representatividade mínima próxima de 30% entre os 26 respondentes. Através da matriz de coocorrência de palavras gerada programa AIDECAT, identificou-se as evocações que tiveram uma coocorrência em pelo menos 1/3 do grupo amostral, valor próximo de 33%, como mostra a Figura 3.

A estrutura da árvore máxima de similitude sugere que o elemento da periferia limítrofe 'fraternidade' faz parte da centralidade das representações sociais, com base em sua coocorrência forte

com os outros elementos do núcleo central.

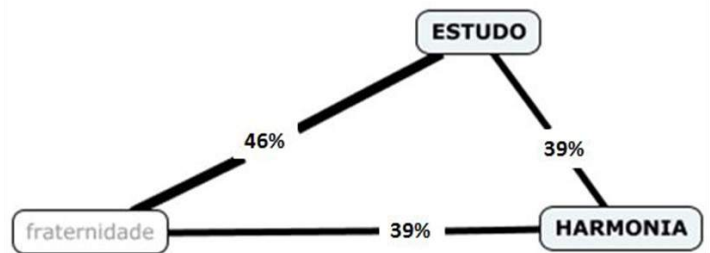


Figura 3: Gráfico de coocorrência - Árvore máxima de similitude das Representações Sociais acerca de 'em loja!' para os membros de uma loja maçônica

* As palavras destacadas em negrito e caixa alta são elementos do Núcleo Central das Representações Sociais desses maçons. A espessura das arestas reflete a porcentagem de participantes que citaram as duas palavras ao mesmo tempo. As porcentagens equivalem respectivamente a 12 pessoas (46%) e 10 (39%).

A presença de poucos elementos na árvore máxima de similitude é rara em estudos de representações sociais. Quase sempre essas representações gráficas são ramificadas e apresentam muitas evocações, dada a dispersão das informações nos grupos sociais. Além disso, o forte grau de compartilhamento desses elementos pelos membros desta loja maçônica ratifica o pensamento representado no plano gráfico relativo a estar 'em loja'. Para o grupo a informação é bem clara: 'em loja' deve ser um momento no qual "a fraternidade convive em harmonia e se dedica ao estudo".

Todavia, diante do pensamento coletivo traçado em uma árvore máxima de similitude, este estudo traz um retrato significativo deste grupo. As informações estão muito claras para esses sujeitos. A ideia do que é estar 'em loja' é bem definida. De fato, o número de participantes neste estudo é expressivo para um estudo de caso, sua totalidade. Seus resultados apresentam as expectativas dos membros de uma loja maçônica acerca de suas reuniões. Por outro lado são dados muito particulares, concluintes apenas para esta investigação. No entanto, espera-se com este artigo oferecer um quadro e contribuir para as reflexões nesta área.

7. Considerações finais

Apesar das limitações estatísticas da presente

investigação seus dados são consonantes com pesquisas que estão na fronteira do conhecimento nesta área. Em 2018, Ismail e colaboradores fizeram um levantamento com cerca de 8000 maçons no Brasil sobre a Ordem no século XXI. O estudo teve como respostas mais evocadas ao termo 'O que a maçonaria deveria fazer e não está fazendo ou está fazendo pouco' duas questões identificadas na centralidade das representações sociais da presente análise. Em primeiro lugar apareceu naquele estudo 'a melhor seleção de membros' (47%). Em segundo, 'uma educação maçônica de qualidade' (37%).

Ao irem de encontro aos resultados deste estudo de caso, a pesquisa de Ismail (2018) traz aspectos que testificam a presente investigação. Apesar disso, esta é uma questão que requer mais levantamentos acerca das particularidades no seio da Ordem Maçônica. Com base nos elementos centrais do pensamento dos membros da loja maçônica analisada nesse artigo, os membros desta célula da Ordem, ao estar 'em Loja!', esperam da fraternidade harmonia e estudo. Com base nesse diagnóstico, traçar estratégias para fomentar boas práticas nos relacionamentos dos membros da loja e balancear as questões cognitivas durante as reuniões pode ser um caminho perspicaz para valorizar as pretensões de seus integrantes. Embora outras questões relativas às particularidades de cada loja também mereçam investimentos e análises investigativas.

Acima de quaisquer apontamentos, devemos ponderar que a Maçonaria é um grupo social secundário. Um grupo no qual as pessoas entram voluntariamente. No qual podem se desligar da mesma maneira (COOLEY, 1902). Desta forma, se as necessidades básicas de satisfação pessoal daqueles que investem seus recursos cronológicos e monetários em uma causa não forem consideradas, especificamente em tempos líquidos, o 'trabalho das danaiades', as quais deveriam encher de água um grande tonel de barro sem fundo, seria uma alegoria relativa a perda de membros pela Ordem Maçônica por evasão.

8. Referências

ABRIC, J. A abordagem estrutural das representações sociais. *Estudos interdisciplinares de representação social*, v. 2, n. 1998, , 1998; p. 27-38.

_____; Prácticas sociales y representaciones; Las representaciones sociales: aspectos teóricos. *Pratiques sociales et représentations*. 2003. p.1-32.

BERNARDO, J. *A nova maçonaria*. 2013. blog. Disponível em https://colunas.gospelmais.com.br/maconaria_6305.html acesso: 18/04/18

COOLEY, C.1902 *Human Nature; Nature, Human. the Social Order*. New York: Charles Scribner's Sons, 1902.

COUTINHO, M . A Utilização das Técnicas Projetivas na Abordagem das Representações Sociais. In: II Jornada Internacional de Representações sociais: questões metodológicas, 2001, Florianópolis. *Anais do II Jornada Internacional de Representações sociais: questões metodológicas*, 2001. p. 126-126.

DE MORAIS, C; ISMAIL, K. Motivação e evasão no trabalho voluntário: Um estudo de caso na Grande Loja Maçônica do Distrito Federal. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 4, n. 1, 2017.

DORON, D; 2006 Is Freemasonry STILL RELEVANT? *Pietre Stones – Revewe of Freemasonry* disponível em: http://www.freemasons-freemasonry.com/freemasonry_2006.html acesso: 18/04/18

FERREIRA, A. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. In: *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2004.

FLAMENT, C. *Estrutura e dinâmica das representações sociais*. As representações sociais, 2001, p. 173-186.

FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. Edições Loyola, 2004. 79 p.

GUIMELLI, C; ROUQUETTE, M. Contribution du modèle associatif des schèmes cognitifs de base à l'analyse structurale des représentations sociales. *Bulletin de psychologie*, v. 45, n. 405, 1992, p. 196-202.

ISMAIL, K. *Relatório de pesquisa: "CMI – maçonaria no século XXI"* 2018; disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/wp-content/uploads/2018/04/RELAT%C3%93RIO-CMI.pdf> . ACES- SO: 20/04/18

_____; Porque a Maçonaria brasileira está perdida: uma análise comparativa da influência dos diferentes lemas sobre as atividades maçônicas. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 1, n. 1, 2013.

JODELET, D. et al. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 17-44, 2001.

LEITE, HP , *Evasão maçônica: um problema recorrente, sem solução a curto e médio prazo*. blog. Disponível em <http://fernandopaivarf.com.br/artigos.html?auth> Acesso: 18/04/18

LENT, R. *Neurociência da mente e do comportamen-*

- to. Grupo Gen-Guanabara Koogan, 2008.
- MINAYO, A. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. ed. Petrópolis: Vozes, 2007; 80 p.
- MOLINER, P. *Les méthodes de repérage et d'identification du noyau des représentations sociales*. Structures et transformations des représentations sociales, 1994, p. 199-232.
- MOSCOVICI, Serge. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, v. 1961, 2012.
- _____; The phenomenon of social representations, *Social Representations*, Cambridge: Cambridge University Press. 1984. p.3-69.
- _____; *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Vozes, 2009. 404 p.
- PIVA, M. As Lojas Maçônicas: (Desafios e Entraves) 2014 *Revista Bibliot3ca*, 2014. Disponível em: <https://bibliot3ca.com/2014/01/31/as-lojas-maconicas-desafios-e-entraves/> cesso: 18/04/18.
- PORFÍRIO DA SILVA, A. A maçonaria do presente e do futuro 2013 *R2CPRESS*, 2013. Blog. disponível em: <http://www.r2cpres.com.br/v1/2013/09/29/a-maconaria-do-presente-e-do-futuro/>acesso: 18/04/18
- REINERT, M. Alceste, une méthode statistique et sémiotique d'analyse de discours. (Application aux "Rêveries du promeneur solitaire".) *La Revue Française de Psychiatrie et de Psychologie Médicale*, (2001) V (49), p. 32-37.
- ROSA, GM. *A Admissão e a Evasão Maçônicas – Uma Reflexão Metodológica*, 1997. Luzes Editora. 1997.
- SÁ, C.; *Núcleo central das representações sociais*. Vozes, 2002. 97p.
- _____; Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. *Temas em Psicologia*, v. 4, n. 31.1996, p. 19-33.
- TURA, L; JODELET, D.; MADEIRA, M. Aids e estudantes: a estrutura das representações sociais. *AIDS e representações sociais: à busca de sentidos*, 1998, p. 121-154.
- VERGÈS, Pierre; SCANO, S.; JUNIQUE, C. *Ensembles de programmes permettant l'analyse des evocations*. Manuel version, v. 2, 2002.
- WACHELKE, J. Social representations: a review of theory and research from the structural approach. *Universitas Psychologica*, v. 11, n. 3, 2012; p. 729-741.
- ZELDIS, L. The future of freemasonry: challenges and responses; *Pietre Stones – Revew of Freemasonry*. disponível em: <http://www.freemasons-freemasonry.com/zeldis05.html> acesso: 18/04/18.

O PROCESSO DE FUNDAÇÃO DA LOJA MAÇÔNICA LUZ E FRATERNIDADE: 1954-1957, FEIRA DE SANTANA - BA

(THE FOUNDATION PROCESS OF LIGHT AND FRATERNITY MASONIC LODGE: 1954-1957, FEIRA DE SANTANA—BA)

Israel Santos Silva ¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo compreender como se deu o processo de fundação da Loja Maçônica Luz e Fraternidade considerando o contexto feirense do fim séc XIX e início XX e os sujeitos presentes no processo por meio do conceito de sociação e os preceitos teóricos: razão, progresso, fraternidade, liberdade, igualdade e moral. Buscando entender as relações envolvidas neste processo e como estas se propagaram durante o processo de fusão da Loja Maçônica Luz e Fraternidade.

Palavras-chaves: Maçonaria; Feira de Santana; Sociação.

Abstract

This article aims to understand how was the foundation process of the Masonic Lodge Luz e Fraternidade, considering the context of the city of Feira de Santana of the late nineteenth century and early twentieth and the subjects present in the process through the concept of membership and of the theoretical precepts: progress, freedom and fraternity. Seeking to understand the relationships involved in this process and how they spread during the merger process of two lodges which led to the foundation of Luz e Fraternidade.

Keywords: Freemasonry; Feira de Santana; Membership.

¹ Israel Santos Silva é Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Linhas de pesquisa: Ensino de História, Culturas Escolares e Cotidiano. Participante do GEPENH - Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de História. E-mail: israel-santos-silva@live.com

1. Introdução

A maçonaria tem sido alvo de teorias conspiracionais e narrativas diversas ao longo do anos, pensá-la historiograficamente torna-se desafio pelas narrativas diversas que a rodeiam oriundas da comunidade externa e interna desta instituição. O textos escritos sobre a maçonaria geralmente foram em sua maioria até o presente momento escrito por maçons interessados em enaltecer a história desta ordem perante a sociedade a colocando sempre como exemplo de progresso.

A escrita positivista sobre a maçonaria foi predominante principalmente no século XIX, época a qual podemos citar como exemplos Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-78) e Manuel de Oliveira Lima (1867-1928) que divergiam quanto a nacionalidade da intenção da maçonaria com relação ao Brasil, mas ambos preocupados em demonstrar o empenho da maçonaria brasileira em defender a legitimidade de um regime político pautado na lei devido o principal debate da época ser qual seria o melhor regime político para a nação.

No século XX com uma abordagem marxista, Caio de Prado Jr. (1907 - 1990), afirma ao estudar o processo revolucionário de queda da colônia que este aconteceria com ou sem atuação maçônica devido a fatores econômicos e de estrutura das relações sociais, assim, a maçonaria assume em Prado Jr. apenas e somente papel de instrumento. Célia M. Marinho de Azevedo (1997) afirma que "podemos identificar em Prado Jr. o início da tendência de negação de uma identidade maçônica aos personagens atuantes no processo de emancipação política do Brasil." Segundo Prado Jr. a história da maçonaria no Brasil não passou de uma relação instrumental e secundária. Os maçons brasileiros em essência são brasileiros e este fator teve mais importância na atuação política do que ideário maçom (AZEVEDO, 1997).

A partir do meio para o fim do século XX, em 1970, a abordagem de uma Nova História Política possibilitou abordar a maçonaria como um novo objeto, uma nova temática que aborde os poderes, o que se sabe sobre esses poderes e práticas discursivas (FALCON, 1999) assim possibilitando problematizações observando representações, mentalidades, imaginários, símbolos, signos e memória coletiva.

É através dos novos objetos e perspectivas de pesquisa histórica que se tem iniciado novas pesquisas sobre a história da maçonaria, partindo da 'invisibilidade' maçônica apontada por Marinho de

Azevedo, principalmente nas visões de Nova História Política e Intelectual. A sociabilidade maçônica passa a ser objeto de reflexão social, psicológica e política (AGUILHON, 1984). E por qual motivo não seria histórica também ?

A pesquisa acadêmica em torno da maçonaria apresenta diversas dificuldades, empecilhos ao pesquisador: poucas fontes, poucos trabalhos acadêmicos e por isso o pesquisador da história da maçonaria deve ter muita vontade, empenho, dedicação e disciplina em realizar sua pesquisa e obter seus resultados, parte disso se dá pelo que Souza (2015) chama por complexibilidade dos preceitos e fundamentos da instituição, para que o pesquisador não corra o risco de compreender a maçonaria como instituição monolítica, a-histórica e superdimensionada.

Com o objetivo de compreender a maçonaria feirense do século XX, em especial a fusão de duas lojas maçônicas, de forma histórica, apelamos à compreensão sociológica de sociedade de Georg Simmel (1983, 1986, 1998, 2006) dialogando os conceitos de cultura e poder com preceitos de Souza (2015) sobre maçonaria, levando em consideração, os também conceitos de Simmel, sociação e a sociabilidade, isto pois para Simmel sociedade é resultado das interações entre sujeitos, as formas pelos quais estes indivíduos se relacionam - sociação, e o desempenho e convivência dentro destas sociações de sociabilidade, sendo as relações podendo ser classificadas em conflitivas, de interesse mútuo ou dominação.

O que leva então, partindo destes pressupostos teóricos, duas lojas maçônicas dentro de um contexto de expansão territorial e comercial da cidade de Feira de Santana na Bahia a realizarem uma fusão? Qual a classificação da relação entre estas lojas levando em conta a conceituação de Simmel?

2. Esquadro e Compasso: Considerações Teórico - metodológicas

Devemos pensar também questões teóricas-metodológicas antes de prosseguirmos na tentativa de responder estas perguntas no esforço de aprimoramos nossas ferramentas para feitura de um bom produto. Como os conceitos de sociação e sociabilidade se aplicam na análise histórica da maçonaria?

A sociedade pela perspectiva de Simmel (2006) é oriunda de uma complexa rede de interação entre indivíduos, interação essa motivada por diver-

os fatores como paixão e vontade, logo a essência, da sociedade é a relação entre sujeitos de forma cotidiana de maneira diversa. Assim os sujeitos estão conectados “uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (SIMMEL, 2006, p.17).

Assim a socição é a processo das manifestações da interação dos sujeitos sendo definida como “[...] o processo permanente do vir-a-ser da vida social, processo sempre in fieri, que está acontecendo sem que se possa dizer que já aconteceu”. (SIMMEL, 1983, p. 31) e vale ressaltar que devemos compreender a

associação como processo social básico, que denota o dinamismo constitutivo da vida social, não se confunde nem com a socialização nem com a associação, uma vez que dá conta não de conteúdos, mas da “forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfaçam seus interesses (SIMMEL, 1983, p. 166 *apud* OLIVEIRA; VIEIRA, 2015).

Por sua vez o conceito de sociabilidade é compreendida como a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer seus interesses, onde o material, forma e conteúdo,² são processos indissociáveis (SIMMEL, 2006). A sociabilidade diz respeito não ao objetivo, o porquê, pelo qual o grupo se forma, mas o interesse em comum na própria reunião social dos indivíduos envolvidos junto ao sentimento de pertencimento a determinada associação, grupo etc., não necessariamente importando em primeiro plano o objetivo do grupo.

Este aspectos de estar em determinado grupo pelo interesse nele em si leva pessoas com diferentes objetivos a conviverem, pois “todas essas formas de socição são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da sociedade enquanto tal” (SIMMEL, 2006, p.64). Reconhece-se então que na sociabilidade existe um processo que torna o fim em si, devido a materialidade, forma e conteúdo, se fundem e se definem constituindo um fenômeno social que não leva em conta uma razão, senão o interesse dos membros.

² tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica (...) tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros (SIMMEL, 2006, p.60).

Podemos alocar esse o sentimento de identidade coletiva e coesão do grupo por meio do conceito de socição, sendo a sociabilidade a invenção livre do social através da relações interpessoais, não necessariamente encaixando dentro da zona institucional e deixando rastros, expressando-se em discursos e símbolos. Tais rastros ou vestígios podem ser lidos como fontes de outras formas de socição que não estatal, mas ainda assim materializadas que atuam influenciadas e como influenciadoras dos sujeitos.

Quais as fontes disponíveis ? Parte do ofício do historiador é lidar com fontes, que por meio de questionamentos poderão ou não fornecer determinadas informações. As fontes encontradas e acessíveis que possibilitaram a pesquisa foram produzidas por dois maçons feirenses: Alberto Alves Boaventura que realiza um esforço, memorialista, tentando se referendar algumas vezes no Jornal Folha do Norte e fotografias escrevendo o livro A Maçonaria no Oriente de Feira de Santana que é um esforço de manter a memória da maçonaria feirense viva e um discurso pró união dando destaque a dissidências e processos de fundação com enfoque na ajuda mútua. Outro fonte foi produzida por Elizaherte Caires, que foi venerável mestre pela Loja Luz e Fraternidade e realizou um esforço pela manutenção da história da maçonaria na cidade com coleta de dados e fontes e a escrita de um texto repleto de informações coletados em atas.

Ambas as fontes demonstram uma noção positivista da história, esforços que possibilitam ao historiador ter acesso a fontes comentadas difíceis de serem alcançadas devido a maioria ser profano e as Lojas muitas vezes fechadas a este tipo de iniciativa. Ao pensarmos a escrita destas fontes devemos levar consideração que ambos não eram historiadores e assim se pensarmos o processo de pesquisa e escrita historiográfica como “[...] a relação com entre um lugar [...], procedimentos de análise [...] e a construção de um texto” (CETEAU, 2000, p. 66), tanto o processo memorialista de Boaventura quanto o esforço de Caires se difere do processo da pessoa iniciada na história, sendo assim os textos história, mas não historiografia.

As fontes utilizadas tem também em ponto em comum o foco de relatar o que consideram os principais fatos e seus principais agentes sem a mes-

ma preocupação e perícia teórico-metodológica com as fontes e fatos, mas de escritas semelhantes à História Política Tradicional positivista, valendo ressaltar que também apologética.

Desta forma para compreender a maçonaria de forma histórica, não monolítica, não superdimensionada proponho entendermos esta como um espaço oriundo da socialização, onde sujeitos de interesses em comum, ou não, se utilizam da rede de sociabilidade para alcançar objetivos, dentro de espaços e tempos, contextos políticos, religiosos e econômicos. Assim refaço a perguntas: O que leva então, partindo destes pressupostos teóricos, duas lojas maçônicas dentro de um contexto de expansão territorial e comercial da cidade de Feira de Santana na Bahia no séc XIX a realizarem uma fusão? Qual a classificação da relação entre estas lojas levando em conta a conceituação de Simmel?

3. Oriente feirense

No Brasil a história de implementação da maçonaria perpassa pelas relações internacionais dos expoentes europeus maçônicos: Inglaterra e França, que não por acaso também eram os expoentes da economia e do discurso de modernidade. Há relatos da presença de maçons pelas cidades litorâneas brasileiras de modo avulso como Olinda, Salvador e Rio de Janeiro e podemos dar destaque a Sebastião José de Carvalho, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal (KLOPPENBURG, 2000) porém sem organização federativa, ou como os maçons falam, uma Oficina justa, perfeita e regular.

Podemos destacar os clubes secretos como ensaios a organização da maçonaria no Brasil. Na capitania de Pernambuco podemos destacar a Academia Suassunas, a Universidade secreta de Antônio Carlos e a Escola Secreta de Guimarães Peixoto; na Bahia podemos pensar a Cavaleiro da Luz como uma movimentação de ideais libertários que se alinham a maçonaria e é importante frisar Cipriano Barata, Francisco Agostinho Gomes e José Borges de Barros como um dos principais articuladores tanto dos Cavaleiros da Luz quanto da Conjuração Baiana. Assim como associa-se os ideias revolucionários da conjuração baiana a pensamentos maçônicos, isto também ocorre com diversos acontecimentos brasileiros do séc XIX, como a inconfidência mineira, independência do Brasil, dentre outros.

Em 1801 fora fundada e instalada a primeira

loja maçônica devidamente reconhecida, 'Reunião' filiada ao Grande Oriente Francês usando o Rito do respectivo Oriente, Moderno ou Francês. Ao ser informado que no Brasil havia uma loja filiada ao oriente francês, Portugal filiado ao Grande Oriente Inglês, enviou em 1804 um representante que falhou na missão de subordinar a loja, e assim acabou por fundar outras duas lojas. Koppenburg (2000) afirma que encontramos nesta ocasião desde o começo "a semente da discórdia no seio da maçonaria no Brasil."

As iniciativas baianas de fundar lojas maçônicas foram positivas: em 1802 fora fundada a 'Virtude e Razão', em 1807 a 'Humanidade' e em 1813 a 'União' e tendo três lojas regulares em funcionamento na Bahia fundou-se então o primeiro Grande Oriente Brasileiro, que devido a uma revolução em 1817 tiveram seu funcionamento encerrado, ou como dizem os maçons: colunas adormecidas.

Na cidade de Feira de Santana, situada no interior da Bahia, a fundação da primeira loja maçônica tem duas datas diferentes. Alberto Alves Boaventura (1981, p.14) afirma que fora fundada a Loja Maçônica Caridade e Segredo Feirense em 1882 filiada ao Grande Oriente do Brasil pelos seguintes membros: Agostinho Fróes da Mota, Barbarino Alves de São Boaventura, Antonio dos Santos Rubem, Valentim José de Souza, Romão Vasco Marinho, Cirilo da Silva Carneiro, José Pedro de São Leão, José Antunes Guimarães e Cicero da Silva Carneiro instalada em na Rua Conselheiro Franco em um sobrado.

Segundo Elizaherte Ramos Caires (2006) esta mesma Loja fora fundada em 1884 e aponta como primeiro venerável o maçom grau 33 Antônio Lázaro de Oliveira Leitão. A diferença de datas podem ser resultado dos transmissões legais da maçonaria para reconhecimento da Loja como regular, porém mais interessante que as datas que divergem é a presença do nome de Agostinho Fróes da Mota, um coronel, homem de cor com riqueza considerável envolvido diretamente com a política regional.

Vale ressaltar a presença de Fróes da Mota, pois José Bonifácio, primeiro Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil, implementou a maçonaria brasileira um hábito da carbonária Italiana, conhecida como Alta Venda, a fim de fortalecer a rede de sociabilidade de interesse mútuo da maçonaria com membros influentes politicamente e de bens como nos relata Figueiredo Lima em Kloppenburg (2000) que são iniciados nas maçonarias locais a maior quantidade de homens influentes e ricos que seja possível. Este há-

bito proporcionou a maçonaria feirense meios de se estabelecer materialmente de forma estável em termos de bens materiais e uma rede sociabilidade poderosa política e economicamente.

Nossa fonte oriunda do memorialista Boaventura (1981) nos revela sobre o tempo de funcionamento da Caridade e Segredo Feirense:

(...) teve vida relativamente curta, talvez, pelas dificuldades da época ou pelo reduzido número de irmãos a ela filiados. Contudo, mesmo depois de adormecidas as suas Colunas, os irmãos viviam dentro e nos princípios de nossa Sublime Ordem, irmandade, ajudando a comunidade e mantendo contato com Lojas regulares em todo Brasil (BOAVENTURA, 1981, p.15).

É importante situarmos Feira de Santana do fim do séc XIX e início do XX para compreendermos a motivação da implementação da maçonaria na cidade mesmo que de forma breve; Este período, fim do séc XIX e séc XX, a cidade teve um considerável desenvolvimento socioeconômico, sendo esta um entroncamento que conectava os interiores da Bahia, como afirma Silva (2000), sendo que temos que levar em consideração o novo ideal republicano que proporcionou o desejo da busca pelo moderno, pela civilidade que se alinha com o preceito maçônico de progresso.

Preceito de progresso que Souza (2015) explica que bebe da fonte do Iluminismo entendendo que as sociedades possuíam histórias que atendiam às regras gerais e totais que possuíam um fim e finalidade em direção a um contexto moralmente justo e perfeito. A maçonaria se alimenta disto e acredita no progresso do coletivo tão quanto individual através da razão e ciência de forma cartesiana para um futuro de moral subjetiva baseando-se na moral e virtude. É importante salientar que não apenas acreditam no progresso inevitável da sociedade, como também acreditam ser vanguarda deste e usam deste discurso para valorizar a instituição perante a sociedade externa, profana. Assim se da parte da distinção entre o sagrado e profano na maçonaria, sendo eles sagrados por serem possuidores da responsabilidade, poder e luz de ser a ponta de lança do progresso no combate as trevas da ignorância e atraso.

O alinhamento do ideário republicano, com a

ascensão socioeconômica e a proximidade com cidades já possuidoras de maçonaria, mais especialmente a capital Salvador e a cidade da qual era um povoado, Cachoeira, tornou Feira de Santana um local propício à implementação da maçonaria com patrocínio de ricos comerciantes, a exemplo de Agostinho Fróes da Mota. A cidade então alcança no séc XIX o número de 6 Lojas maçônicas filiadas a diversos Orientes, muitas fruto de dissidências e uma com caso atípico de fusão das Lojas Luz e União e Fraternidade Paz e Progresso com articulação da Harmonia, Luz e Sigilo dando origem a Luz e Fraternidade.

3.1 Luz e União

Segundo Caires (2006), no dia 15 de janeiro de 1926 foi fundada/instalada a Loja "Cruzeiro do Sul" situada na Rua Conselheiro Franco, 38 - centro, já filiada ao Supremo Conselho do Brasil sob a presidência do Visconde de Jequitinhonha, vulgo Montezuma, com o rito Escocês Antigo e Aceito. E afirma que esta Loja não vigorou, pelo menos não com este nome, tendo em vista que quase todos os fundadores que criaram a Loja reuniram-se em 04 de março do mesmo ano e fundaram a Loja Luz e União situada à Rua Conselheiro Franco, 10 - centro sob os auspícios do mesmo Supremo Conselho e funcionando sob mesmo rito.

Já segundo Boaventura (1981, p.18) a Loja Luz e União fora fundada em 28 de Abril de 1928 e acrescenta 'sob auspícios da Soberana Grande Loja da Bahia' em um sobrado localizada na Avenida Senhor dos Passos nº31. Apesar das divergências notamos que ambas as fontes têm em comum demonstrar legitimidade da Loja associando-se a órgãos reconhecidos e as dificuldades de funcionamento durante o Estado Novo levando a adormecer as colunas em 1937 enquanto João Marinho Falcão era Venerável da mesma. A Loja acorda de forma regular em 21 de Abril de 1945/46 funcionando na rua Sales Barbosa, importante devido ao fluxo comercial. Em 1949 o prefeito da cidade, também maçom, Agnaldo Soares Boaventura viabiliza a doação de um terreno que em 1951 fora vendido para compra de um terreno no valor de 30.000,00 (Trinta mil cruzeiros). Vale ressaltar a presença de personalidades políticas atuantes e o uso da sociabilidade maçônica para fortalecimento da ordem.

João Marinho Falcão formado em direito, jornalista e extremamente atuante politicamente pelo

Partido Comunista do Brasil compunha os quadros da loja representa bem o perfil maçônico esperado da época: intelectual, de posses e que lute pelo bem comum. E o ato do recebimento de doação de terreno em área nobre mostra como as articulações políticas pela rede sociabilidade favoreceu a consolidação material desta Loja. Vale pontuar que a loja tinha alta atuação social patrocinando duas escolas; uma no distrito de Matinha e a outra no distrito de Angüera com os respectivos nomes de Escola Infantil Luz e União I e Luz e União II. Parte da preocupação com a educação é oriunda do ideal republicano de educação que se alinha com o preceito maçônico de liberdade,³ assim as escolas eram instrumentos do progresso.

presidida pelo Ir.'. Osvaldo Galeão dos Santos o Ir.'. Aurelino da Silva Passos informou que recebera em sua residência o Ir.'. Dorival Passos - Secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia, e num pequeno espaço de tempo pediu ao secretário que criasse uma escola em nosso prédio maçônico, o que foi prontamente acatado por aquela autoridade do Governo do Estado (CAIRES, 2006).

A escola foi fundada e com uniforme próprio que identifica que a mesma era patrocinada pela maçonaria:

Em 28 de junho de 1952 foi informado aos lrr.'. que o fardamento das escolas estaduais têm um modelo próprio, mas a nossa escola teria um triângulo do lado esquerdo do peito com as iniciais S.'. J.'. E.'. (CAIRES, 2006).

3.2 Fraternidade, Paz e Progresso

A história da fundação da outra loja que veio a se fundir com a Luz e União, a 'Fraternidade, Paz e Progresso', é de dissidência. Em julho de 1951 os maçons da Loja Segredo, Força e Aliança reunidos no prédio nº26 da Sales Barbosa decidiram fundar uma Loja filiado a outro Oriente, Grande Oriente Unido do Brasil, devido a insatisfação com o Grande Oriente do Brasil demonstrada através de um manifesto assinado por 34 maçons. E assim fora fundada a Loja Fraternidade Paz e Progresso sob os auspícios do Grande Oriente Unido do Brasil, sob o rito Escocês Antigo e Aceito (BOAVENTURA, 1981, p. 50-52).

"A Loja Fraternidade, Paz e Progresso implantou uma nova dinâmica na maçonaria feirense, realizando um trabalho maçônico intenso e algo proveitoso para comunidade, fundando a Escola São João da Escócia [infantil]" e justifica que isso se deve a mesma atrair para reunião maçons de diferentes potências e que "maçonaria não existem fronteira, sem condicionamentos de Potências ou de Lojas" (BOAVENTURA, 1981, p.50).

É importante frisar o processo de fundação do São João da Escócia como demonstrativo da sociabilidade maçônica e como esta permitiu em Feira de Santana a instrumentalização dos maçons envolvidos com a política em diferentes níveis, desde prefeituras ao governo estadual. Caires (2006) nos informa que em maio de 1952 numa sessão magna de iniciação

Podemos pensar o uso de um uniforme diferenciado como valor agregado ao capital simbólico da maçonaria e ao mesmo tempo um discurso sobre seus ideais relacionados a educação no século XX que se opuseram diretamente com a concepção do ensino confessional religioso. Percebemos que ambas as predecessoras da Luz e Fraternidade possuíam a preocupação com a educação, e com a identificação das escolas como sendo de patrocínio maçônico e para identificar as mesmas como sendo pertencentes a maçonaria isto é expresso desde os nomes aos fardamentos. Ambas a lojas com poder financeiro suficiente para manutenção de escolas, com uma rede de sociabilidade com um quadro relativamente grande para época, o que poderia levar a fusão?

3.3 Fusão

Para compreender a fusão das duas lojas citadas anteriormente devemos nos perguntar o motivo as fontes, e perguntando isto podemos traçar duas principais hipóteses: problemas financeiros e dissidências. Outro ponto a se pensar é como foi realiza-

³ A liberdade a primazia a nos debruçarmos é a de consciência, permitindo em seus diversos contextos, permitir ao homem afirmar-se em suas ideias a maçonaria atraiu os mais diversos intelectuais e formou espaços de formação política por meio de debates com a vantagem do segredo que transformou a instituição em um abrigo em diferentes contextos de perseguição (SOUZA, 2015).

do o processo de unificação e a problemática da existência de mais de um Oriente reconhecendo-se legítimos.

Boaventura (1981) nos dá uma pista ao escrever sobre Loja Harmonia Luz e Sigilo, a qual foi membro fundador em 1953. Loja essa que assim como a Fraternidade, Paz e Progresso foi originada de conflitos internos e externos da Loja Maçônica Segredo, Força e Aliança, mas apesar dos conflitos a maçonaria feirense mostrou-se mantenedora do preceito de fraternidade ⁴ a começar realizar reuniões conjuntas.

[fora proposto pela Loja Harmonia, Luz e Sigilo] em 1954, às Lojas Fraternidade, Paz e Progresso e Luz e União, a realização mensal de uma sessão, em conjunto, entre as três lojas, e fossem discutidos assuntos concernentes à Ordem e escolha, ou melhor dizendo, julgamentos de novos candidatos à iniciações (BOAVENTURA, 1981, p.57-58).

Um ato atípico de reconhecimento, isto é, o Grande Oriente do Brasil não reconhecia como maçons os membros da Soberana Grande Loja da Bahia e vice-versa. Entretanto os laços da maçonaria feirense pareceu forma entre estas três lojas uma cadeia de união tendo sido realizado um jantar em dezembro de 1954 no Hotel da Euterpe (BOAVENTURA, 1981, P.58-59).

As fontes mostram grandes aproximações das lojas, principalmente para debater problemas da cidade e a construção de um "Palácio Maçônico" para as três lojas, algo que não foi concretizado, mas que viabilizou a mútua ajuda entre Luz e União e Fraternidade, Paz e Progresso para terminarem a obra de um templo em ponto de laje da Luz e União localizada na Av. Getúlio Vargas. Fora elaborado um contrato e no dia de assinatura do mesmo fora sugerido por Demóstenes Alves de Brito que as duas lojas se fundirem, formando apenas uma Loja, pois assim conseguiriam chegar ao objetivo maior: tornar feliz a hu-

manidade e a construção de um templo.

Ainda em 1956, veio a Feira de Santana Everal Bacelar, Sereníssimo Grão-Mestre do GLUB junto ao seu adjunto Carlos Maron que presidiu uma reunião com objetivo de transformar as três lojas em apenas uma. Boaventura relata que Asclepiades Negrito de Barros, Venerável Mestre da Luz e União, acatou ao pedido devido a difícil situação de sua oficina. Carlos Teixeira de Freitas, Venerável Mestre da Fraternidade, Paz e Progresso, concordou (BOAVENTURA, 1981, p.64-66).

Vale ressaltar o discurso de Boaventura quanto sujeito membro da Harmonia Luz e Sigilo, em seu texto escreve que a loja que estava sendo construída na Av. Getúlio Vargas estava em início de construção, enquanto outras fontes demonstram que o prédio estava já bem encaminhado. Isso pode ter ocorrido, pois foi delegado a Boaventura tentar unificar as três lojas no prédio da Harmonia, Luz e Sigilo, função que por não conseguiu executar e acabou por unificarem-se apenas a Luz e União com a Fraternidade, Paz e Progresso.

No mesmo ano em dezembro então nasce a Loja Maçônica Luz e Fraternidade filiada a Grande Loja Simbólica do Estado da Bahia funcionando em um dos ritos mais populares no Brasil e praticado em Feira de Santana, Escocês Antigo e Aceito em uma sessão extraordinária com a convocação de 90 maçons por carta e anúncios. Destacam-se na ata a presença de João Marinho Falcão, prefeito da cidade e maçom, Josias Mendes Leite - Delegado do Grão Mestre e Demóstenes Alves de Brito da Loja Nilo Peçanha Oriente do Rio de Janeiro.

Mesmo depois da fusão as lojas foram conduzidas como se fossem distintas, podemos entender isto evidencia o quão processual foi a fusão.

Após a fusão as reuniões continuaram sendo conduzidas como se fossem lojas distintas, ou seja, continuaram com reuniões conjuntas onde o cargo de Ven.'. Mest.'. era preenchido pelos Ilr.'. Asclepiades Ne-

⁴ que se estabelece em duas formas distintas, a primeira delas dentre os irmãos da ordem, funcionando como um auxílio material, o que em determinado momento abarcou por representar um importante instrumento de cooptação de homens para dentro da instituição como cita (SOUZA, 2015 apud BARATA, 1998), podendo apresentar ainda outras formas de leitura, a partir do momento que entendida como nova proposta de convívio baseada na cordialidade, no respeito e na conduta pacífica dos membros. A segunda forma de compreender a fraternidade se dá no campo da filantropia promovida pelo ordem nos espaços sociais pertencentes, gerando assim divulgação e enaltecimento das práticas maçons, gerando assim legitimidade em sua atuação e inserção na camada profana das sociedade com a lógica do clientelismo a partir da filantropia.

grito de Barros da Luz e União ou Carlos Teixeira de Freitas da Fraternidade Paz e Progresso, e o secretário citava os nomes das duas lojas. A primeira ocorreu dia 21 de dezembro de 1956 onde o Ir. Demóstenes Alves de Brito – Orad.!, detalhou novamente os procedimentos a serem adotados com referência aos trâmites legais. Nessa sessão foi discutido e votado o nome da nova Loja, apresentando o seguinte resultado: União e Fraternidade - 00 votos, Deus e Natura - 01 voto, Luz e Progresso - 04 votos, União e Progresso - 04 votos, Luz e Fraternidade - 41 votos (CAIRES, 2006).

Podemos notar então que um dos problemas, frequência, fora resolvido pelo número de votantes e a quantidade de reuniões no espaço: duas vezes por semana, sendo ambas conjuntas variando apenas quem coordenava de acordo ao dia. Em uma reunião realizada em fevereiro de 1957 foi solicitado que “que não mais fizesse distinção entre os Ir. de Luz e União e Fraternidade Paz e Progresso, e que as correspondências emitidas fossem em nome de Luz e Fraternidade. Sugeriu ainda, que utilizássemos o regimento interno de Luz e União para formular o nosso novo regimento” (CAIRES, 2006).

A regularização da Loja ocorreu em sessão magna ocorrida em 13 de abril de 1957, e em 19 de junho do mesmo ano foi empossada a primeira diretoria para o período de 1957/1958, com a presença de 84 maçons filiados e 20 visitantes as fontes destacam:

o Ir. Orígenes Calmon Grande Chanc.!, Adjunto e representante do Grão Mestre; João Marinho Falcão - Prefeito do município, Josias Mendes Leite - Delegado Distrital, e representantes das lojas: Segredo Força e Aliança, Harmonia Luz e Sigilo do Or. de Feira de Santana, e Deus e Fraternidade Serrinhense do Or. de Serrinha-Ba (CAIRES, 2006).

Assim percebemos que no sentido de resolver os problemas financeiros e de frequência a fusão das lojas surtiu efeito, se apropriando do conceito de fraternidade para superar diferenças e prezar a irmandade e funcionamento da Ordem na cidade por meio da sociabilidade para alcançar objetivos. A fusão foi re-

sultado de um processo de confraternizar maçons, mesmo de diferentes Orientes, junto a conquista nos âmbitos públicos e privados por meio de articulações com poderosos maçons políticos e donos de bens que buscavam cumprir de modo cartesiano as ações da maçonaria para chegar a um bem como subjetivo: felicidade, progresso, modernidade e civilidade que para os maçons da feira do séc XIX e XX soavam como sinônimos.

4. Considerações Finais

A maçonaria é histórica, diversa e rodeada de diferentes relações humanas que a torna única em cada espaço-tempo que ocupe. A maçonaria feirense se deu em meio a conflitos internos e externos e relações de interesse mútuo, se valendo de seu poder de articulação para manter-se presente e atuante na cidade princesa, seguindo tendências nacionais da maçonaria do Brasil, de defesa do ensino laico principalmente como podemos observar no número de escolas fundadas pela mesma, diretamente ligadas a ideia de progresso.

Vale ressaltar que para além da sociabilidade maçônica foi de extrema importância a condição material que fora articulada para manutenção da maçonaria na cidade. Ter em seus quadros ricas famílias feirenses e de influência política mais do que considerável empenhadas e frequentes na maçonaria proporcionou locais de reunião, construção de prédios e realização de eventos. Podemos averiguar que houveram muitas dissidências na maçonaria feirense devido a conflito de interesses, vale ressaltar que para Simmel o conflito é resultado do desenvolvimento individual que da sociedade uma resposta positiva mediante a acordo ou pela superação do conflito. A Loja Luz e Fraternidade pode ser encarada como superação de um conflito maior da maçonaria feirense tanto na união de Lojas quanto materialmente.

A fusão das lojas, o histórico e todo processo que levaram a fundação da Luz e Fraternidade evidência como a sociabilidade maçônica foi usada para manter a atividade de grande números de maçons militando pelos Baluartes maçônicos do século XX. Muito se tem ainda a pesquisar sobre a atuação da maçonaria feirense, apesar dos escassos documentos acessíveis a historiadores profanos o esforço em pensar os silenciamentos, relações públicas, escolas patrocinadas pela maçonaria etc pode fornecer ricas reflexões sobre a atuação da mesma na cidade em

diferentes épocas.

5. Fontes e Referências

5.1. Fontes

BOAVENTURA, Alberto Alves. *A Maçonaria no Oriente de Feira de Santana*. 1981

CAIRES, Elizaherte Ramos. *História de fundação da Loja Maçônica Luz e Fraternidade nº 14 Or.º de Feira de Santana/Ba*. Apresentado em Julho de 1998, Publicado em: 27 de outubro de 2006. Disponível em: < <http://www.luzefraternidade.org.br/pagina/6/historia.html> > Acessado em: 13 fev. 2018

5.2. Referências

AZEVEDO, Célia M. Marinho de. Maçonaria: História e Historiografia. *Revista USP*, São Paulo (32):178-189, Dezembro/ Fevereiro 1996-97

BARROS, Francisco Borges de. *Os confederados do partido da liberdade*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1922.

BOAVENTURA, Alberto Alves. *A Maçonaria no Oriente de Feira de Santana*. 1981.

CAIRES, Elizaherte Ramos. *História de fundação da Loja Maçônica Luz e Fraternidade nº 14 Or.º de Feira de Santana/Ba*. Apresentado em Julho de 1998, Publicado em: 27 de outubro de 2006. Disponível em: < <http://www.luzefraternidade.org.br/pagina/6/historia.html> > Acessado em: 13 fev. 2018

CARVALHO, William Almeida de. "Pequena História da Maçonaria no Brasil". *REHMLAC* ISSN 1659-4223. Vol. 2, Nº 1, Maio-Novembro 2010

CASTELLANI, José. CARVALHO, William Almeida de. *História do Grande Oriente do Brasil: a maçonaria na história do Brasil*. Editora Madras, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A cronologia, ou lei mascarada*. In: "A Escrita da História". 2. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2000. (96-99).

ISMAIL, Kenno. *História da maçonaria brasileira para adultos*. - 1º ed - Londrina: Ed. Maçônica A Trolha, 2017.

ISMAIL, Kenno. *Ahiman Rezor: a constituição dos maçons antigos de Laurence Dermott*. Traduzida e comentada por Kenno Ismail. - 1º ed - Londrina: Ed. Maçônica A Trolha, 2016.

JANCSÓ, István. *Na Bahia, contra o Império: história do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo/Salvador: Hucitec/EdUFBA, 1996.

MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. *Presença francesa no Movimento Democrático Baiano de 1798*, Salvador, Itapuã, 1969.

OLIVEIRA, Luciana de; VIEIRA, Vanrochris Helbert. *Nas tramas do discurso: sociabilidade comunicação cultura poder*. Porto Alegre, UFRGS, n. 33, p. 46-63 maio/ago. 2015.

PERES, Fabio de Faria et al. A 'sensibilidade' de Simmel: notas e contribuições ao estudo das emoções. *RBSE 10* (28): 93-120, ISSN 1676-8965, abril de 2011.

RÉMOND, René. Por que a história política? *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 7 – 19.

_____. *Por uma História Política* / Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

SILVA, Michel. Por uma história da Maçonaria no Brasil. In: *Maçonaria: Sociabilidade, Cultura e Política*. PACO Editorial, 2015.

SILVA, Aldo José M. Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia 1833- 1937. *Dissertação* (Mestrado em História). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.

SIMMEL, Georg. *Sociologia, 1 - Estudios sobre las formas de socialización*. Madrid: Alianza Editorial. 1977.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. Organização, Preceitos, Elementos da Cultura Maçônica: fundamentos para introdução aos estudos da Maçonaria. In: *Maçonaria: Sociabilidade, Cultura e Política*. PACO Editorial, 2015.

A INFLUÊNCIA MAÇÔNICA NO SURGIMENTO DE SOCIEDADES SECRETAS NO SÉCULO XIX NO BRASIL

(THE MASONIC INFLUENCE IN THE START OF SECRET SOCIETIES IN THE 19TH CENTURY IN BRAZIL)

Samuel Vieira da Silva ¹

Adílio Jorge Marques ²

Resumo

O texto relata a influência maçônica em algumas sociedades secretas existentes no século XIX no Brasil. A maçonaria brasileira desde o início foi um centro de atividade política, difusora dos ideais iluministas e anticolonialistas. As sociedades dos Patriarcas Invisíveis e a Cruzada da Liberdade foram associadas a movimentos conspiratórios, como por exemplo, a Revolução Liberal de 1842. Documentos valiosos, o Estatuto da Sociedade dos Patriarcas Invisíveis, e uma carta de Washington nos EUA denunciando a existência no Brasil da Sociedade Cruzada da Liberdade, aqui apresentados, podem servir de ponto de partida a novas pesquisas envolvendo essa fascinante temática.

Palavras-chave: Maçonaria; Sociedades Secretas; História do Brasil.

Abstract

The text reports the Masonic influence in some secret societies existing in the 19th century in Brazil. Brazilian Freemasonry from the beginning was a center of political activity, diffusing of the Enlightenment and anticolonialist ideals. The secret societies: the Invisible Patriarchs and the Freedom Crusade were associated with conspiratorial movements, such as the Liberal Revolution of 1842. Valuable documents, the Statute of the Society of the Invisible Patriarchs and a letter from Washington in the USA denouncing the existence in Brazil of the Crusade of Liberty, presented here, can serve as a starting point for further research involving this fascinating subject.

Keywords: Masonry; Secret Societies; History of Brazil.

¹ Samuel Vieira da Silva é Mestrando do Curso Mestrado em Ensino pela UFF, Pós graduado em Direito Constitucional pela UCAM, Bacharel em Direito pela FASAP. E-mail: samuelyvieiraprofessor@gmail.com

² Adílio Jorge Marques tem Doutorado em História e Espistemologia das Ciências pela UFRJ, Mestrado em Astrofísica Estelar pelo Observatório Nacional e Bacharelado em Física e História pela UERJ. E-mail: adiliojm@yahoo.com.br

1. Introdução

As sociedades secretas nasceram praticamente juntas com a civilização. Constituídas para os mais diversos fins, há relatos históricos de sua existência no antigo Egito, Pérsia, Síria e Babilônia. Sempre envoltas em mistérios e secretismo, foram alvos de teorias conspiratórias, discriminação e repressão. A Maçonaria, embora por muitos anos assim considerada, é tão somente uma sociedade discreta com segredos. Esse fascinante assunto traz consigo uma pergunta: existiu no Brasil do século XIX alguma sociedade secreta? A resposta a essa pergunta é sim; umas conhecidas, outras não. A maioria dessas sociedades, para não dizer todas, foram influenciadas por maçons ou dela faziam parte.

Algumas das sociedades trazidas pelo texto são conhecidas por historiadores e, obviamente mencionadas em livros, especialmente em livros de História do Brasil. Outras nem tanto, como por exemplo, Os Patriarcas Invisíveis e a Cruzada da Liberdade. O artigo traz um achado histórico, o Estatuto dos Patriarcas Invisíveis e uma carta de Washington nos EUA denunciando a existência no Brasil da Cruzada da Liberdade. Tais documentos foram encontrados em pesquisas nos acervos do Arquivo Nacional na cidade do Rio de Janeiro.

Essas duas sociedades, praticamente desconhecidas pelos historiadores, foram mencionadas por Gustavo Barroso em meados do século XX, no entanto, o autor, por ser considerado fantasioso e polêmico, não foi levado a sério pela historiografia tradicional. Os Patriarcas Invisíveis e a Cruzada da Liberdade foram associadas a movimentos conspiratórios existentes no século XIX no país, como por exemplo, a Revolução Liberal de 1842. O fascínio despertado pelas sociedades secretas aguça nossa imaginação e leva a reflexão. Benjamin Disraeli (1804-1881)³ sabia da existência desse tipo de associação quando proferiu a frase "o mundo é governado por personagens muito diferentes dos que imaginam os indivíduos cujo olhar não penetra os bastidores".

2. Clube da Resistência

Apesar da desconfiança popular nem todas possuem desígnios maléficos. A maioria delas nasce-

ram com propósitos bem definidos, como por exemplo, a sociedade secreta chamada Clube da Resistência criada pelo maçom José Joaquim da Rocha no final da década de 1820. O clube era composto basicamente de maçons e militares cujo objetivo era convencer o príncipe regente, D. Pedro I, a ficar no país, descumprindo assim as ordens da corte portuguesa. A sede do clube era na própria residência de seu fundador na Rua da Ajuda nº 64 no Rio de Janeiro. O Texto do Manifesto do Povo do Rio de Janeiro sobre a Residência de Sua Alteza Real no Brasil foi redigido pelo maçom Frei Francisco Sampaio no Convento de Santo Antônio, em 29 de dezembro de 1821. O Clube da Resistência concretizou seus objetivos em 09 de janeiro de 1822, episódio conhecido como Dia do Fico (BARATA, 2002, p. 252-253).

3. Apostolado

Na mesma época, na cidade do Rio de Janeiro, foi criada a sociedade secreta denominada Nobre Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz, também conhecida como Apostolado. Essa sociedade, segundo Morel e Souza (2008), foi fundada por José Bonifácio de Andrada e Silva, em 1822, com intuito de defender a integridade do Brasil e lutar por sua independência. O Apostolado, embora secreto, funcionava na sede do Comando de Armas no Rio de Janeiro. Inspirada na sociedade secreta Os Carbonários da Itália, teria como primeiro Grão-Mestre Antônio Carlos de Andrada e Silva. Consta ainda, a participação de Gonçalves Ledo, sem cargo, e do próprio D. Pedro I que recebeu o título de Arconte Rei (MOREL; SOUZA, 2008, p. 117-118).

A Carbonária italiana já era conhecida dos brasileiros, principalmente daqueles que haviam passado pela Universidade de Coimbra. Marques (2012) fala da influência do naturalista italiano, Domingos Vandelli, na vida de José Bonifácio.

Domingos era iniciado na Carbonária italiana e na Maçonaria, e alunos como José Bonifácio de Andrada e Silva, José Álvares Maciel, o Visconde de Barbacena, Alexandre Rodrigues Ferreira, Vicente Coelho de Seabra Silva e Teles, João da Silva Feijó,

³ Benjamin Disraeli - Nasceu em Londres, em 21 de dezembro de 1804; morreu na mesma cidade em 19 de abril de 1881. Foi Primeiro ministro britânico, em 1868 e de 1874 a 1880, foi o principal responsável pela política de defesa das classes trabalhadoras realizada pelo Partido Conservador britânico e pelo desenvolvimento da democracia na Grã-Bretanha.

entre outros, receberam em maior ou menor grau influências do funcionamento dessas Fraternidades. No total cerca de 430 brasileiros se formaram em Ciências em Coimbra desde as reformas de 1772 apenas até o final do século XVIII, fato este que fornece a dimensão da influência que Domingos Vandelli pode ter tido na expansão das ideias revolucionárias (MARQUES, 2012).

José Bonifácio, primeiro Grão-Mestre da Maçonaria brasileira e criador do Apostolado foi, de acordo com Marques (2012), influenciado por várias leituras filosóficas, tais como: Leibnitz, Newton, Descartes, Rousseau, Voltaire, Montesquieu, Locke, Camões.

A fundação do Apostolado teria ocorrido após o Grande Oriente do Brasil numa manobra audaz de Gonçalves Ledo, na ausência do então Grão-Mestre José Bonifácio, conferir a D. Pedro I o título de Grão-Mestre da Maçonaria brasileira. Foi então que, segundo Costa (2015), José Bonifácio, entendendo a afronta como um golpe, resolveu fundar a Nobre Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz (Apostolado), composta de altos funcionários e fazendeiros.

Destacam-se entre eles o conde da Palma, o visconde do Rio Seco, os futuros barões de São Gonçalo, Rio Bonito, o visconde de Cabo frio, o futuro marquês da Praia Grande, Carneiro de Campos, Estevão de Rezende, Clemente Ferreira França, José Egídio de Almeida, Nogueira da Gama, Silveira de Mendonça, mais tarde agraciados com títulos de nobreza, respectivamente marquês de Caravelas, Queluz, Valença, Nazaré, Santo Amaro, Sabará, e ainda o desembargador Veloso de Oliveira e o presidente do Banco do Brasil João Antônio Lisboa (COSTA, 2015, p. 52).

Rizzini (1946) traz algumas curiosidades em relação ao Apostolado, tais como: D. Pedro I possuía a alcunha de Rômulo, José Bonifácio era o Tibiriçá, o intendente de polícia José Inácio da Cunha o Nicêo, o desembargador Francisco da França Miranda o Catão. Embora diferente da Maçonaria, essa sociedade secreta copiou da Ordem dos pedreiros livres a liturgia, os juramentos, as frases, os graus, os toques e os si-

nais, e seus membros usavam por distintivo um laço amarelo. Arconte-Rei era o equivalente ao Grão-Mestre, cargo assumido por D. Pedro I; Consul igual a Vigilante, ocupado por José Bonifácio (RIZZINI, 1946, p. 40). Os membros do Apostolado seguiam os ditames de José Bonifácio. O grupo além do desejo de realizar a independência, almejava frear os liberais e os excessos do povo. O caminho político capaz de manter a ordem, no entendimento do Apostolado, era o Império Constitucional (COSTA, 2015, p.52). Sob o ponto de vista organizacional, o Apostolado era dirigido por doze integrantes e divididos em palestras (BARATA, 2002, p. 277).

O recrutamento de novos membros dava-se a partir da proposição e aprovação do "paisano", expressão utilizada para se referir aos não iniciados, pelos membros da respectiva palestra, sendo que, posteriormente, o nome desse "paisano" era enviado ao Apostolado para aprovação final. Após a aprovação, o "paisano" era iniciado no grau de "recruta" (...) Os membros da Ordem eram divididos em três graus: recruta, escudeiro, cavaleiro (...) (BARATA, 2002, p. 278).

Pode-se dizer que, o Apostolado era praticamente outra obediência Maçônica concorrente ao Grande Oriente do Brasil, "que apesar de ter José Bonifácio como Grão-Mestre, na prática era dirigido por Joaquim Gonçalves Ledo" (BARATA, 2002, p. 278). Em 16 de junho de 1823 as atividades da Nobre Ordem dos Cavaleiros da Santa Cruz foram encerradas por ordem do imperador e em 17 de julho de 1823 José Bonifácio foi demitido do Ministério (BARATA, 2002, p. 287). Tanto a Maçonaria como o Apostolado foram fechados por ordem de D. Pedro I, no entanto, não se pode negar a influência das duas sociedades secretas no processo político da Independência.

Em 1840, Antônio Carlos de Andrada e Silva resolve criar o chamado Clube da Maioridade. O objetivo do grupo era antecipar a maioridade de D. Pedro II. Apoiados pela imprensa local o movimento tornou-se popular, ganhando as ruas da cidade do Rio de Janeiro. Era veiculada na imprensa a imagem de um Imperador jovem e instruído capaz de colocar em ordem os rumos políticos no país (SOUSA, 2017).

Não houve naquele momento oposição ao movimento defendido pelo clube. Em 23 de julho de

1840, com expressa concordância da Câmara a medida foi aprovada. "Naquele momento, o Segundo Reinado inaugurou uma das mais extensas fases de nossa história política" (SOUSA, 2017). Concomitante a atuação do Clube da Maioridade surgiu a Liga Progressista. Dela saíria o germe do Centro Liberal fundado em 1869 (ROAHNY, 2013, p. 21-22).

4. A Bucha

Das associações até aqui mencionadas, destaca-se a importância da sociedade secreta Nobre Ordem dos Cavaleiros da Santa Cruz no episódio da independência do Brasil. No entanto, uma das mais intrigantes e conhecidas é a sociedade secreta denominada Burschenschaft, também conhecida por A Bucha. Almeida Filho (2005) traz a informação de que, a Bucha servia de captação para a Maçonaria. As origens da Bucha assim como sua atual existência são, segundo Almeida Filho (2005), um enorme mistério. Sabe-se apenas que, Júlio Frank, fundador da Bucha, teria chegado ao Brasil em 1831, pouco tempo depois da criação dos cursos jurídicos no país (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 47-48).

A Bucha teria sido idealizada nos moldes das sociedades secretas europeias com o objetivo de aprimoramento moral de seus membros. Seus integrantes eram, em regra, liberais, abolicionistas e republicanos (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 49). Nomes influentes da época como Rui Barbosa, Barão do Rio Branco, Benjamim Constant, Afonso Pena, Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves, Wenceslau Brás, Bernardino de Campos, Américo Braziliense, Washington Luiz, Arthur Bernardes, Castro Alves, e etc., pertenceram a essa sociedade (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 51-57).

Além desses nomes, Almeida Filho (2005), apresentou uma tabela contendo nomes de membros conhecidos e suas ligações entre a Bucha e a Maçonaria, além da informação dos cargos ocupados por cada um. Ao final, faz uma síntese do quadro apresentado.

O quadro em questão apresenta uma predominância de detentores de altos cargos públicos. Nomes de grande importância no cenário político-jurídico dos Sécs. XIX e XX são apontados no presente quadro e a pesquisa os identifica como Maçons e/ou bucheiros. A fim de justificar a hipótese

apresentada, dos nomes em questão, em um total de 113 (cento e treze), pelos menos 50 (cinquenta) estudaram e se formaram na Faculdade de Direito de São Paulo, estando os demais divididos entre formados pela Faculdade de Direito de Coimbra, de Recife e militares das Escolas Politécnicas e de Engenharia (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 57).

Portanto, a Faculdade de São Paulo era um local adequado para a participação de Maçons e Bucheiros. Almeida Filho (2005) afirma que, a participação mais efetiva da Bucha teria ocorrido no implemento da República no país em 1889.

Maçonaria, Política, Ensino Jurídico e, posteriormente, a inserção do positivismo filosófico de Comte, que também era Maçom, influenciaram toda uma estrutura em nosso país, culminando com a Proclamação da República e, assim, novas influências na política brasileira (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 66).

Até 1889 só havia no Brasil duas faculdades de Direito, e com o mesmo quantitativo de alunos desde 1827. A Bucha então passou a funcionar como partido político, lutando pela República e pelo Abolicionismo. O envolvimento da Bucha no cenário político nacional propiciou uma longevidade que sobreviveu ao seu fundador. "Entre as suas principais atividades, estavam as ações nos bastidores políticos, onde, secretamente, infiltravam seus representantes, geralmente pessoas de relevo" (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 74).

A Bucha e outras organizações paramaçônicas inspiradas nos ideais iluministas foram de grande importância no país em termos de construção política, jurídica e estudantil. A Bucha após sua criação teve forte inserção na política nacional através da Faculdade de Direito de São Paulo. Dentre diversos participantes da Convenção de Itu, que fundou o Clube Republicano em 18 de abril de 1873, destacavam-se Maçons e Bucheiros. A Bucha e a Maçonaria eram focos de positivistas. "Entre bucheiros e positivistas, por exemplo, não é possível estabelecer divergências básicas, como ocorrem em outros posicionamentos ideológicos, assumidos por um ou outros grupos" (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 74-76).

Nos primeiros anos da chamada República Velha era possível notar que, ministros, juizes e até candidatos à presidência do país só seriam indicados ou tomariam posse com aval dos principais líderes da Bucha. A tal filantropia defendida em sua fundação acabou virando troca de favores entre seus integrantes, principalmente para obtenção de cargos públicos (REZZUTTI, 2014).

Rezzutti (2014) lembra que, nos governos militares de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, diversos bacharéis formados na Faculdade de Direito de São Paulo e Recife, e pertencentes a Bucha, tornaram-se ministros ou presidentes do Brasil.

(...) dos quatorze presidentes da República Velha, oito eram membros da Bucha: Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Venceslau Brás, Artur Bernardes, Washington Luís e Júlio Prestes, que não chegou a ser empossado por conta da Revolução de 1930 (REZZUTTI, 2014).

Após a revolução de 1930, e consequentemente com a queda da República Velha, a Bucha entrou em declínio. Rezzutti (2014) traz uma informação curiosa sobre uma investigação feita em São Paulo no início da Era Vargas.

Adhemar de Barros, então interventor do Estado de São Paulo, teria conseguido colocar as mãos em uma lista parcial de membros da Bucha no final da década de 1930 e se apressou a apresentá-la a Getúlio. Segundo o jornalista e político Carlos Lacerda, o presidente leu atentamente a lista e a devolveu para Ademar dizendo: "Não se pode governar o Brasil sem essa gente, o senhor que entre para a Burschenschaft" (REZZUTTI, 2014).

Uma pergunta deve ser feita. A Bucha ainda existe? Rezzutti (2014) tenta responder essa pergunta trazendo a informação de que, Jânio Quadros, teria feito menção a Bucha ao justificar sua renúncia dizendo que, forças ocultas o levaram a tomar tal decisão. De certa forma, segundo o autor, essa pergunta dificilmente será respondida, pois há aqueles que afirmam que ainda existe em nossos dias e outros que discordam. Rezzutti (2014) encerra seu artigo dizendo

que: "Anos mais tarde, na década de 80, Bandecchi, numa conversa comigo e com o historiador Leonardo Arroyo, afirmou categoricamente que a Bucha ainda existia" (REZZUTTI, 2014).

5. Caifazes

Se há dúvida em relação a existência ou não da Bucha em nossos dias, ao menos a sociedade secreta chamada de Caifazes não existe mais, isso porque, segundo Costa (2001), essa sociedade seria um tipo de movimento abolicionista revolucionário da Irmandade Negra de Nossa Senhora dos Remédios, conhecida por Ordem dos Caifazes, atuante na cidade de São Paulo a partir de 1882. O líder desse movimento revolucionário era Antônio Bento de Souza e Castro, de família rica, advogado, promotor e juiz de direito. "Figura carismática, consta que andava sempre com um chapéu de grandes abas e uma capa preta" (COSTA, 2001, p. 123).

Costa (2001) fala que Antônio Bento era um maçom regular, entretanto, se opunha aos pressupostos emancipacionistas adotados pela Ordem. Como cristão fanático, defendia o fim da escravidão para que houvesse uma espécie de redenção da Pátria. Sua obstinação revolucionária era capaz de fatos inusitados para época.

Consta que de certa feita conduziu um negro torturado a uma procissão, "expondo teatralmente os mais implacáveis aspectos da escravidão e identificando, ao mesmo tempo, o destino do homem torturado e os escravos da nação com o martírio de Cristo" (COSTA, 2001, p. 124).

Os Caifazes lutavam contra a campanha emancipacionista dos centros libertadores. Antônio Bento no interior das Lojas Maçônicas combatia a postura da maioria dos maçons do país que adotavam uma emancipação gradual e dentro da lei. Costa (2001) entende que a geração Maçônica contemporânea de Antônio Bento ficou marcada pelo humanismo ao lado do humanitarismo. Essa geração era fruto do movimento denominado Ilustração, "movimento de ideias que criticou a submissão do homem à autoridade, à tradição, à superstição, incentivando o livre

pensamento na direção dos direitos naturais e da felicidade” (COSTA, 2001, p. 125).

Portanto, Costa (2001) afirma que, Ilustração e Maçonaria contribuíram no combate a escravidão.

(...) um crescente número de Maçons percebeu que a escravidão negra simbolizava todas as forças que ameaçavam o verdadeiro destino do homem (...). (...) para expressar um sentimento de compaixão para com o homem, não importando a sua condição social e até mesmo os eventuais desvios morais, dentro de um entendimento universal, independente de credos religiosos e ideologias, utilizamos o termo humanitarismo (COSTA, 2001, p. 125).

A Maçonaria da época adotava uma postura legalista, ao passo que Antônio Bento era tido como extremista, sendo assim, embora pertencente a Ordem, não estava em sintonia com os princípios institucionais apregoados pelos pedreiros livres no país. No entanto, Antônio Bento e os Caifazes devem ser reconhecidos pelo espírito humanitário e afeto para com o próximo (COSTA, 2001, p. 125).

6. Sociedade dos Patriarcas Invisíveis

Sociedades secretas ou não, o Clube da Resistência, o Clube da Maioridade, o Apostolado, a Liga Progressista, a Bucha e os Caifazes, até aqui mencionadas, são citadas em livros de história e, portanto, conhecidas no país, todavia houve no Brasil, duas sociedades secretas praticamente desconhecidas, A Sociedade dos Patriarcas Invisíveis e a Sociedade Cruzada da Liberdade.

No entanto, para compreender a inspiração ou surgimento dessas duas sociedades secretas no Brasil é necessário explicar resumidamente a influência dos primeiros cientistas da ciência moderna no surgimento da Maçonaria especulativa. A franco-maçonaria teve sua origem ligada as corporações de ofício dos construtores de catedrais, e que a transição da chamada fase operativa para a especulativa, isto é, a Maçonaria como conhecemos atualmente, sofreu influência de alquimistas, filósofos, intelectuais e pensadores medievais que, perseguidos pela Igreja Cató-

lica, encontraram refúgio entre os pedreiros livres (STEVENSON, 2009, p. 23). Esses pensadores medievais estudavam as ciências proibidas da época: alquimia, cabala, numerologia, astronomia e astrologia. Praticavam ensinamentos esotéricos baseados nos antigos conhecimentos egípcios, gregos e babilônicos, portanto, deram suas contribuições para o surgimento da ciência moderna.

Além da participação no surgimento da Maçonaria especulativa (filosófica), esses primeiros cientistas faziam parte de uma instituição conhecida como Colégio Invisível.

A história da Real Sociedade está intimamente entrelaçada com a história da ciência na Inglaterra e Escócia desde o ano de 1660. E pelo mesmo caminho com a história da maçonaria no reinado do século XVII em seu interesse de apoiar as ciências experimentais. Suas origens parecem estar em uma instituição conhecida como Colégio Invisível integrada por filósofos maçons que começaram a se reunir por volta dos anos 1640 para discutir as ideias de Francis Bacon (CARDOSO, 2013).

Robert Boyle (1627-1691)⁴ se associou a outros intelectuais britânicos, fundando a sociedade secreta chamada Colégio Invisível destinada ao avanço da nova ciência experimental. Entretanto, em 1663, após apoio do rei Carlos II, também iniciado na Maçonaria, essa sociedade passou a se chamar Royal Society (Sociedade Real de Ciências da Inglaterra), até hoje uma das mais prestigiadas associações científicas do mundo (FOGAÇA, 2017).

Dentre os fundadores, a maioria composta por maçons, destacam-se: Robert Boyle, Christopher Wren, Juan Wilkins, Sir Robert Moray, e William, Visconde de Brouncker. “De forma idêntica à da Maçonaria, desde o início, os membros da Sociedade escolhem por cooptação seus novos companheiros, porém, no começo, esta escolha não estava muito bem definida e a maioria deles eram cientistas profissionais” (CARDOSO, 2013). Posteriormente nomes como os de: James Anderson (redator da Constituição dos Franco-Maçons, em 1723), Theofilo Desaguliers (filho de James Anderson) e Juan, Duque de Montagu, pas-

⁴ Robert Boyle (Lismore, 25 de janeiro de 1627 — Londres, 31 de dezembro de 1691) foi um filósofo natural, químico e físico irlandês que se destacou pelos seus trabalhos no âmbito da física e da química (FOGAÇA, 2017).

sariam a exercer forte influência tanto na Maçonaria quanto na Real Sociedade (CARSOSO, 2013).

O espírito do Colégio Invisível, notadamente implícito no termo “invisível”, traz consigo muitos significados subentendidos. Por detrás do véu da ciência haviam personagens ligados ao chamado ocultismo da época, tais como: a Alquimia, o Hermetismo, a Maçonaria, a Rosa Cruz e as Sociedades Secretas. Essas associações passariam a ser conhecidas mundialmente, servindo de inspiração ao surgimento de diversas outras no mundo e no Brasil, como por exemplo, a sociedade secreta dos Patriarcas Invisíveis.

A sociedade dos Patriarcas Invisíveis foi mencionada algumas vezes por Gustavo Barroso no período de sua produção literária entre 1922 e 1959. Todavia, segundo Costa (2009), Gustavo Barroso por ter uma postura antissemita e antimaçônica em seus textos colocava em dúvida suas afirmações, principalmente aquelas relacionadas ao secretismo de instituições e acontecimentos históricos por ele narrados (COSTA, 2009, p. 94-97).

Costa (2009) fala da associação da obra de Gustavo Barroso⁵ intitulada História Secreta do Brasil (livro contendo 4 volumes publicados entre 1936 a 1938), com o best-seller antissemita: Os protocolos dos Sábios de Sião. Os argumentos retirados dos Protocolos serviram de inspiração a Gustavo Barroso para atrair os leitores e a juventude militante integralista (COSTA, 2009, p. 17; 119)

Barroso (1937), tenta chamar atenção para a história omitida aos leitores, que somente é descoberta após muito esforço:

Até hoje se têm escrito histórias políticas do Brasil. Empreendo, neste ensaio, a história da ação deletéria e dissolvente dessas forças ocultas. Até hoje se escreveu a história do que se via a olho nu, sem esforço. Esta será a história daquilo que somente se descobre com certos instrumentos de ótica e não pequeno esforço. É a primeira tentativa no gênero e, oxalá possa servir de ensinamento à gente moça, a quem pertence o futuro (BARROSO, 1937, p. 15).

Gustavo Barroso ao descrever fatos ocorridos na história do Brasil desde 1500 buscava ligar os acontecimentos a influências de fatores externos a política, muitos envoltos a sociedades secretas. A sociedade secreta Patriarcas Invisíveis aparece pela primeira vez no texto O iluminismo Bávaro no Brasil de Gustavo Barroso (1948) quando disse, que os Invisíveis eram na verdade a própria Bucha; que a Bucha havia atuado na Cabanagem no Pará e na Revolução Liberal de 1841-1842 em São Paulo e Minas Gerais com o rótulo de Patriarcas Invisíveis (BARROSO, 1948, p. 6).

A imagem a seguir (figura 1) contida na coluna, Segredos e Revelações da História do Brasil, da revista O Cruzeiro⁶ de 02 de outubro de 1954, Gustavo Barroso, através do título A Batalha de Santa Luzia, falou da ação dos Patriarcas Invisíveis na Revolução Liberal de 1841-1842, que teve seu fim na derradeira batalha no Arraial de Santa Luzia do Rio das Velhas no dia 20 de agosto de 1842. O então, Barão de Caxias, pôs a termo a revolução, dando aos liberais o apelido de luzias. Abaixo o recorte do cabeçalho do texto sobre A Batalha de Santa Luzia, retirada da revista O Cruzeiro.

⁵ Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso nasceu em Fortaleza no dia 29 de dezembro de 1888, e faleceu no Rio de Janeiro 3 de dezembro de 1959. Foi advogado, professor, museólogo, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta e romancista brasileiro. Foi um dos líderes nacionais da Ação Integralista Brasileira e um dos seus mais destacados ideólogos. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 8 de março de 1923 para a cadeira 19, na sucessão de Dom Silvério Gomes Pimenta, e recebido em 7 de maio de 1923 pelo acadêmico Alberto Faria. Foi diretor-fundador do Museu Histórico Nacional de 1922 a 1958 (COSTA, 2009, p. 57-79).

⁶ A revista O Cruzeiro de 7 de agosto de 1948 anunciou uma novidade aos seus leitores. Uma nova seção passaria a integrar duas páginas a partir do número seguinte. Dedicada a reportagens sobre o passado, traria o título “Segredos e revelações da História do Brasil” e seria assinada por Gustavo Barroso, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e diretor do Museu Histórico Nacional (MHN). A seção “Segredos e revelações da História do Brasil” foi escrita por Gustavo Barroso entre 14 de agosto de 1948 e 23 de março de 1960 (mesmo após sua morte, em 3 de dezembro de 1959, os artigos que havia deixado prontos continuaram a ser publicados). Esse período coincide com a época áurea da revista. Semanário de circulação nacional – que integrava a rede Diários Associados, de Assis Chateaubriand, o Chatô. MAGALHÃES, Aline Montenegro; BOJUNGA, Claudia Barroso Roquette-Pinto. Segredos da história do Brasil revelados por Gustavo Barroso na revista “O Cruzeiro” (1948-1960). Estudos Históricos, v. 27, n. 54, p. 345-345, 2014.

Figura 1 – A batalha de Santa Luzia

BARROSO, Gustavo. A Batalha de Santa Luzia. In: Segredos e Revelações da História do Brasil. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, s/d.

No início do texto de Gustavo Barroso sobre o desfecho da Revolução Liberal em Santa Luzia (imagem acima), o autor fala sobre a existência de sociedades secretas com fins políticos. Gustavo Barroso diz trazer em seu favor os testemunhos do historiador Xavier da Veiga e do Dr. J. Dias da Rocha Filho que afirmavam que, no início dos primeiros meses do ano de 1841, na capital do Império, existia uma sociedade secreta denominada Club dos Patriarcas Invisíveis. Sua composição era em formato de juntas compostas por cinco membros, e que cada um desses deveria criar outra seção com igual número de associados, e assim sucessivamente. O formato de aparente autonomia tinha como objetivo esconder uma seção (junta) da outra. Os membros de cada junta só conheciam os chefes parciais das respectivas seções. Essa cautela tinha por fim não comprometer todos os membros em caso de traição. Os depoimentos, segundo Gustavo Barroso, eram contundentes, descreviam até suas ramificações nas províncias de São Paulo e Minas Gerais.

A revista O Cruzeiro trouxe posteriormente o texto de Gustavo Barroso (1948) com o título O Patriarca Invisível de Maranguape. Barroso nas primeiras linhas fala da experiência republicana do período regencial e da antecipação da maioria de D. Pedro II que era vedada pela constituição do Império. Restabelecido o trono, o imperador organizou seu ministério totalmente composto de políticos conservadores, levando os liberais a luta, até mesmo recorrendo as armas. Barroso conta que, Euzébio de Queiroz, Chefe de Polícia do Rio de Janeiro, respondeu através de ofício ao Juiz Municipal da Segunda Vara, relatando a existência de conspirações atribuídas aos tais Patriarcas Invisíveis. No ofício constava nomes de alguns supostos líderes conspiradores, tais como: Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar com o apelido de Rei e do Dr. Gabriel Rodrigues dos Santos apelidado de Vice-

Rei, ambos à frente da revolta liberal em Sorocaba. Barroso também disse ter tirado tais informações de um raro e precioso livro publicado em Campinas em 1899, a autobiografia de Francisco de Assis de Vieira Bueno, que afirmou ter feito parte da sociedade secreta chamada Patriarcas Invisíveis na cidade do Rio de Janeiro. Barroso também cita como fonte de afirmação da existência dessa sociedade o livro Movimento Político da Província de S. Paulo em 1842, publicado em 1879 pelo autor Pinto Júnior. Essa sociedade secreta era responsável por deflagrar o movimento revolucionário em São Paulo, que só teve fim pela espada do Barão de Caxias.

O título, O Patriarca Invisível de Maranguape, usado por Barroso (1948), conforme imagem abaixo (figura 2), é para fazer referência ao Coronel Sombra, morador da cidade e pertencente a sociedade dos Patriarcas Invisíveis. Consta no texto que, o Coronel Joaquim José de Souza Sombra, mandachuva da cidade de Maranguape, ex-militar, havia se hospedado na casa do senador José Martiniano de Alencar, na capital Rio de Janeiro, onde passou a assistir as reuniões dessa sociedade secreta. Ao término da revolução liberal chegou a ser processado por fazer parte dos Patriarcas Invisíveis e do movimento revolucionário, todavia, escapou milagrosamente da justiça. O Coronel Sombra após ser anistiado voltou para o Ceará. Barroso (1948) enfatiza no texto que, a teia da sociedade secreta dos Patriarcas Invisíveis em pouco tempo se estendeu ao país inteiro, chegando até a remota e pouco conhecida cidade de Maranguape, onde havia um deles. Adiante, imagem contento o recorte do título do texto sobre O Patriarca Invisível de Maranguape retirado da revista O Cruzeiro de 1955.

Figura 2 – O Patriarca Invisível de Maranguape

BARROSO, Gustavo. O Patriarca Invisível de Maranguape. In: Segredos e Revelações da História do Brasil. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1955.

Barroso (1955) em sua coluna na revista O Cruzeiro, de 31 de dezembro de 1955, traz como título

lo A Sentinela do Serro em alusão ao nome do jornal criado por Teófilo Benedito Otoni em 1830 na vila do Príncipe, que depois passou a ser chamada de Serro do Frio. Consta, segundo Barroso (1955), que esse periódico teve curta duração, não ultrapassando 1833. Barroso fala que, aqueles que conhecem a história secreta do Brasil irão compreender que, a palavra sentinela faz referência a Maçonaria, instituição que Teófilo Otoni fez parte, assim como da Sociedade dos Invisíveis.

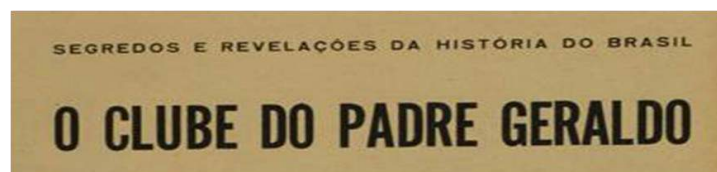
Barroso (1958) traz em sua coluna, de 28 de junho de 1958, o título O Clube do Padre Geraldo (imagem abaixo), fazendo novamente menção a existência da sociedade secreta dos Patriarcas Invisíveis, o qual reputa ser composta da “fina flor da Maçonaria e os iniciados no Iluminismo da Faculdade de Direito de São Paulo”. Essas informações trazidas por Gustavo Barroso eram provenientes de textos de Eusébio de Queirós Coutinho Matoso da Câmara, Chefe de Polícia da Côrte entre 1834 e 1844, onde narra suas lutas contra o Clube dos Invisíveis. Eusébio de Queirós em suas investigações constatou que, essa Sociedade dos Invisíveis possuía ramificações em diversas províncias do reino.

O texto fala da apreensão em São Paulo dos Estatutos dessa organização secreta em posse de Francisco Alves de Castro Roso, emissário dos conspiradores do Rio de Janeiro. O Estatuto dos Patriarcas Invisíveis, segundo o autor, estariam de acordo com os Iluministas paulistas e o Grande Oriente do Brasil, apelidado de Clube do Padre Geraldo. Abaixo vemos a imagem do recorte do título do artigo sobre O Clube do Padre Geraldo redigido por Gustavo Barroso na revista O Cruzeiro (figura 3).

Barroso (1958) fala da denúncia de Eusébio de Queirós da fundação dessa sociedade secreta em dezembro de 1841 no Ceará, afirmando serem antimônárquicos disfarçados, liberais inspirados em Jacobinos e Girondinos. No final do texto Barroso (1958) faz um alerta aos historiadores tradicionais dizendo.

Diante desse documento, dá vontade de rir dos historiadores que descrevem os movimentos liberais de Minas e São Paulo, e outros tantos no Brasil, como brotados de reivindicações ou tendências naturais do povo, esquecendo seus mentores ocultos (BARROSO, 1958).

Figura 3 – O Clube do Padre Geraldo



BARROSO, Gustavo. O Clube do Padre Geraldo. In. Segredos e Revelações da História do Brasil. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

Na coluna de 04 de outubro de 1958, conforme imagem a seguir, Gustavo Barroso (1958) traz a história da Sociedade Carmelitana de Baependi. Segundo o autor, Baependi era um povoado agrícola que cresceu com a corrida do ouro em Minas Gerais, recebendo o nome de Vila de Santa Maria de Baependi em 1814. Nessa vila quem mandava era uma sociedade secreta fundada na freguesia de Nossa Senhora do Monte do Carmo, comarca de Rio Verde, chamada de Sociedade Carmelitana Defensora da Monarquia Constitucional e Filantrópica. Segundo Barroso (1958), o filantropismo servia de escudo para atividades maçônicas, dentre elas os movimentos de 1830 e 1848.

O texto também informa que, o juiz municipal Aleixo Ferreira Tavares de Carvalho, havia apreendido documentos dessa sociedade e os enviados para Eusébio de Queirós. Essa sociedade de aparência singela possuía outra invisível em seu interior, chamada de A Dieta, composta de um seletos e reduzido grupo de membros. A maioria dos membros, incluindo menores de idade serviam, segundo Barroso (1958), como inocentes úteis. Consta ter tido como um dos líderes o senador José Bento Leite Ferreira de Melo, signatário do projeto da maioridade de D. Pedro II, e também pertencente aos Patriarcas Invisíveis. Apesar da Sociedade Carmelitana ter uma aparente diretoria, com seus nomes conhecidos, a parte oculta A Dieta, que na verdade a dirigia, era tão invisível que os nomes dos integrantes eram completamente desconhecidos.

No final do texto, o autor reitera um aviso dado a historiadores convencionais em relação a atuação de sociedades secretas nos bastidores da história do Brasil. O autor parafraseia Landrieux, chefe da espionagem de Napoleão Bonaparte na Itália, quando diz que “revoluções só se fazem com tropas ou atuações das sociedades secretas. Sem esse fermento os povos não se levantam”. O autor fala que, nem sem-

pre vemos a atuação dessas sociedades secretas, e quando a vemos mal percebemos sua atuação pela forma com que se disfarça. Portanto, segundo Gustavo Barroso, muita gente se recusa em acreditar, principalmente historiadores que, “põe de lado essas parcelas nos seus cálculos e os apresentam mascarados de verdadeiros, embora errados” (BARROSO, 1958).

A sociedade secreta dos Patriarcas Invisíveis, segundo Bueno (2013), teria surgido após abdicação de D. Pedro I, num período marcado por revoltas, revoluções e motins. José Martiniano de Alencar foi apontado como criador dos Invisíveis na cidade do Rio de Janeiro no início de 1840. O objetivo dessa sociedade era sustentar e defender a independência do Brasil e a Constituição (BUENO, 2013).

Bandecchi (1982) ao falar sobre a revolução liberal de 1842 também menciona a existência dos Patriarcas Invisíveis. O texto ressalta que, o período regencial, conhecido por experiência republicana, foi marcado pelo aparecimento de sociedades secretas. Segundo o autor, os liberais dominavam a Câmara dos Deputados, todavia, após a maioria de D. Pedro II em 1840, os conservadores foram prestigiados pelo Imperador e deram início a anulação de conquistas criadas pelos liberais no período regencial. Esse movimento chamado de Regresso, fez com que os liberais, vencidos no Parlamento, tentassem através de movimentos revoltosos combater os conservadores (BANDECCHI, 1982, p. 386).

Bandecchi (1982), traz a informação de que o escritor e biógrafo do Padre Feijó, Otávio Tarquínio de Sousa, não tinha conhecimento da sociedade secreta dos Patriarcas Invisíveis ou se tinha, não possuía elementos sobre ela, afirmando apenas a participação de Feijó e Teófilo Otoni num clube criado na Corte que atuou agitando a opinião pública e intimidando o governo através de ameaças violentas. O autor traz a seguinte pergunta: “Que clube seria esse que o consagrado historiador nomeia tão vagamente e lhe empresta atividade tão grande?” (BANDECCHI, 1982, p. 386).

Bandecchi (1982) usa informações de Afonso de Taunay e Aluísio de Almeida para falar da Sociedade dos Patriarcas Invisíveis, cuja finalidade era “defender a Independência do Brasil, a Constituição e opor-se às arbitrariedades do governo”. O autor ainda traz nomes de membros dos Invisíveis.

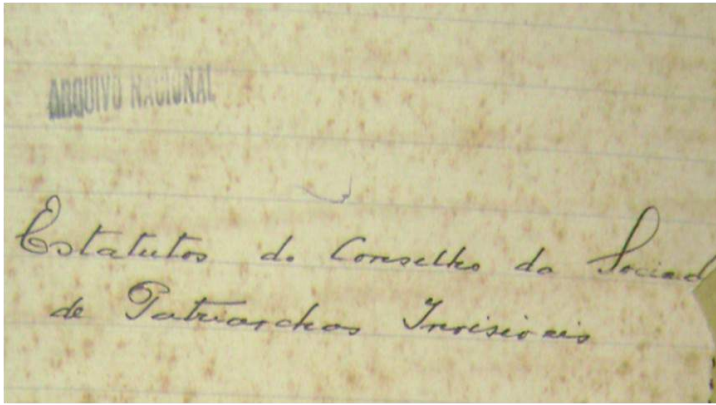
Sociedade dos Patriarcas Invisíveis, da qual faziam parte Rafael Tobias de Aguiar, Álvaro Machado, Hercules Florence, João Floriano de Toledo, Amaral Gurgel, Padre Valério de Alvarenga, Major Francisco de Castro Canto e Melo (irmão da Marquesa de Santos), Gabriel Rodrigues dos Santos, Feijó, Padre Manuel José França e outros, e a Província de São Paulo se ergueram no famoso movimento de 1842, juntamente com Minas Gerais, está sob o comando de Teófilo Otoni (BANDECCHI, 1982, p. 387).

Bandecchi (1982) encerra o tema falando da vocação constitucionalista de São Paulo durante o período monárquico. “Os três primeiros presidentes civis da República eram paulistas e convictamente democratas”. E como base de ideias políticas a Faculdade de Direito, que foi, segundo Bandecchi (1982), a defensora da abolição e da república. “A Faculdade de Direito de São Paulo, disse alguém com muito realismo, deu alguns presidentes da República e nenhum ditador” (BANDECCHI, 1982, p. 387).

Não cabe a pesquisa atacar ou defender Gustavo Barroso e demais historiadores que, aceitam ou não a existência de sociedades secretas por detrás de diversos movimentos e/ou revoluções no Brasil e no mundo; assim como não cabe também esgotar o tema sobre a existência ou não no passado dessas sociedades, bem como na atualidade. No entanto, ao buscar no Arquivo Nacional documentos relativos a Maçonaria e as Escolas Maçônicas, foi possível encontrar em meio a documentos, esquecidos ou até mesmo desconhecidos, o Estatuto da sociedade Secreta Conselho da Sociedade de Patriarcas Invisíveis.⁷ Abaixo temos imagens do Estatuto dessa sociedade (figuras 4, 5 e 6). Na primeira imagem vemos um recorte da primeira página do Estatuto.

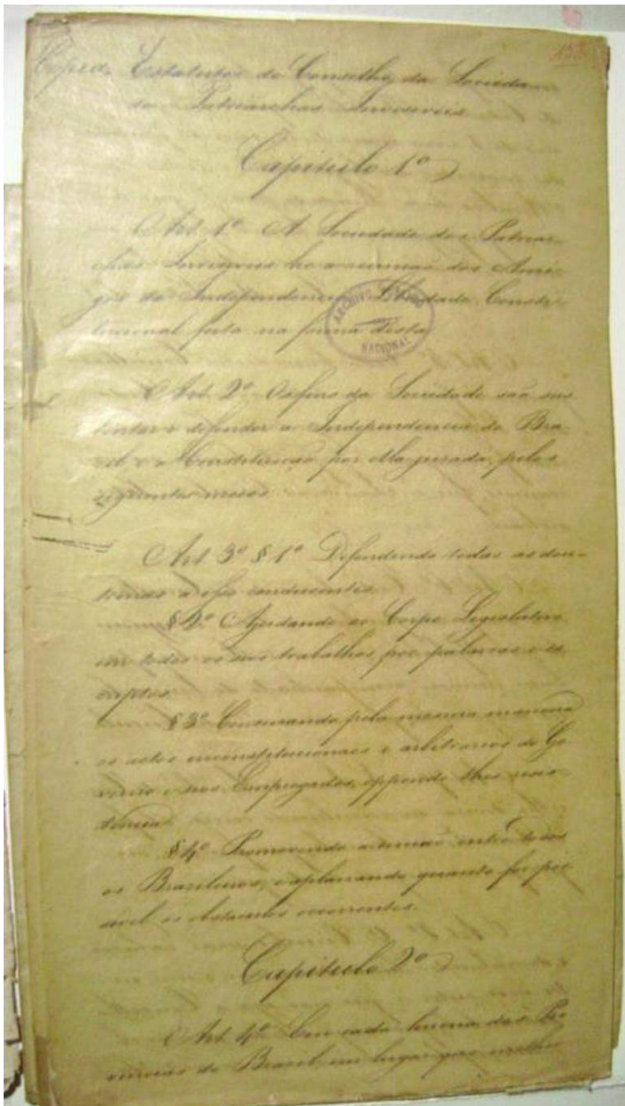
⁷ ARQUIVO NACIONAL. Estatuto do Conselho de Patriarcas Invisíveis - Diversos Códices SDH, NP, Codes, cód. 807 - Vol. 2.

Figura 4 – capa do Estatuto do Conselho da Sociedade de Patriarcas Invisíveis



ARQUIVO NACIONAL. Estatuto do Conselho da Sociedade de Patriarcas Invisíveis, Capa - Diversos Códices SDH, NP, Codes, cód. 807 - Vol. 2.

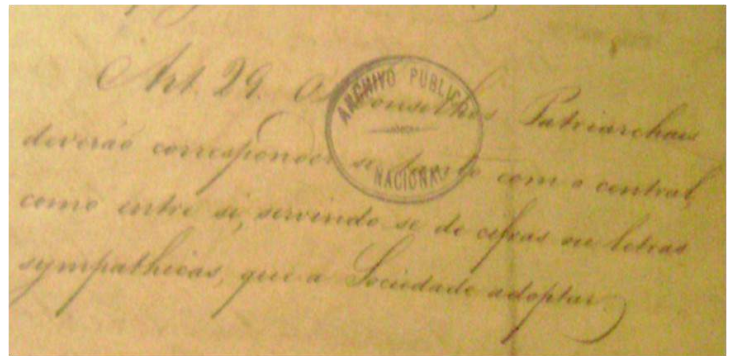
Figura 5 – página 1 do Estatuto do Conselho da Sociedade de Patriarcas Invisíveis



ARQUIVO NACIONAL. Estatuto do Conselho da Sociedade de Patriarcas Invisíveis, p. 01 - Diversos Códices SDH, NP, Codes, cód. 807 - Vol. 2.

O Estatuto manuscrito, mas em bom estado de conservação, contém 29 Artigos e 10 páginas, arquivado no Arquivo Nacional no Rio de Janeiro, na Coleção: diversos códices SDH; seção de guarda: Codes; código de fundo: NP, códice 807; Volume 2º. A imagem a seguir é da última página do documento onde consta o Artigo 29 do Estatuto da Sociedade dos Invisíveis.

Figura 6 – página 10 do Estatuto do Conselho da Sociedade de Patriarcas Invisíveis



ARQUIVO NACIONAL. Estatuto do Conselho da Sociedade de Patriarcas Invisíveis, p. 10 - Diversos Códices SDH, NP, Codes, cód. 807 - Vol. 2.

O Artigo 11 do Estatuto dos Patriarcas Invisíveis previa a proteção aos associados, principalmente relacionadas as demandas políticas. O Artigo 12 obrigava os associados a "guardar escrupulosamente sua promessa, velando atentamente na conduta do governo e de seus empregados, avisar de tudo a seu Conselho ou Círculo, prestar à Sociedade auxílio ou serviço que ela exigir e que estiver ao seu alcance, cumprir sem hesitar o que por ela lhe for ordenado, finalmente conservar na maior guarda o segredo".

O juramento dos novos integrantes constava do texto:

Juro e prometo, perante Deus e todos os Patriarcas Invisíveis, sustentar e defender debaixo deste novo laço social a Independência do Brasil e a Constituição que tens jurado e quer (ele), cumprindo as obrigações que para esse fim me são impostas e que desde já livremente aceito. E outros-

sim, prometo guardar da mesma sorte, como inviolável segredo, tanto a existência desta sociedade como quanto por parte dela me for comunicado: assim Deus me ajude (BARROSO, Gustavo. O Clube do Padre Geraldo. In. Segredos e Revelações da História do Brasil. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958).

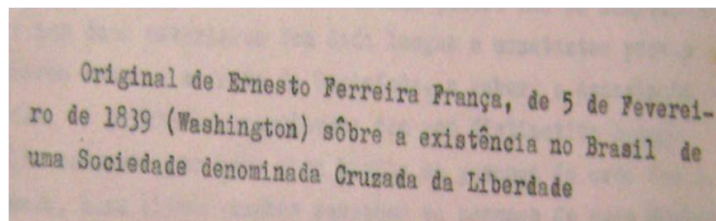
Ao que parece, a primeira parte do juramento referindo-se à independência e a constituição servia apenas de capa e disfarce para o restante, que implicava em grave segredo da verdadeira organização e seus fins associativos.

O Artigo 29, conforme imagem anterior, declarava: “Os Conselhos Patriarcais deverão compreender-se tanto com o central como entre si, servindo-se de cifras ou letras simpáticas que a Sociedade adotar”. Diante desse documento raro e praticamente desconhecido é possível inferir que, em relação aos movimentos revolucionários, como por exemplo, a revolução Liberal em São Paulo e Minas Gerais na década de 1840, foi fomentado por essa sociedade secreta, ainda que parcela razoável de historiadores acredita ter ocorrida por mero descontentamento popular, não levando em consideração a atuação oculta de mentores.

7. Cruzada da Liberdade

Percebe-se que, o período regencial e os primeiros anos do segundo reinado no país foram marcados por revoltas e fundações de clubes e sociedades secretas. A existência desses clubes e sociedades secretas aguça a curiosidade do pesquisador a ponto de propiciar o encontro de outra, denominada Sociedade Cruzada da Liberdade. O Arquivo Nacional possui uma carta manuscrita, redigida por Ernesto Ferreira França em Washington nos EUA, datada do dia 05 de fevereiro de 1839, e endereçada ao governo imperial, relatando a existência no Brasil de uma sociedade secreta chamada Cruzada da Liberdade. A imagem a seguir (figura 10) traz um recorte do texto decifrado e datilografado pelo Arquivo Nacional sobre essa Sociedade.

Figura 7 – capa do documento que contém a carta de Ernesto Ferreira França

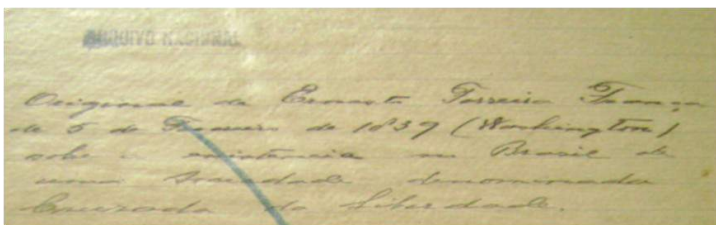


ARQUIVO NACIONAL. Sociedade Cruzada da Liberdade - Diversos Códices SDH, NP, Codes, cód. 807 - Vol. 2, livro 2, p. 146 a 150.

No texto do documento (conforme imagem anterior) consta a informação de que essa sociedade teria a proteção da Maçonaria, agindo sob seus princípios e normas. Logo nas primeiras linhas da carta encontramos a afirmativa: “Ela tem por fim o estabelecimento da democracia universal e a destruição de todas as famílias reinantes, e seus diversos ramos, tanto no Brasil, como nos outros países”.

Ernesto Ferreira França descreve na carta a estruturação da sociedade. Segundo o denunciante é composta de três classes: a primeira dos Candidatos da Liberdade, a segunda dos Soldados da Esperança Popular e a terceira dos Cavaleiros do Punhal do Braço. Nessa última só são admitidos aqueles que deram mostras de longas e constantes provas nas classes anteriores, de manter segredo da sociedade e dos assassinatos de Reis. No texto também é descrita as insígnias e distintivos de cada uma das classes. Consta ainda na carta frases de reconhecimento. Na primeira classe o reconhecimento se daria pela pergunta e resposta: “Que vos traz aqui? O desejo de ser livre”. Para a segunda classe era: “Qual é o vosso desejo? Realizar as esperanças do povo”. E para a terceira classe: “Por onde vos daes a conhecer? Pelo sangue de Cesar”. A denúncia traz também os nomes das três pessoas mais influentes, local de fundação e ramificações: Feijó (Grão-Mestre da Ordem), Manuel de Carvalho e Holanda Cavalcante; fundada no Rio de Janeiro e com filiações em São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco. A imagem abaixo, conforme figura 8, traz um recorte do cabeçalho do original da carta manuscrita por Ernesto Ferreira França.

Figura 8 – recorte do texto original da carta de Ernesto Ferreira França



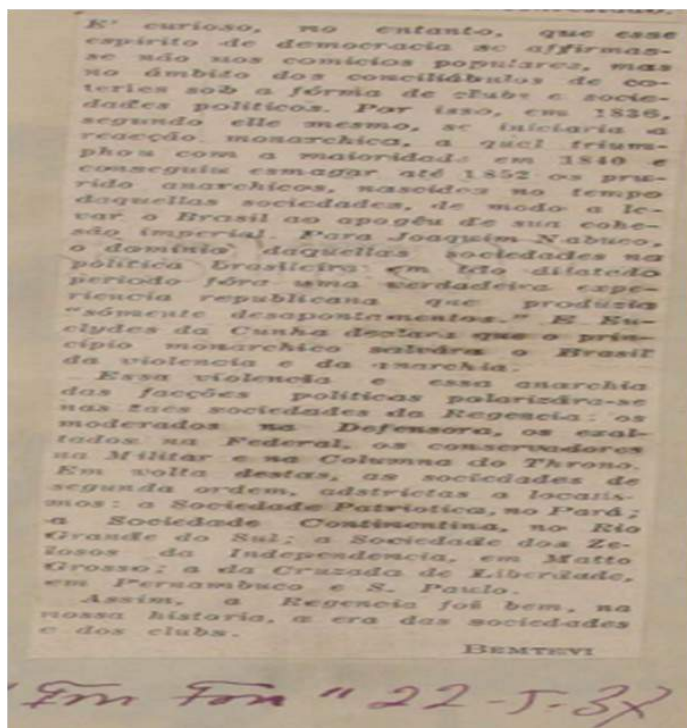
ARQUIVO NACIONAL. Sociedade Cruzada da Liberdade - Diversos Códices SDH, NP, Codes, cód. 807 - Vol. 2, livro 2, p. 146 a 150.

Hemeroteca Gustavo Barroso-25 - 1937 1º Semestre a 1939 1º Semestre.

Essa sociedade existente na França e na Europa, segundo Ernesto Ferreira França, só poderia entrar em funcionamento após ter ramificações (estar estabelecida) em todo o território brasileiro. No texto da carta há também informações sobre punições previstas. Em caso de traição a punição é a morte do traidor. Ernesto França, ao final da carta denúncia ao Império Brasileiro afirma ter redigido o documento em três vias. Uma delas é essa (recortes acima) em posse do Arquivo Nacional no Rio de Janeiro. Ainda foi possível encontrar na Hemeroteca Gustavo Barroso um pequeno recorte de um texto datado de 1937, com a alcunha de Bemtevi fazendo vaga menção a sociedade secreta Cruzada da Liberdade.

O texto da imagem anterior revela que, curiosamente no período regencial, o espírito da democracia não surgia espontaneamente através das manifestações populares, e sim nos Clubes e Sociedades Secretas. O autor citando Joaquim Nabuco fala também sobre os desapontamentos do que chamaram de experiência republicana durante a Regência, o que certamente contribuiu para reerguer a Monarquia através do implemento da maioria de D. Pedro II; e citando Euclides da Cunha, fala que o princípio monárquico salvara o país da anarquia e da violência.

Figura 9 – texto sobre sociedades secretas no período regencial



No final do pequeno texto há a informação da existência de algumas sociedades secretas existentes no período regencial, tais como: Sociedade Patriótica no Pará, Sociedade Continente no Rio Grande do Sul, Sociedade Dos Zelosos da Independência no Mato Grosso e da Cruzada da Liberdade em Pernambuco e São Paulo. Essas sociedades são citadas como sendo de segunda ordem. De certa forma, é possível inferir num primeiro momento que, a sociedade Cruzada da Liberdade assim como as demais mencionadas, realmente teriam sido consideradas de segunda ordem por não terem a expressão histórica que teve A Bucha e os Patriarcas Invisíveis.

Sociedades secretas, existentes ou não, no Brasil ou no mundo, despertam o fascínio de leitores. Portanto, cabe aos pesquisadores acadêmicos vasculharem arquivos e bibliotecas atrás de documentos capazes de trazer a luz a existência e a atuação dessas sociedades secretas, e assim, reescrever a história.

8. Considerações finais

As sociedades secretas mundo afora foram alvos de discriminação e preconceitos. Embora envolvidas em mistérios e desconfiança popular, nem todas as sociedades secretas possuem propósitos maléficos, a grande maioria tinha propósitos bem definidos. O universo fascinante das sociedades secretas desperta o fascínio de inúmeros leitores. O texto, ainda que sucintamente, respondeu à pergunta inicial ratificando a existência de sociedades secretas no século XIX no Brasil, em especial, entrelaçando a influência de maçons em seu surgimento.

Algumas sociedades secretas citadas no texto são conhecidas e mencionadas em livros, como por exemplo, o Clube da Resistência, o Clube da Maioridade, o Apostolado, a Liga Progressista, a Bucha e os Caifazes. A Sociedade dos Patriarcas Invisíveis e a Sociedade Cruzada da Liberdade, praticamente desconhecidas no país, foram mencionadas pelo controverso Gustavo Barroso em meados do século XX, no entanto, suas afirmações não obtiveram o respaldo da historiografia nacional. Essas duas sociedades, segundo Gustavo Barroso, promoveram movimentos conspiratórios no século XIX.

O texto não tem pretensões de defender ou atacar Gustavo Barroso e outros historiadores que aceitam ou não a existência de sociedades secretas por detrás de movimentos e/ou revoluções no país; não cabe também através dessa pesquisa inicial esgotar o tema sobre a existência ou não no passado e na atualidade dessas sociedades. O resgate do Estatuto da Sociedade dos Patriarcas Invisíveis em meio ao acervo, esquecido ou desconhecido, do Arquivo Nacional, certamente servirá de estímulo a novas pesquisas envolvendo essa misteriosa e fascinante temática.

9. Referências

- ALMEIDA FILHO, José Carlos de Araújo. O ensino jurídico, a elite dos bacharéis e a Maçonaria do séc. XIX. 2005. 167 f. *Dissertação* (Mestrado em Direito) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.
- BANDECCHI, Pedro Brasil. O espírito de 32. *Revista da Faculdade de Direito*, Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 77, p. 383-392, jan. 1982.
- BARATA, Alexandre Mansur. Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência (Brasil, 1790-1822). 2002. 374 f. *Tese* (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2002.
- _____. *Luzes e Sombras: a Ação da Maçonaria Brasileira (1870-1910)*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.
- _____. *A Maçonaria e a ilustração brasileira*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jul.- out. 1994.
- _____. *Maçonaria no Brasil (século XIX): história e sociabilidade*. O Ponto Dentro do Círculo, 2016. Disponível em: <https://opontodentrodocirculo.wordpress.com/2016/11/08/a-proclamacao-da-republica-e-a-maconaria-parte-ii/>. Acesso em: 29 out. 2017.
- BARROSO, Gustavo. O Clube do Padre Geraldo. In: *Segredos e Revelações da História do Brasil*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.
- _____. Sociedade Carmelitana de Baependi. In: *Segredos e Revelações da História do Brasil*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.
- _____. A Sentinela do Serro. In: *Segredos e Revelações da História do Brasil*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1955.
- _____. O Patriarca Invisível de Maranguape. In: *Segredos e Revelações da História do Brasil*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1955.
- _____. O iluminismo Bávaro no Brasil. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1948. v. 9, p. 6.
- _____. *História secreta do Brasil: do descobrimento a abdicação de D. Pedro I*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- BUENO, Jesus Flávio Panucci. "Patriarcas Invisíveis". *Bragança-Jornal Diário*. Disponível em: <http://bjd.com.br/site/colunistas.noticia.php?id_noticia=1702&id_blog=15>, acesso em: 09 dez. 2017.
- CARDOSO, José Roberto. *A Real Sociedade Inglesa e a Maçonaria. Livres Pensadores*. Disponível em: <<http://joseroberto735.blogspot.com.br/2013/04/a-real-sociedade-royal-society.html>>. Acesso em: 23 dez. 2017.
- COSTA, Emília Viotti da. *Brasil: história, textos e contextos*. São Paulo: Unesp, 2015.
- COSTA, Frederigo Guilherme. *"A TROLHA" na Universidade*. Londrina: Editora maçônica A Trolha, 2001.
- COSTA, Luiz Mário Ferreira. Maçonaria e AntiMaçonaria: Uma análise da "História secreta do Brasil" de Gustavo Barroso. 2009. 167 f. *Dissertação* (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.
- FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. "Robert Boyle, o químico alquimista". Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/quimica/robert-boyle-quimico-alquimista.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2017.
- MARQUES, Adílio Jorge. *O Iluminismo no mundo luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Sapere, 2012.

_____. José Bonifácio de Andrada e Silva, Naturalista. Um lado desconhecido da historiografia brasileira. *Norte Ciências*. Belém, v. 02, n. 2, p. 59-70, 2011.

_____. As ciências nacionais e o naturalista e Irmão José Bonifácio de Andrada e Silva. *Revista Triplo V de Artes, Religiões e Ciências*. Fortaleza, v. 01, n. 4, 2010.

_____; Filgueiras, Carlos A. L. Uma Família de Químicos Unindo Brasil e Portugal. *Química nova na Escola*. São Paulo, v. 31, n. 4, nov. 2009.

MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. *O poder da Maçonaria: a história de uma sociedade secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

REZZUTTI, Paulo. Sociedades Secretas no Brasil: A BUCHA – De estudantes a donos do poder. *História Hoje.com*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/sociedades-secretas-no-brasil-a-bucha-de-estudantes-a-donos-do-poder/>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

RIZZINI, Carlos. Dos clubes secretos às lojas maçônicas. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. p. 29-44, v. 190, 1946.

ROAHNY, Lucas. A Liga Progressista e a Construção do Estado Imperial, 1860-1868. 2013. 109 f. *Monografia* (Bacharel em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "O golpe da maioria". *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/o-golpe-maioridade.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

STEVENSON, David. *As Origens da Maçonaria: O Século da Escócia (1590-1710)*. São Paulo: Madras, 2009.

_____; Filgueiras, Carlos A. L. Uma Família de Químicos Unindo Brasil e Portugal. *Química nova na Escola*. São Paulo, v. 31, n. 4, nov. 2009.

O DISCURSO SEXISTA NA MAÇONARIA

(THE SEXIST DISCOURSE IN FREEMASONRY)

José Roberto Basílio Souza ¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as relações sociais de sexo existentes na maçonaria capixaba. Um breve relato sobre a instituição pesquisada nos coloca frente a uma organização administrativa com procedimentos únicos e peculiares que merecem toda nossa atenção para compreensão de sua tão antiga e persistente forma subsistente no âmbito das administrações. Referendados nos estudos sobre gênero de Judith Butler, Guacira Lopes Louro e Joan Scott sobre heteronormatividades e performatividades e por meio de pesquisa qualitativa promovemos entrevistas com perguntas semi-estruturadas com vinte e três pessoas participantes de instituições maçônicas no Estado do Espírito Santo. Com base na Análise de Discurso foucaultiana encontramos várias "mulheres", com significados múltiplos e difusos. O surpreendente resultado foi o encontro de objetivos e ideais congruentes nos aspectos voltados para a formação familiar e social e o distanciamento da discussão sobre patriarcado, submissão, gênero e diferenças sexuais.

Palavras-chaves: Gênero; Sexo; Maçonaria; Discurso.

Abstract

This article aims to analyze the social relations existing in sex capixaba Freemasonry. A brief account of the research institution puts in front of an administrative organization with unique and peculiar procedures that deserve all our attention to understanding its as old and persistent livelihood within the administrations. Referenced in gender studies Judith Butler, Guacira Lopes Louro and Joan Scott on heteronormativities and performativities and through qualitative research interviews with semi-structured questions promote twenty-three people participating in Masonic institutions in the State of Espírito Santo. Based on the analysis of Foucault's Speech find several categories "women" with multiple and diffuse meanings. The surprising result was the finding of congruent goals and ideals in aspects related to family and social formation and detachment from the discussion of patriarchy, submission, gender and sexual differences.

Keywords: Genre; Sex; Masonry; Speech.

¹ José Roberto Basílio Souza é Mestre em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo e membro da GLMEES. E-mail: jrbasiliodesouza@gmail.com

1. Sexo e Gênero

Os movimentos subjetivos e assimétricos das relações sociais que envolvem homens e mulheres nas organizações, seja pela divisão sexual do trabalho, seja pelas relações sociais de sexo, acabam por gerar também impactos ligados à relação de poder entre homens e mulheres (MACEDO et al., 2012). Para ECCEL (2010) os ambientes organizacionais são fortemente marcados pela masculinidade e o campo da Administração foi construído sobre este alicerce. Assim são colocados os pressupostos dominantes concebidos e marcadamente sustentados e valorizados pela presença masculina afetando os indivíduos nas organizações maçônicas. Logo a presente pesquisa pretende conhecer e verificar a efetividade dessas afirmações no meio a ser pesquisado: A Maçonaria.

Até o século XVIII existia um único gênero, a anatomia dos corpos não era suficiente para marcar a diferenciação categorizada em masculino e feminino. Tanto homens quanto mulheres compartilhavam do mesmo gênero. Embora as diferenças existissem não se baseavam no biologismo sexual. Mulheres e homens eram iguais. O corpo da mulher era considerado o mesmo do homem, porém com os órgãos genitais introvertidos no corpo e a mulher, de corpo mais frágil e fraco fisicamente, passou a receber a incumbência de cuidar da família e assumiu de vez a função reprodutora de ser mãe (LAQUEUR, 2003).

Para Beauvoir (1980) e Devreux (2005) há uma rejeição sistêmica à igualdade. Contudo, surgem as críticas sobre o pensamento de que o homem é agraciado com uma melhor capacidade de raciocínio, de intelectualidade, uma maior força física, e às mulheres é atribuída uma racionalidade mais limitada em relação ao homem, com reação extremamente afetiva e emotiva, temperamentais. A mulher é estigmatizada devido à sua constituição física, que a "enfraquecia" caracterizava a chamada "inferioridade biológica da mulher" (SCHELSKY, 1968, p. 38).

Ainda no século XVIII na França com o lema Liberdade, Igualdade e Fraternidade, desponta a necessidade de classificar esses seres, até então considerados iguais, em masculinos e femininos. Essa classificação se enfatizou com o fortalecimento do capitalismo e a necessidade de divisão social do trabalho nas fábricas produtivas, onde corpos fracos produziam menos e conseqüentemente recebiam salários menores. O surgimento do Estado juntamente com a necessidade de responsabilização pessoal pelos atos de cada um e o capitalismo originou as classificações

sob o significado de gênero concebido em masculino para homens e feminino para mulheres (SOUZA; CARRIERI, 2010).

Nesse novo sistema homens e mulheres tornam-se opostos com diferenças acentuadas nos conceitos que classificam tanto um quanto outro. Devreux (2005) inicia sua abordagem discutindo sobre as questões francesas de que gêneros e relações sociais de sexo não são conceitos opostos, porém também não são sinônimos. Devreux (2005) considera a referência biológica essencial para sua abordagem teórica, pois a classificação do indivíduo passa a existir nesse momento e ainda faz uma crítica à redução feminista da classificação de sexo e gênero quanto à presença ou não do pênis (falo), assim gênero é marcado pela presença peniana. Para Devreux (2005) a dinâmica nesses movimentos entre dominação e submissão dos homens sobre as mulheres não implica em mudança e progresso social como resultado da relação de forças entre os dois grupos.

O progresso social em favor das classes trabalhadoras não significa, automaticamente, o progresso em favor das mulheres, enquanto mulheres dominadas pelos homens: a degradação do mercado de trabalho, por exemplo, frequentemente conduz a uma degradação acentuada no nível de emprego para as mulheres, pelas desigualdades de sexo e pela inferiorização social das mulheres (DEVREUX, 2005, p. 574).

A dinâmica dessas relações sociais de sexo deixou claro que os lugares ocupados pelos homens e pelas mulheres, na divisão sexual, permitiram responder como se reproduzem ou se formam as práticas sociais. O antagonismo é disfarçado porque, ao mesmo tempo, que existe enquanto categorias (homens/mulheres) os interesses se acoplam na educação dos filhos, no desenvolvimento econômico da família, os objetivos comuns passam a ser considerados como um núcleo de átomos próprios. Essa classificação aceita por Devreux é firmemente criticada por Butler (2010) que defende o pensamento de que a criança ao nascer já recebe o timbre de macho ou fêmea num discurso prévio e assim desencadeia-se uma série de performatividades a serem impostas e ensinadas àquela criança. Assim, para Butler (2010) tanto sexo quanto gênero se alicerçam sobre a cultu-

ra predisposta e antecipada pelo sexo. Eccel, Flach e Oltramari (2007) também defendem o pensamento de que gêneros são papéis ocupados pelos indivíduos nas sociedades marcados fortemente pela diferença sexual entre homens e mulheres.

Inicialmente as justificativas para esta divisão baseavam-se nos aspectos biológicos para justificar que a mulher, por ser quem gesta os filhos, carrega instintos de cuidar da prole; enquanto o homem, por contar com maior força física é mais apto a outras tarefas fora do lar (ECCEL; FLACH; OLTRAMARI, 2007, p. 6)

Louro (2011) confirma esse pensamento, sem, no entanto, concordar totalmente com o mesmo, ao afirmar que: "É por isso que hoje se escreve a 'História das Mulheres' e não uma História dos Homens – afinal essa última é a História 'geral', a História oficial" (LOURO, 2011, p. 54, grifo da autora).

Para Butler (2010) o pós-estruturalismo não deve considerar a distinção de sexo biológico e gênero cultural, para a autora tanto sexo quanto gênero são construções culturais performativas. Isso implica pensar que tanto um quanto outro são partes integrantes do contexto social, histórico, ou seja, dos acontecimentos. Assim entende-se o corpo como fruto de uma produção cultural. Para ser homem ou mulher o corpo sofre influências e ações que designam essas categorias. A pessoa assume performances que vão direcionar suas ações conforme as regras da sociedade. A mulher para se sentir mulher e ser reconhecida como tal pratica uma série de ações que a levam a essa percepção. A produção da beleza, a preocupação com a estética, passa pelas construções do que a sociedade aprova ou reprovava, do que a sociedade (cultura) recomenda ou rejeita e mais, se sexo e gênero são construções sociais logo estão submetidos às políticas, essa classificação está vinculada a um momento específico que envolve relações de poder e a política não está neutra ou abstraída dessas relações (BUTLER, 2010).

Butler diz: "[...] as fronteiras do corpo se tornam os limites do social per se. [...] as fronteiras do corpo como os limites do socialmente hegemônico, numa variedade de culturas [...]" (BUTLER, 2010, p. 186-187, grifo da autora). Porém estes limites não possuem fronteiras fixas ou rígidas, elas são fluidas, portanto as categorias universais essencialistas dei-

xam de existir, os sujeitos são constituídos de significados de produções culturais, as quais se encontram marcadas por relações de poder (BUTLER, 2010).

Foucault (1979) entende que o poder permeia o ser humano, faz produzir, induz ao prazer, portanto o poder marca genealogicamente o ser, independente de gênero e sexo. Por fim pode-se conceber que, no pós-estruturalismo, vale a multiplicidade e a pluralidade não excludente, que as pessoas são constituídas por subjetividades e diferenças (BUTLER, 2010). Nessa nova configuração, homens e mulheres copiam estilos subjetivos e constroem maneiras alternativas de vida: "[...] em geral não se mostram em estilos completamente opostos, mas em pequenas modificações e adaptações [...]" (ECCEL; GRISCI, 2009 p. 5-6) assim portam-se de maneira difusa e irregular.

Para Butler (2010) masculino e feminino se acoplam. Um constitui o outro, masculino consome feminino e vice versa e este consumir é performático, pois adere a performances específicas, porém não fixas. As mudanças podem se tornar rápidas e constantes, não há estagnação no ser humano, as subjetividades de hoje podem ser remodeladas amanhã, novos valores são desenvolvidos e criados, antigos modos de ser e de agir são constantemente afetados e transpassados dando origens a outros procedimentos e outras subjetividades.

2. Conhecendo a Maçonaria

A Instituição Maçônica pesquisada é a Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo e suas Lojas jurisdicionadas que atualmente conta com 101 lojas espalhadas pelo Estado do Espírito Santo, com mais de 4.000 membros maçons. Foram entrevistadas 23 pessoas entre homens e mulheres, membros de lojas e ou esposas de maçons. Acredita-se ser importante para o leitor conhecer um pouco da maçonaria, inclusive pela clausura que a mesma vive para muitas pessoas da sociedade. A maçonaria é uma instituição iniciática, ou seja, seus membros são recebidos por um ritual de iniciação. Participam da maçonaria apenas homens enquanto as esposas, filhos e filhas podem participar das instituições paramaçônicas, que são elas: os Departamentos Femininos para as esposas; a Ordem DeMolay para os meninos de 12 a 21 anos de idade; os Lowtons para meninos e meninas de 07 a 14 anos; As filhas de Jó para meninas de até 12 anos; a Ordem Internacional das Meninas do Arco-Íris para meninas de 11 a 20 anos; e a Ordem Interna-

cional da Estrela do Oriente para mulher de maior idade e que seja parente de maçom regular (FIGUEIREDO, 1987).

Maçonaria é um termo derivado do francês e significa "pedreiro" o termo freemason pode ser traduzido como "pedreiro livre". Esta associação tem suas raízes nos primórdios das organizações operativas ligadas à construção civil. Os maçons eram pedreiros que conheciam os segredos da construção civil, assim formavam suas associações permitindo a presença somente de conhecedores da arte de construir. Para participarem da associação seus membros se identificavam por meio de toques, sinais e palavras secretas que identificavam inclusive o grau que os mesmos possuíam dentro da organização (mestre, companheiro ou aprendiz). Aqueles que não conheciam esses toques, sinais e palavras não podiam participar das reuniões. Sua origem simbólica está ligada à construção do Templo do Rei Salomão, onde foram empregados pedreiros de alto conhecimento para executar a construção do mesmo. Esses pedreiros estavam divididos em três níveis, os Mestres que sabiam todos os segredos da construção e organizava e admoestava os demais, os Companheiros, pedreiros de nível mediano que já sabiam alguma parte dos ofícios da construção, porém ainda não sabiam tudo e os Aprendizes que formavam um grupo de auxiliares iniciantes que contribuía nas construções. Atualmente, todos os templos maçônicos são uma réplica arquitetônica do Templo de Salomão, segundo as medidas do mesmo, descritas na Bíblia, aludindo a esta alegoria. Para trabalhar nestas construções era preciso uma condição: força física. Sem força física o pedreiro não tinha como ser produtivo o suficiente para atender as demandas da profissão. Aqui nasce a separação sexual inicial. A mulher, com corpo frágil e força física insuficiente foi rejeitada no meio dos construtores (FIGUEIREDO, 1987).

Até 1723 a maçonaria era operativa, ou seja, seus membros eram exclusivamente pedreiros. Não se permitia membros de outras profissões nem mulheres. A partir de 1717 o Pastor James Andersen, Mestre Maçom e Grande Vigilante da Loja de Londres, foi nomeado para organizar os documentos da maçonaria, sendo que deste trabalho resultou em 1723 a primeira Constituição da Maçonaria. Até então todos os rituais e cerimônias eram transmitidos pela tradição, ou seja, sem escritos ou registros.

A partir de 1723 a Maçonaria torna-se especulativa e passa a aceitar homens de outras profissões e

o simbolismo maçônico passa de construtor civil para construtor social, ou seja, os ensinamentos de pedreiros agora são ensinamentos que podem ser aplicados ao homem social, em especial nas questões da moral e da razão. Sendo Andersen de origem protestante e tendo o luteranismo como base de seus princípios a mulher, nessa reforma, continua relegada ao segundo plano permanecendo fora das fileiras maçônicas (FIGUEIREDO, 1987).

Os instrumentos de pedreiros continuam a fazer parte do simbolismo maçônico, mas agora com finalidades reflexivas quanto ao aperfeiçoamento moral e espiritual do homem. Que instrumentos são estes? O esquadro, a régua, o compasso, o nível, o prumo, o lápis, a corda entre outros. Todos esses instrumentos básicos da construção civil agora são instrumentos filosóficos que fazem alusão à conduta do ser humano, ou seja, o esquadro, por exemplo, que mede os ângulos na construção civil, agora induz o homem a pensar na retidão e razão de suas ações e seus comportamentos, evitando aquilo que socialmente seria indesejável ou nocivo ao bom convívio entre os membros de uma sociedade civilizada. O compasso alude à sabedoria de contornar situações delicadas e saber criar e inovar procedimentos progressivos na construção de uma sociedade feliz e sadia. Assim cada instrumento maçônico traz uma reflexão sobre a moral e a razão para fazer feliz a humanidade, pela liberdade, pela igualdade, pelo aperfeiçoamento dos costumes e pela tolerância à autoridade e à religião (FIGUEIREDO, 1987; GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2009a).

Assim a Maçonaria se prontifica a aperfeiçoar o homem em suas dimensões espirituais e sociais e usa para isto a reflexão com base nos instrumentos da construção civil traçando o que consideram aceitável e desejável para uma sociedade progressista e humana.

3. Metodologia

A pesquisa qualitativa baseou-se em entrevistas individuais, com perguntas semiestruturadas. A Análise de Discurso foucaultiana foi forma escolhida para interpretar os discursos apresentados. Os dados foram transcritos e aglutinados de acordo com os objetivos específicos da pesquisa para responder aos anseios dos mesmos e dar uma possível resposta ao problema formulado.

A análise crítica dos discursos oferecidos foi

detalhada, em especial os discursos enunciativos, pois os enunciados ou atos enunciativos são contemplados por Foucault como “uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados [sic], organizados em conjuntos” (FOUCAULT, 2002, p. 8).

Foucault (2002) aprofunda a pesquisa considerando não somente informações textuais, mas as formações construídas nessas relações dentro do ambiente que estudado. “[...] em contraste com a maioria das análises de discurso, este trabalho está interessado não nos detalhes de textos falados e escritos, mas em olhar historicamente os discursos” (GILL, 2002, p. 246).

3.1. Aspectos biológicos

A própria condição biológica também é uma condição cultural. Por quê? Embora pareça uma composição neutra e natural a condição biológica de mulher está alicerçada na matriz heterossexual, que é também uma construção cultural. Para existir “mulher” tem que existir “homem” e isso se manifesta antecipadamente num contexto cultural e político e cujas fronteiras não são fechadas e nem estáveis. No discurso de E06 fica claro essa manifestação do biológico “ah, é muito sublime ser mãe, ser mulher e tal, essa coisa toda”. Neste contexto encontra-se entre os entrevistados, expressões que remetem a aspectos marcados pela capacidade de reprodução humana. No discurso de E18 “primeiro que nós somos gerados de uma mulher”. Ser mãe é uma condição heteronormativa compulsória, ou seja, a mulher não escolhe ser mãe, isso é dado, é natural.

Já para a entrevistada E09: “[...] mulher é dona de casa, trabalha fora, é mãe”, para o entrevistado E20: “Mulher é gênero feminino, mas ser humano como todos nós, e feminino é a essência dotada de capacidade que os homens não têm que é ser mãe”. Assim a heteronormatividade atua como uma matriz de produção de mulheres, onde para ser uma mulher de “verdade” o sujeito tem que ter a capacidade de reprodução sexual, no qual o biológico se instala como precursor de mulher.

Para a entrevista E09 homens e mulheres, na atualidade, evidenciam apenas o sexo biológico e os demais elementos constitutivos das subjetividades, desejos, vontade, capacidades, habilidade já são equiparados: “Eu acho que diferença é só o sexo. [...] Na capacidade já somos iguais. As mulheres buscam isso

né... as mulheres querem isso né...”. O mesmo ocorre para o entrevistado E17: “Diferenças sim. Diferenças físicas, diferenças biológicas, agora não como diferenças de conceito, entre pensamento, entre religião, entre trabalho, entre as demais diversas outras atividades, não existe essa diferença.”

Para estes entrevistados o biológico é marco divisor e diferenciador. **Logo, esse princípio dá sustentação aos processos desencadeados na Maçonaria que definem o posicionamento e lugar de cada ser, segundo o biológico.**

3.2. Aspectos culturais

Nos discursos também se encontram posicionamentos que refletem os aspectos culturais que fundam os conceitos sobre sexo e gênero. Ao exemplo disso tem-se o entrevistado E04: “[...] na maneira de se vestir, na maneira de se comportar, na maneira de falar, no convívio que ela tem e ela expor as suas razões pra você ter o contato com a humanidade com a sociedade dentro do seu parâmetro [...]”. Nesse primeiro discurso a performance de como é ser mulher, com se veste e se comporta se torna um “parâmetro”, ou seja, um campo supostamente fechado que, delimitando o que se pode e o que não se pode, ou o que é permitido e o que não é permitido abre uma discussão ampla, pois inicia uma possibilidade de crítica sobre esses referidos “parâmetros”, ou seja, o termo vem carregado de interditos que pressupõem conceitos anteriormente vislumbrados pelo entrevistado e que abre espaço para uma percepção múltipla de sentidos. Assim os costumes da sociedade influencia os costumes na Maçonaria. Para o entrevistado E14:

[...] e hoje, de uma certa época para cá, ela vem participando mais da sociedade né... até hoje a nossa presidenta hoje é feminina, e eu vejo assim a participação muito intensa, até na área de trabalho, igual o nosso comércio aqui, oitenta por cento aqui é feminino, então eu vejo assim uma participação muito grande da mulher no trabalho, e importante na família, né?

Para este entrevistado a sociedade é o termômetro que indica a capacidade de articulações de “mulheres”. No passado não era assim, o trabalho da mulher produz e é produzido nesse novo contexto. A

mulher deixa de ser massa de manobra e passa a ser constituidores de suas subjetividades (SOUZA; MELO, 2009).

Contudo essas relações sociais de sexo e gênero não se encontram em simetria e trazem de volta a reflexão sobre as tensões de poder entre homens e mulheres (MACEDO et al., 2012). As frequentes tentativas de se igualarem profissionalmente, percebida nos discursos refletem essa busca pela igualdade de capacidade e habilidades pessoais e profissionais que anulam qualquer diferenciação baseada no sexo e no gênero, o que é percebido pelo discurso da entrevistada E02: “[...] Se bem que hoje a mulher tá ali, par a par com o homem, mas nem tudo, nem tudo!” Nesse discurso observa-se o reconhecimento da igualdade regulada, ou seja, a igualdade em alguns aspectos e a não igualdade em outros.

Ao ser perguntado sobre a existência de direitos iguais entre homens e mulheres na instituição pesquisada, o entrevistado E19 anuncia: “Eles buscam muito isso, igualdade fraternidade, buscam muito isso. Mas eu acho que tem uma separação sim, tem uma divisão aí...”. E05 responde:

Porque veja bem: a diferença que eu vejo é aquela que a própria história das sociedades fizeram que acontecesse. Tranquilamente isso aí: a submissão da mulher. Eu não compactuo muito com isso, até pouco tempo pra trás, talvez é... menos de um século atrás... pelo cérebro da mulher ser menor que o nosso disseram que ela era dotada de menos inteligência, e elas já estão provando aí que não é isso, bem que acontece né... [risos] há uma igualdade, uma paridade realmente nisso aí né... são muito mais detalhistas, e etc. e tal. Então a diferença que eu vejo é simplesmente uma diferença cultural. Cultural, é isso que eu entendo eu não vejo nada mais que difira o homem da mulher.

Esse “cultural” também contempla conceitos pré-discursivos que vão reforçar aspectos estudados pelos nossos teóricos no tocante à crítica de produções fundadas especificamente no biológico como também no cultural. Butler (2010) propõe a reflexão que desmonta essa fundação e reinterpreta esses acontecimentos em produções performativas e distanciadas da concepção binária.

Ratificando Louro (2011) nessa análise depara-se com a presença de pluralismo e as individualizações marcando substancialmente um universo multifacetado a ser entendido. Percebe-se pelos discursos analisados, gênero e sexo são performativos e heterogêneos, singulares nas mais variadas formas de constituições possíveis, as fronteiras que cercam esses conceitos e essas classificações categorizadas em mulheres são abertas, transpassadas a todo o momento, não se repetem e nem se moldam a nenhum padrão fixo ou unificado. Pluralidade, e descontinuidades é a regra que permeia o ambiente pesquisado.

4. Relações sociais de sexo no ambiente das Lojas Maçônicas

Judith Butler: “A complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas à domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero ou dos estudos sobre mulheres” (BUTLER, 2010, p. 12).

Para Butler (2010) não se pode esperar que existam “mulheres”. A percepção de “mulheres” encontrada nos discursos dos entrevistados é difusa, aberta e fragmentada. Difusa porque está permeada de outros conceitos e se entrelaçam com pensamentos múltiplos, ora voltados para o biológico, ora voltados para o gênero cultural, ora para o profissional, ora para a família, ora apenas para os afazeres domésticos, a exemplo pode-se citar a fala da entrevistada E21:

Ah mulher... eu sempre me lembro da sutileza, da doçura, esse jeito feminino que eu vejo assim que hoje está se perdendo, as mulheres hoje estão dinâmicas, à frente de trabalhos, tem que se multiplicar né... trabalha fora, dentro de casa, e não sobra tempo, e está deixando a feminilidade de lado.

Percebe-se que feminilidade aparece como uma série de requisitos, não mencionados, mas implícitos, que a mulher, por se encontrar num mundo dinâmico e múltiplo acaba perdendo a relação com o gênero e passa a ser simplesmente mais um no processo, como que perdendo o próprio significado, nem igual, nem diferente, apenas mais um. Confirmado no discurso consoante de mulheres já não são determinadas pelo sexo, ou seja, mulheres já não têm

sexo estável (BUTLER, 2010).

Quanto à abertura nos discursos apresentados encontram-se percepções expressas nas formações discursivas que revelam uma amplitude de termo que refletem várias possibilidades, como se pode observar para a entrevistada E06: "A mulher tem peculiaridades que o homem não tem [...] ela tem que ser uma profissional muito boa, [...] tem que ser mediadora [...], joga de um lado com o marido, de outro com os filhos, e tem o lado dela, e o da sociedade". Assim tanto "mulheres" quanto "femininas" são construídas paradoxalmente e não assumem resultados fixos e consequentes, ou seja, a multiplicidade gera também uma dispersão nas subjetividades sofridas pelo ambiente e que consequentemente também interferem nesse mesmo ambiente.

A entrevistada E15 confirma de forma semelhante os mesmos conceitos demonstrando que a discussão de sexo e gênero nem sempre interessa a todos os entrevistados e que essas diferenciações podem não representar seus objetivos e posicionamentos. Veja-se:

Entrevistada E15: Mas no feminino? Como assim? Feminino?

Entrevistador: O que você entende por feminino.

Entrevistada E15: Ah... [gesto de ombros de não se importar]

Entrevistador: Você não se preocupa com isso? Você acha que isso é um ponto que não precisa de tanta relevância, não deve ser pensado? Ou deve ser pensado? Como deve ser pensado, no seu conceito?

Entrevistada E15: Essa parte "feminino" aí... vai ficar sem resposta. [risos]

O discurso permite interpretar não um desca-so, mas um posicionamento de não necessidade de conceituar algo presente, porém não significativo para a entrevistada, segundo Butler (2010, p. 29) "esse ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa é – e a rigor, o que o gênero é – refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada".

Assim o multiposicionamento dos entrevistados passa também pelo não posicionamento. Aqui a entrevistada está claramente demonstrando que acha

tão natural o que é ser mulher que ela nunca problematizou ser mulher.

Com o entrevistado E18 percebe-se que o conceito gênero pode ser uma complementaridade do outro, mostra que são elementos que se constituem mutuamente, um contém o outro como segue: "O feminino é aquilo que... é o... que o masculino precisa vamos dizer assim, eu acho que o masculino, ele não é completo sem o feminino" (E18). Em contrapartida as afirmações totalizantes do discurso sobre o signifi-cante masculino são controversas em gestos totali-zantes feministas.

Os discursos apresentados ora se voltam para a individualidade, ora para o conjunto marido e mulher onde a mulher acaba sendo complemento e buscando mais a conciliação do casal, mas em determinados momentos os conceitos naturais são distorci-dos e acabam por considerar que existe um gênero biológico, natural, pré-discursivo, algo natural. E17:

Mulher é uma parte do homem, que faz parte do casal, na verdade integra o casal, [...] E o feminino né... é a mulher ser femi-nina... a mulher que não é feminina, eu acho que ela distorce os próprios concei-tos naturais dela. Entendeu?

Para Butler (2010, p. 29) "o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de conver-gência entre conjuntos específicos de relações, cultu-ral e historicamente convergentes". Logo a visão do conjunto ou de sexo e gênero como complemento se torna presente no discurso proferido.

Cabe então observar as formações discursivas não como uma estrutura, mas como um mosaico de subjetividades e contextualizações. Nota-se nesta a-nálise que várias produções podem ser encontradas e que, desde já, percebe-se uma sistemática variação de interpretações e vivências, onde os entrevistados, assim como os conceitos, são múltiplos, fragmenta-dos e individuados, abrindo um espaço muito mais amplo do que o esperado.

5. Considerações finais

Os resultados mostraram que os discursos na produção de Mulheres na Maçonaria passam por vá-rias performances, por várias constituições, por várias subjetividades, e seria possível destacar uma indivi-

dualidade para cada entrevistada(o), e tantas mais seriam encontradas quantas entrevistas fossem feitas. Nota-se que o rizoma que se deflagra em tudo isso é muito maior, ou seja, há influências e traços de patriarcado, de submissão, mas há também interesses convergentes concentrados entorno de objetivos comuns, tais como a agregação familiar, os interesses de um bom convívio social, crescimento e desenvolvimento familiar e econômico, social e por que não acrescentar espiritual, porém cada posicionamento sempre diferente um do outro e performatizado.

As relações sociais de sexo no ambiente pesquisado foram percebidas significativas, porém não assumem o posicionamento central da discussão de sexo e gênero, sendo superadas por outras preocupações que permeiam e transpassam as experiências e os modos de ser e de agir dos sujeitos. Contudo pode-se concluir que os processos de subjetivação estão presentes nas lojas maçônicas e nos departamentos femininos, onde atuam as mulheres participantes da Maçonaria. Os discursos mostraram que há sim performatividades e resistências nessas relações e também que os processos de subjetivação prescritos na tradição maçônica é consistente e canalizam para a separação sexual dentro da instituição e mesmo que isso não acarrete maiores conflitos para os envolvidos, tanto homens quanto mulheres, estão ali presentes, consolidando relações diferenciadas, onde a supremacia masculina ainda impera sob considerações perpetuadas na tradição maçônica. Essas diferenças mesmo que aceitas ou toleradas não podem deixar de serem notadas e questionadas.

Por fim considera-se que as relações sociais de sexo na Maçonaria está além do sexismo, da sexualidade e do gênero. Para a Instituição Maçônica a mulher é um ser e não um produto meramente sexuado apartado da sociedade, submisso ou subjugado, elas são "SERES HUMANOS" dotados de capacidade de habilidades e de condições de contribuição para uma sociedade melhor e que as Mulheres que a Maçonaria ajuda a constituir e produzir possuem sim as diferenças biológicas e até mesmo as culturais, impostas pela sociedade, mas que independente de sexo e gênero, essas Mulheres são sujeitos importantes e atuantes nas construção tanto da Ordem Maçônica quanto da sociedade como um todo e não é pelo sexo ou pela sexualidade que a Maçonaria julga seus membros, sejam eles homens ou mulheres, mas pelo caráter, pela hombridade, pela capacidade de fazer um mundo melhor para si e para seus semelhantes,

fora isso não há razão para estabelecer diferenciação baseada em sexo ou gênero. Tanto a mulher quanto o homem pertencentes à Maçonaria visam o ser humano e cada um contribui na sua condição biológica e social, independente das classificações ou rotulações a elas colocadas. Para a obra maçônica, não importa o sexo ou o gênero, importa o SER.

6. Referências

- BEAUVOIR, S. *O segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- DEVREUX, Anne-Marie. A Teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília: v. 20, n. 3, p. 561-584, Dez. 2005.
- ECCEL, Cláudia S., FLACH, Leonardo, OLTRAMARI, Andréa P., Relações de Gênero e Flexibilidade no Trabalho de Profissionais de Tecnologia da Informação de Porto Alegre: um Estudo Multi-Caso. *I encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*. Natal: 13 a 15 de jun 2007.
- ECCEL, Claudia S., GRISCI, Carmem L., Trabalho e Gênero: A Produção de Masculinidades na Perspectiva de Homens e Mulheres. *XXXIII Encontro da ANPAD*. São Paulo: 19 a 23 de set 2009.
- ECCEL, Claudia Sirangelo. Estudos de Gênero nas Organizações: Implicações Teórico- Metodológicas. *XXIV Encontro da ANPAD*. Rio de Janeiro: 25 a 29 de Janeiro de 2010.
- FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. *Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história*. São Paulo: Pensamento, 1987.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: 9. ed. Edições Loyola, 2003b.
- GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO ESPÍRITO

SANTO (Brasil). *Ritual de Aprendiz Maçon*. Vitória-ES: 2009a.

LAQUEUR, T. *Making sex: body and gender from the greeks to Freud*. 10. Londres: Howard University Press, 2003.

LEADBEATER, C. W. *Pequena história da maçonaria*. Ed. Pensamento. São Paulo, 2000.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: 12. ed. Vozes, 2011.

MACEDO et al., Relações de Gênero e Subjetividade na Mineração. *RAC*, v. 16, n. 2, art. 3, pp. 217-236, Mar. /Abr. Rio de Janeiro: 2012.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila Menzan (org) *A Prática feminista e o conceito de gênero*. IFHC/UNICAMP Nº. 48, 2002.

SCHELSKY, Helmut, *Sociologia da Sexualidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /dez. 1995.

SOUZA, Rosa Maria B. C., MELO, Marlene Catarina O. Lopes., Mulheres na gerência em Tecnologia da Informação: análise de expressões de empoderamento. *Revista de Gestão USP*. V. 16, n. 1, p. 1-16. 2009.

SOUZA, E. M.; CARRIERI, A. P. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. *RAM, REV. ADM. MACKENZIE*, V. 11, N. 3, São Paulo-SP, mai/jun 2010.

_____, SOUZA-RICARDO, P. A., O Discurso Nosso de Cada Dia: a Análise do Discurso e o pós-estruturalismo. *XXXII Encontro EnAMPAD*. Rio de Janeiro. 06 a 10 de setembro de 2008.

**O COMPASSO, O ESQUADRO E A ORDEM DISCRETA:
perfil sociológico dos Grão-Mestres da Maçonaria Paranaense**

(THE COMPASS, THE SQUARe AND THE DISCRETE ORDER:
sociological profile of the Grand Masters of the Freemasonry from Paraná)

Tiago Valenciano ¹

Resumo

O presente trabalho tem como destino sumário analisar coletivamente, a partir do método prosopográfico, o perfil dos Grão-Mestres do Grande Oriente do Brasil – Paraná (GOB/PR), da Grande Loja do Paraná (GLP) e do Grande Oriente do Paraná (GOP), com o objetivo de delimitar uma elite estratégica, constituída a partir de indivíduos e capitais sociais específicos, como profissão, carreira maçônica e inserção social. Assim, a questão desta trabalho (qual é o perfil sócio-profissional dos grão-mestres da maçonaria paranaense) destina-se a compreender este grupo social estratégico, medindo os limites da presença e atuação social coesa no Paraná. Em primeiro lugar, efetuamos um balanço sobre a maçonaria no Paraná e seu desenvolvimento. Em seguida, abordamos as possibilidades do método prosopográfico e de seu uso como técnica sociológica. Adiante, há o estudo dos perfis destes indivíduos, investigando os padrões de recrutamento dos maçons em questão, no que tange à origem social, profissional, carreira na instituição e a relação das respectivas atividades profissionais com a sociedade. Por fim, um exame detido dos resultados será realizado – ainda sob a égide do problema de pesquisa: em qual medida a biografia coletiva dos Grão-Mestres se relaciona com a sociedade paranaense quanto à posição social, profissional, política e institucional.

Palavras-chaves: Maçonaria; Prosopografia; Maçonaria paranaense; Grão-Mestres.

Abstract

The purpose of this paper is to analyze, collectively, the profile of the Grand Masters of the Grand Orient of Brazil - Paraná (GOB / PR), the Grand Lodge of Paraná (GLP) and the Grand Orient of Paraná (GOP), with the objective of delimiting a strategic elite, constituted from individuals and specific social capitals, such as profession, Masonic career and social insertion. Thus, the question of this work (which is the socio-professional profile of the Grand Masters of Freemasonry) aims to understand this strategic social group, measuring the limits of presence and cohesive social performance in Paraná. In the first place, we take stock of Freemasonry in Paraná State and its development. Next, we discuss the possibilities of the prasopographic method and its use as a sociological technique. The profile of these individuals is investigated, investigating the patterns of recruitment of the masons in question, regarding their social and professional background, career in the institution and the relation of their professional activities to society. Finally, a close examination of the results will be carried out - still under the aegis of the research problem: to what extent does the collective biography of the Grand Masters relate to the society of Paraná in terms of social, professional, political and institutional status.

Keywords: Freemasonry; Prosopography; Freemasonry from Paraná; Grand Masters.

¹ Tiago Valenciano é Doutor em Sociologia pela UFPR, Mestre e Graduado em Ciências Sociais pela UEM. E-mail: tiago-valenciano@gmail.com

1. Introdução

Maçonaria, uma instituição instigante. Esta é a primeira motivação para o andamento deste trabalho, intitulado "O compasso, o esquadro e a ordem discreta: perfil sociológico dos grão-mestres da maçonaria paranaense", objeto deste texto. Esta instituição – citada por seus membros como milenar,² lembrado inclusive passagens bíblicas – em uma categorização mitológica (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 34), é objeto de uma diversidade de trabalhos escritos por maçons e de grupos que a abominam. Editoras especializadas, grupos de pesquisas, lojas maçônicas, ex-integrantes, instituições religiosas (em sua maioria igrejas evangélicas, de forma mais aberta na atualidade e a igreja católica, do Século XIV em diante) publicam materiais alusivos à maçonaria. Em uma breve pesquisa na internet é possível verificar que se torna praticamente impraticável efetuar uma contagem e classificação destas edições sobre o assunto. Apenas quando restringirmos a busca a trabalhos acadêmicos que a cifra de pesquisas é restrita, uma vez que o interesse das ciências humanas sobre a maçonaria é algo recente. São duas as revistas acadêmicas que versam sobre a instituição: *Fraternidade in Praxis*, com a primeira edição em 2013; e *Ciência & Maçonaria*, editada pela primeira vez no mesmo ano.

Se considerarmos a produção científica acadêmica sobre o tema podemos listar o número de trabalhos. Somente a partir da década de 1990 é que a maçonaria atraiu a comunidade acadêmica nacional,³ com pesquisas direcionadas para a historiografia. Neste sentido, verificamos dois eixos temáticos dominantes: a atuação política da instituição e seus membros no Brasil da segunda metade do século XIX até a primeira metade do início do Século XX; e a mesma participação em movimentos atribuídos aos maçons, como a Independência Nacional (CORDEIRO, 2008) e a Proclamação da República (COSTA, 2003; CLEBERSON, 2012).

Assim, em uma análise rápida sobre esta produção sobre a maçonaria, questionamos: quais são as possibilidades de efetuar um trabalho acerca do tema, utilizando a sociologia como aporte de pesquisa? E mais: quais são as chances de executar uma pesquisa relacionando a sociologia, a maçonaria e o Estado do Paraná? A partir destas questões, procuramos estabelecer um paralelo entre os assuntos. A dificuldade de pesquisar academicamente a maçonaria – imposta pela escassa bibliografia e acesso aos templos maçônicos – fez com que a instituição fosse estudada

apenas a partir de materiais devidamente publicados. Igualmente, a sociologia pode oferecer subsídios de análise institucional (o uso da prosopografia e da denominada sociologia do campo e das estruturas sociais, de Bourdieu). Por fim, o Paraná se constituiu como recorte geográfico e temporal do objeto da pesquisa, visando delimitar o horizonte de investigação. Destacamos, portanto, o ineditismo da associação entre sociologia e maçonaria, uma seara pouco (ou talvez ainda não) explorada pelos cientistas sociais, seja na antropologia, sociologia, ciência política ou aproximação destas áreas do conhecimento.

Considerando o trinômio maçonaria / sociologia / Paraná, procuramos estabelecer um objeto de possível densidade sociológica e ainda não estudado: os Grão-Mestres, isto é, a elite político-institucional da maçonaria no Estado. Nossa tese é a seguinte: analisando coletivamente, a partir do método prosopográfico, o perfil dos Grão-Mestres do Grande Oriente do Brasil – Paraná (GOB/PR), da Grande Loja do Paraná (GLP) e do Grande Oriente do Paraná (GOP), podemos visualizar uma elite estratégica, constituída a partir de indivíduos com capitais sociais específicos, como profissão, carreira maçônica e inserção social. Logo, a questão deste trabalho (qual é o perfil sociológico dos grão-mestres da maçonaria paranaense) tem como propósito compreender este grupo social estratégico, medindo os limites da presença e atuação social coesa no Paraná.

Pretendemos explicar a metodologia adotada (a prosopografia), articuladas aos conceitos de campo, habitus, capital simbólico e trajetória social de Pierre Bourdieu e autores correlatos. Para tal, sinalizamos que o estudo de perfis coletivos, em grupos sociais delimitados no tempo e no espaço, tende a auxiliar na assimilação da atuação dos seus membros – neste caso, os Grão-Mestres do GOB/PR, GLP e GOP. Além disso, os capitais sociais e a estrutura societária em que estes indivíduos pertencem serão explorados a partir dos conceitos de campo e habitus, de Bourdieu. O argumento apresentado é que a maçonaria constitui-se em um campo próprio de social, em que as regras destes ocorre m articuladas com os aspectos intra e extrainstitucionais, com agentes jogando o jogo do campo em busca de melhorar suas posições sociais, a partir de capitais simbólicos.

Analisamos, ainda, a biografia coletiva dos Grão-Mestres das potências citadas, em um esforço de somar estas biografias coletivas e, portanto, perpretar a prosopografia e as trajetórias sociais, bem

² Conforme definição do Grande Oriente do Brasil. Disponível em: <<http://gob.org.br/index.php?c=4644>> Acesso em: 29 ago 2015.

³ O trabalho de Carvalho (2007) analisa essa produção.

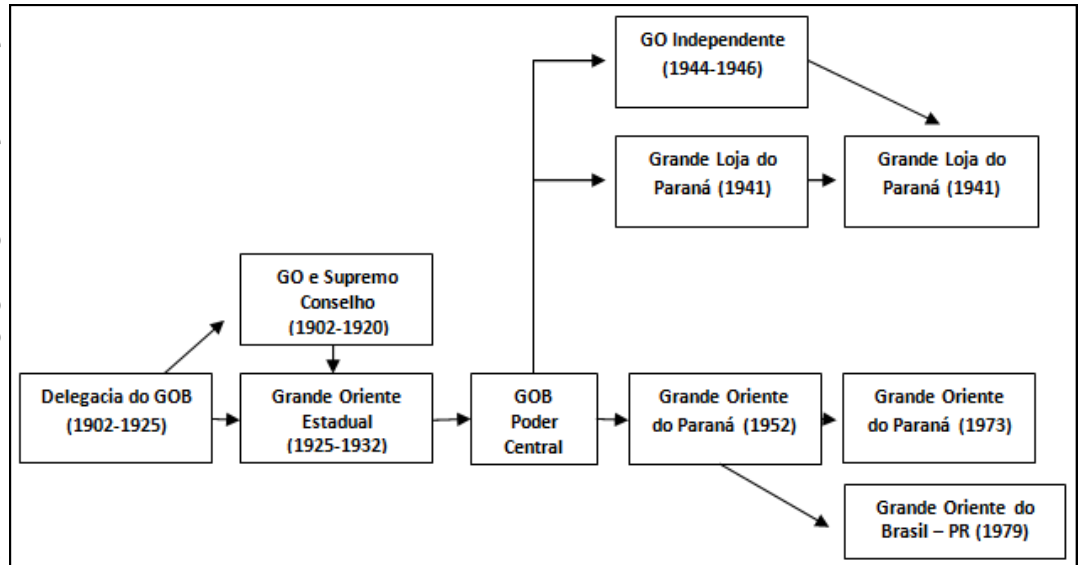
como oferecer indícios para a resolução da tese proposta. Para isso, optamos pelo estudo detido de cada trajetória dos Grão-Mestres e seus componentes, como o município de origem, a escolaridade, a relação profissão/ocupação, a atividade política das lideranças maçônicas do Paraná e as conexões interinstitucionais existentes.

Nossa tese funda-se no argumento de que os Grão-Mestres da maçonaria paranaense tem um perfil sociológico em que suas trajetórias sociais foram constituídas nas relações estabelecidas dentro do campo da maçonaria, com o habitus adquirido com o tempo, articulado interna e externamente à este campo, além de uma trajetória marcada por alta escolarização, postos ocupacionais tradicionais, atividade política presente e perpetuação em outras instituições sociais – o que caracteriza, em suma, o itinerário percorrido para que um maçom se torne Grão-Mestre, isto é, liderança estadual da instituição no Paraná.

na, administração e fundação de lojas, por exemplo.

No esquema a seguir, podemos esmiuçar esta espécie de “teia da maçonaria”, sua perpetuação e continuidade:

Figura 1. Rupturas na estrutura da maçonaria no Paraná.



Fonte: Elaborada pelo autor (2015)

2. A maçonaria organizada no Paraná

O percurso das potências maçônicas do Paraná exprime uma espécie de radiografia da presença da instituição no Estado. A partir de 1837, com a fundação da primeira loja maçônica e, posteriormente, a implementação da Delegacia do Grande Oriente do Brasil em 1902, a maçonaria paranaense rumou com a finalidade protagonista de autonomia, de independência institucional e organização regional. A trajetória de cisões, fusões e anseios de emancipação face ao poder central do GOB expressam a aspiração por uma maçonaria estritamente paranaense. Ainda que este objetivo não fosse alcançado completamente com o GOB/PR, por exemplo, tanto a GLP quanto O GOP possuem soberania quanto a organização inter-

Vale ressaltar que, atualmente, o Grande Oriente do Brasil-Paraná (GOB-PR) possui 122 lojas e cerca de 3.800 maçons;⁴ o Grande Oriente do Paraná (GOP) possui 161 lojas maçônicas e aproximadamente 4.800 maçons;⁵ e a Grande Loja do Paraná (GLP) 163 lojas maçônicas, com cerca de 4.500 integrantes.⁶ Este números totalizam, assim, 446 lojas e 13.100 maçons no Estado do Paraná.

Em um resumo sobre a genealogia da maçonaria regional – ou ainda, a “teia da maçonaria” no Paraná, apontamos as três principais características acerca do assunto, sendo:

1) O notado desejo pela autonomia institucional face ao poder central do Grande Oriente do Brasil. Grande parte das cisões estaduais surgiram a partir da busca pela liberdade de administração regional sobre os assuntos da instituição, como nos casos da criação da Delegacia do GOB no Paraná (1902), do

⁴ Portal do GOB-PR na internet. Disponível em: < http://gob-pr.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=166&Itemid=151>. Acesso: 05 mar 2016.

⁵ Portal do GOP na internet. Disponível em: < <http://gop.org.br/?sec=institucional&page=lojas&tipo=3>>. Acesso: 05 mar 2016.

⁶ Portal da GLP na internet. Disponível em: < <http://gop.org.br/site/grande-loja-pagina-mae/lojas-da-jurisdicao/>> Acesso: 05 mar 2016.

Grande Oriente e Supremo Conselho do Paraná (1902) e do próprio Grande Oriente do Paraná (1952);

2) As disputas pelo controle da maçonaria, ou seja, pelo governo de cada grupo dominante internamente e, por conseguinte, as divergências de posicionamento sobre assuntos da instituição – casos da criação do Grande Oriente Independente do Paraná (1944) e da Grande Loja do Paraná (1941);

3) A presença dos Grão-Mestres em posições estratégicas da estrutura da sociedade paranaense, um dos intuitos deste trabalho. Já apontamos a participação de Grão-Mestres no cenário político estadual do final do Século XIX até o início do Século XX. Adiante, quando analisarmos o perfil sócio-profissional dos Grão-Mestres do GOB/PR, GLP e GOP, pretendemos avaliar estes perfis, destacando que tipo de elite estratégica estas lideranças passaram a compor.

Assim, este panorama auxilia na compreensão do papel desempenhado por estas potências no âmbito maçônico paranaense e, sobretudo, oferece recursos para entender a trajetória social dos Grão-Mestres pesquisados, relativamente à participação social em outras instituições congêneres, a atuação profissional, a formação acadêmica e o engajamento institucional, entre outros. Portanto, esta radiografia da genealogia maçônica no Estado poderá apontar elementos diversificados sobre o perfil dos Grão-Mestres, que será efetuado adiante.

3. Análise dos perfis: um estudo do campo da maçonaria

O presente trabalho teve como destino sumário analisar coletivamente, a partir do método prosopográfico, das noções de trajetória social, campo, habitus e capital (segundo Bourdieu) o perfil dos Grão-Mestres do Grande Oriente do Brasil – Paraná (GOB/PR), da Grande Loja do Paraná (GLP) e do Grande Oriente do Paraná (GOP), com o objetivo de delimitar uma elite estratégica, constituída a partir de indivíduos e capitais sociais específicos, como profissão, escolaridade e inserção político-social. Assim, a questão deste trabalho (qual é o perfil sociológico dos Grão-Mestres da maçonaria paranaense) destina-se a compreender este grupo social estratégico, medindo os limites da presença e atuação social coesa no Paraná.

Em nosso itinerário, ao examinarmos a organização e estrutura interna da maçonaria, verificamos a reprodução do modelo do Estado brasileiro (a possí-

vel tripartição do poder entre Executivo, Legislativo e Judiciário)⁷ em seu interior. Da mesma forma, descobrimos a relação entre as potências maçônicas, uma espécie de organização nacional e/ou estadual que comanda as atividades da instituição em determinada região, e as lojas maçônicas, espaços locais com relativa autonomia interna. O foco é explicar, a partir da estrutura interna, os caminhos percorridos por um maçom que deseja atingir o cargo de Grão-Mestre, bem como a complexidade das relações internas, fundadas em mecanismos próprios do campo de ação social – que, com suas disputas internas, ao mesmo tempo que as regula, também sofre as pressões exteriores. (LAHIRE, 2002, p. 47-48).

Em relação à origem e ao desenvolvimento da maçonaria paranaense e todas as subdivisões ocasionadas desde o início do Século XX, reforçamos o argumento de que a maçonaria possui um pensamento, uma ideologia coesa, mas internamente dispõe de variações estruturais. A direção deste trajeto pautou-se em retratar a maçonaria articuladamente com a história do Paraná, seu desenvolvimento e a ocupação do território, ora historicamente e socialmente falando, ora de forma “maçônica”, envolvendo assim as disputas, trocas de comando e de sede na instituição. A radiografia da maçonaria no Paraná se concentrou em três pontos: 1) a vontade de autonomia dos organismos estaduais face ao poder nacional; 2) as disputas pelo controle do comando da maçonaria; 3) e a posição estratégica dos Grão-Mestres na sociedade paranaense, sobretudo até a primeira metade do Século XX.

A aplicabilidade do método prosopográfico à sociologia de Pierre Bourdieu e autores correlatos articula o movimento deste artigo. A defesa da prosopografia perpassa pela ideia de trajetória social, uma vez que o método só pode ser aplicado a partir do momento em que há o estudo das biografias coletivas considerando a análise das trajetórias sociais, isto é, não somente na coleta de dados dispersos, desunidos e sem articulação entre si (BOURDIEU, 1996). A proposta do uso da prosopografia ainda é aceito, visto que:

De uma maneira geral, podemos dizer que as estruturas políticas e sociais de certos grupos, fenômenos como a continuidade e a descontinuidade de sistemas políticos, de instituições eclesiais ou seculares, a ação política, a mobilidade social, a transformação social e tantos outros, não po-

⁷ Acerca da tripartição do poder, ver: VALENCIANO, Tiago; LEAL E SILVA, Rafael Egídio. Política Brasileira: como entender o funcionamento do Brasil. Astorga: Editora Sahar, 2015.

dem ser analisados com precisão sem o conhecimento prévio das pessoas. É apenas graças a este conhecimento que é possível relacionar diferentes grupos, considerando que certos indivíduos sem encontram frequentemente no campo de ação de mais de um grupo. O fato de que, neste contexto, as pessoas tenham moldado instituições e tenham sido por elas também impregnadas (ainda que de maneiras bem diversas), deve ser levado em consideração em cada análise prosopográfica (BULST, 2005, p.58).

Ou seja, somente a partir da pesquisa quanto às trajetórias sociais, munida pelo método prosopográfico, é possível analisar grupos sociais coesos ou dispersos na sociedade, bem como seu campo de ação social específico. Neste sentido, os conceitos e categorias de Bourdieu em relação ao habitus, campo, capital simbólico e trajetória social (BOURDIEU, 1983; 1986; 1989; 1990; 1994; 1998; 2003; 2009) são fundamentais para a compreensão da análise prosopográfica destes Grão-Mestres e seus desdobramentos: a atuação profissional/ocupacional, a formação escolar, a participação política e os vínculos institucionais estabelecidos.

A análise sociológica enfoca a metodologia bourdieusiana, aliada à prosopografia, proporcionando subsídios para responder a questão motriz deste artigo: o perfil sociológico dos Grão-Mestres da maçonaria paranaense forma, assim, uma elite estratégica nos últimos anos que interfere socialmente, economicamente, culturalmente e politicamente na sociedade em que está ambientada, isto é, no Estado do Paraná? Este questionamento abriu os caminhos para a análise em conjunto (prosopográfica) destes indivíduos, reunindo as informações coletadas – o que garantiu os elementos para a construção da quinta e última parte, direcionada, então, para a consolidação coletiva e demonstração das trajetórias sociais destes Grão-Mestres.

O primeiro aspecto analisa a relação entre capital e interior quando da escolha dos Grão-Mestres. O resultado é a migração do capital político dentro do campo da maçonaria para o interior conforme houve a expansão do território paranaense (BALHANA, A.P.; MACHADO, B.P.; WESTPHALEN, C.M.,

1969), algo presente na liderança do Grande Oriente do Brasil-Paraná e do Grande Oriente do Paraná – porém pouco observado na Grande Loja do Paraná. Relativamente ao extrato do perfil sociológico destes indivíduos, 28% destes pertenciam ao interior, contra 72% de liderança da capital. Este resultado espelha o observado na direção do Poder Executivo do Estado, com as forças políticas centradas a partir das famílias que comandam o poder no Paraná (OLIVEIRA, 2001;2012) – em sua maioria presentes na denominada “classe dominante tradicional”, isto é, aquela presente na cúpula do poder estadual (concentrado, na sede administrativa, ou seja, em Curitiba).

Quanto à escolaridade dos Grão-Mestres, cursar o ensino superior é quase que uma unanimidade entre estes personagens. São 90% os maçons que frequentaram as salas de aula no ensino superior, obtendo as profissões que serão analisadas adiante, contra 4% que finalizaram o ensino médio e 6% que não obtivemos informações precisas. Isto reforça o argumento de que a liderança da maçonaria reflete a hipótese de que seus integrantes formam a classe dominante da sociedade. Ou seja, se espelharmos a partir da liderança da maçonaria paranaense o maçon do Estado, este tende a frequentar o ensino superior, sendo, portanto, um habitus adquirido exterior ao campo social da maçonaria, mas que é importante para o recrutamento social de integrantes para a instituição.

Acerca da origem profissional e ocupacional, há um grupo de autores que optaram em estudá-la.⁸ Das variadas análises, optamos pela classificação de Rodrigues (2002), que diferencia a profissão, obtida pela escolarização, da ocupação, em alguns casos divergente da profissão. O ranking das profissões é liderado pelos advogados, com 27% dos casos, seguido dos militares (25%); profissionais liberais diversos (14%); servidores públicos, comerciários e médicos com 8% cada; sem classificação definida com 6% e professores com 4%. Percebe-se que, além das forças armadas – com um quarto dos Grão-Mestres, os advogados lideram a formação profissional da liderança da maçonaria no Paraná. Esta tradição dos bacharéis na formação cultural brasileira é uma tradição da eclosão do liberalismo no Brasil Imperial e, neste sentido, o bacharel integrava um espaço acadêmico de disputas ideológicas e políticas, na tentativa de recrutar os intelectuais da sociedade brasileira:

⁸ Segundo Perissinotto (2003, p. 5): “Trata-se de um tema importante porque nos permite trabalhar com as seguintes questões recorrentes na literatura: 1) quão estreita ou quão ampla, isto é, quão democrática ou quão “elitista” é a base de seleção das elites políticas [...]; b) é possível estabelecer uma relação explicativa entre ocupação profissional e comportamento político?; c) existem “profissões” para a política, isto é, aquelas que favorecem a carreira política e o acesso aos cargos políticos?”

Assim no contexto de uma vida acadêmica controvertida, agitada, heterogênea e ambígua, constituída nos interiores das associações e institutos científicos, políticos, literários e filosóficos, o jornalismo foi tanto o espaço que possibilitou a inserção do acadêmico/ bacharel em loci diversos daqueles exclusivamente ditados pela ciência do Direito, quanto o espaço destinado à criação de uma inteligentzia, da qual se recrutaram os intelectuais da sociedade brasileira oitocentista [...]. O primeiro jornal acadêmico foi fundado a 4 de abril de 1830 [e] [...] esta imprensa nasceu da necessidade de divulgar ideias liberais (ADORNO, 1988, p. 163).

Além da explicação sobre a presença dos bacharéis – em especial os e direito – na formação da sociedade brasileira do Século XIX e sua herança para o Século XX, há a participação dos militares neste processo. Assim, qual é a importância da militarização da sociedade? Segundo Santin e Lorenzoni (2013, p. 51), “A intensa disputa pelo poder entre os grupos e classes sociais condicionou a militarização das sociedades locais e até mesmo regionais, abrindo precedentes à instauração de um forte aparelho repressor estatal”. Ou seja, o binômio bacharel em direito/militar formava uma equação fundamental para o entendimento do Brasil do início do Século XX, que se perpetua até hoje na trajetória social dos Grão-Mestres estudados.

A predominância de bacharéis e militares na constituição do perfil profissional da maçonaria pouco se altera quando observamos a questão ocupacional dos Grão-Mestres. Em primeiro lugar há a predominância dos advogados ou das atividades diretamente ligadas ao exercício do direito (tais como promotores, juizes, desembargadores ou serventuários da justiça), com 24%. Se considerarmos apenas os advogados que continuaram a exercer a profissão em sua ocupação este número é de 12%. O segundo lugar é dos militares, com 20%, seguidos por: professores (14%); comerciários (12%); políticos profissionais (10%); médicos (6%); profissionais liberais (5%); servidores públicos (4%); e sem classificação (5%).

Os advogados e as derivações da profissão (24%), os militares (20%) e os políticos profissionais (10%) determinam o que denominamos triunvirato ocupacional da maçonaria. Nota-se que excluimos

tantos os professores quanto os comerciários desta classificação – ainda que possuam índices maiores do que dos políticos profissionais. Este motivo justifica-se pela atividade de professor exercida pelos Grão-Mestres, às vezes consequência de outra ocupação mais relevante. Quanto aos comerciários, esta categoria abarca diversos tipos de profissionais ligados ao comércio, como empresários, industriais e funcionários. Além disso, a intensidade da atividade política (com a tentativa do exercício, pelo menos), representa a predisposição dos maçons em atuar politicamente. Portanto, a escolaridade, profissão e ocupação destes indivíduos são marcadas pela inserção na advocacia, no militarismo e na política.

Como exposto, a atividade política é intensa e marcante na maçonaria, principalmente em seu apogeu no Século XIX. Ao analisarmos a inserção política dos Grão-Mestres, 43% destes possuíam alguma experiência com a política em suas trajetórias sociais, desde o ato de se filiar a um partido político até o exercício de uma função pública, seja esta eletiva ou não. Ainda que a maioria (57%) não possua este tipo de relacionamento, justificamos a baixa adesão dos Grão-Mestres da Grande Loja do Paraná à participação política, bem como a especialização dos campos (BOURDIEU, 1990), fatores este que contribuíram para a inserção de maçons em menor intensidade nos últimos anos. Ainda assim, não podemos desprezar a presença da maçonaria na política, uma vez que os manifestos do Grande Oriente do Brasil (2016) e da Confederação Maçônica do Brasil (2013), enunciados neste trabalho, demonstram a valorização do assunto política para os maçons e, sobretudo, para seus líderes.

Por fim, a vinculação institucional reflete que 47% dos Grão-Mestres possuíam algum tipo de conexão interinstitucional, refletindo assim a tendência em buscar mais do que um espaço de sociabilidade. Esta sociabilidade pode ser considerada burguesa, pois os resultados demonstram que os Grão-Mestres frequentam locais predominantemente da classe social dominante. Em primeiro lugar, com 27%, há as entidades classistas (demonstrando o interesse nas questões vinculadas à profissão/ocupação). Seguem-se as entidades desportivas (26%), as entidades filantrópicas e educativas (cada uma com 20%) e as instituições congêneres à maçonaria (7%). Logo, se verificarmos as quatro primeiras colocadas, temos: 1) o interesse pelos desdobramentos profissionais/ocupacionais; 2) os clubes⁹ desportivos, frequentados normalmente por pessoas de classe social abastada;

⁹ A origem da palavra clube provém do inglês club, que é um grupo de pessoas associadas com o mesmo tipo de opinião, seja ela desportista, cultural, artística, política ou filantrópica, por exemplo.

3) as entidades filantrópicas – também com integrantes da classe dominante, afinal, estas entidades tem o mesmo perfil de atividade assistencial que a maçonaria (Lions International, Rotary Clube, por exemplo); 4) e as entidades educacionais, como centros de pesquisa tradicionais no Paraná (o caso do Centro de Letras do Paraná, fundado em 1912 representa nosso argumento).

(MONTAGNER, 2007, P. 254)

Ou seja, ainda que ocorram as disputas internas dentro do campo social da maçonaria, estas auxiliam na formação das trajetórias sociais estabelecidas, que são importantes para a compreensão do andamento destes grupos:

4. Considerações finais

O perfil sociológico dos Grão-Mestres pode ser considerado, desta forma, de predominância do domínio político da capital diante do interior, de alta escolaridade, com um triunvirato profissional/ocupacional formado pelos advogados (a tradição dos bacharéis), pelos militares e políticos profissionais, uma intensidade mediana na participação (ou pelo menos tentativa de) política e, da mesma forma, as conexões estabelecidas em relação aos vínculos institucionais.

Estes Grão-mestres da maçonaria paranaense têm um perfil sociológico em que suas trajetórias sociais foram constituídas nas relações estabelecidas dentro do campo da maçonaria, com o habitus adquirido com o tempo, articulado interna e externamente a este campo, além de uma trajetória marcada por alta escolarização, postos ocupacionais tradicionais, atividade política presente e perpetuação em outras instituições sociais – o que caracteriza, em suma, o itinerário percorrido para que um maçom se torne Grão-Mestre, isto é, liderança estadual da instituição no Paraná. Tal posição de protagonismo só existe em virtude das disputas do campo, o que marca, também, o perfil deste:

Em suma, perseguir uma trajetória significa acompanhar o desenrolar histórico de grupos sociais concretos em um espaço social definido por esses mesmos grupos em suas batalhas pela definição dos limites e da legitimidade dentro do campo em que se inserem. Seguramente a origem social é um holofote poderoso na elucidação dessas trajetórias, pois o habitus primário, devido ao ambiente familiar, é uma primeira e profunda impressão social sobre o indivíduo, que sofrerá outras sedimentações ao longo da vida. (MONTAGNER, 2007, p. 257)

A origem social destes Grão-Mestres é de uma classe social em que a união dos agentes desta classe possuem condições homogêneas, produzindo um habitus próprio, garantido com a posse de bens ou poderes que serão incorporados ao habitus da classe – neste caso, a dominante, considerando os elementos das trajetórias sociais destes indivíduos (alta escolaridade, inserção política e social aparente).

Assim, ao analisarmos coletivamente este perfil sociológico dos Grão-Mestres, apontamos a existência de uma elite estratégica, constituída a partir de indivíduos com capitais sociais específicos, como profissão, carreira maçônica e inserção social que ainda interessam para a constituição da sociedade paranaense, estabelecendo uma interconexão entre o campo social da maçonaria e os demais campos existentes (como a política, o campo das instituições sociais e as posições ocupacionais estratégicas¹⁰ – vide a política e a questão militar).

Em seguida, a partir do âmago da autonomia do campo, devemos delinear as relações entre as posições ocupadas, alocadas, deslocadas pelos agentes e pelos grupos; esmiuçar a trama sincrônica de um determinado momento do campo, resultado de uma história de lutas e conflitos pelo poder legítimo e legitimado pelos próprios agentes envolvidos. Por fim, do resultado destes embates reais e históricos, conseguimos a tessitura dos habitus coletivos dos grupos em embate, cujas variações individuais não fazem mais que confirmar, desviando-se às vezes do mainstream social, a característica fortemente coletiva das carreiras individuais dos agentes.

5. Referências

- A BÍBLIA. *Tradução ecumênica*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- ABRUCIO, Fernando Luiz. SAMUELS, David. A nova geopolítica dos governadores. *Revista Lua Nova*, n. 40-41, 1997, p-137-166.
- ADORNO, Sérgio. *Os aprendizes do poder: bacharelismo liberal na política brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- ALVES, Alessandro Cavassin. A província do Paraná (1853-

¹⁰ Vide a questão das “altas rodas”, ditas por Mills (1968), formadas pela trinca políticos, militares e economia.

- 1889). A classe política. A parentela no governo. *Tese* (doutorado). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2014.
- ASSIS CARVALHO, Francisco de. *Cadernos de estudos maçônicos: ritos e rituais*. Londrina, A Trolha, 1993.
- AZEVEDO, Mario Luiz Neves de. Espaço Social, Campo Social, Habitus e Conceito de Classe Social em Pierre Bourdieu. *Revista Espaço Acadêmico*. Ano III, n. 24, Maringá, Maio 2003. Tradução Antônio Marques Bessa.
- BALHANA, A. P., PINHEIRO MACHADO, B., WESTPHALEN, C. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969. v. 1
- BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência do Brasil 1790-1822*. São Paulo: Anablume, 2006.
- BELLINI, Moyses. *Grande Oriente do Brasil – Paraná: uma síntese de sua história*. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2002.
- BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983
- _____. A ilusão biográfica. In: M. A. Ferreira & J. Amado, *Usos e abusos da história oral* - Rio de Janeiro: FGV, 1986.
- _____. *La noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.
- _____. *Coisas Ditas*, São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*, São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39, p. 46-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- _____. *Escritos de educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- _____. *Coisas ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira; Denise M. Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. *Meditações pascalinas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRAGA, Sérgio S. Padrões de organizações das elites partidárias regionais no imediato pós-Segunda Guerra no Brasil (1945-1950) e as singularidades da Região Sul. *História Unisinos*, vol. 5, n. 4, jul./dez/, 2001, pp. 261-297.
- BRAGA, Sérgio Soares. *Quem foi Quem na Assembléia Constituinte de 1946*. Brasília: 2 vols., Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados, 1998.
- BULST, Neihard. Sobre o Objeto e o método da prosopografia. *Politeia: História e Sociedade, Vitória da Conquista*, v. 5, n. 1, 2005
- BUZATO, José. *Grande Oriente do Paraná, nova sede: relato da sua construção*. Maringá: edição do autor, 2009.
- CANO, Wilson. Da Década de 1920 à de 1930: Transição Rumo à Crise e à Industrialização no Brasil. *Revista Econômica*, Brasília(DF), v.13, n.3b, p.897-916, set/dez 2012.
- CARNEIRO JÚNIOR, Renato Augusto. *Personagens da história do Paraná*. Curitiba: SAMP, Museu Paranaense, 2014.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CARVALHO, William Almeida de. Pequena história da maçonaria no Brasil. *Revista de Estudos Históricos de La Masoneria*. San José – Costa Rica: v.2, n.1, p. 30-58, mai-nov. 2010.
- _____. 200 anos de maçonaria no Brasil: cenários e perspectivas. *Revista Ao Zênite*. 9 Ed. Brasília: Grande Oriente do Distrito Federal, 2010b. Disponível em: < http://www.godf.org.br/ao_zenyte/ao_zenyte9.pdf>. Acesso em: 07 set 2015.
- _____. Maçonaria no Brasil: análise da produção científica universitária. *Pietre-Stones Review of Freemasonry*, 2007. Disponível em: <<http://www.freemasons-freemasonry.com/22carvalho.html>> Acesso em: 28 ago 2015.
- CASTELLANI, José. *Cartilha do Aprendiz*. Londrina: A Trolha, 2004. 4. ed.
- CASTELLANI, José. CARVALHO, William Almeida de. *História do Grande Oriente do Brasil: a Maçonaria na História do Brasil*. São Paulo: Madras, 2009.
- CASTRO, Celso. Sociologia e a arte da manutenção de motocicletas. In: *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- CAVALCANTE, Sérgio Roberto. *Os antigos manuscritos*. Disponível em: <<http://www.fraternidadefarroupilha.org/historia/antigosmanuscritos.htm>>. Acesso: 20 dez 2013.
- CHARLE, Christophe. A Prosopografia ou biografia coletiva: Balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio (Org.). *Por Outra História das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CLEBERSON, Max. *A Maçonaria e a Proclamação da República*. Grande Oriente do Estado de Goiás: Goiânia, 2012. Disponível em: < http://www.gobgo.org.br/detalhes_noticia.php?d29a1eac429ca806b8e4cd2a4233480dd29a1eac429ca806b8e4cd2a4233480dd29a1eac429ca806b8e4cd2a4233480d&idnt=135> Acesso: 07 mar 2016.
- CODATO, A. PERISSINOTTO, R. Por um retorno à Sociologia das elites. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba: v. 16, n. 30, p. 7-15, jun. 2008
- COLUSSI, Eliane. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: UPF, 2003.
- CONFEDERAÇÃO MAÇÔNICA DO BRASIL. *Portal da COMAB na internet*. Disponível em: <www.comab.org.br> Vários acessos.
- CONFEDERAÇÃO DA MAÇONARIA SIMBÓLICA DO BRASIL. *Súmula das assembleias*. Brasília: edição própria, 2014.
- _____. Por-

- tal da CMSB na internet. Disponível em: <www.cmsb.org.br> Vários acessos.
- CORDEIRO, Vita Lopes. A influência política da maçonaria no período da pré-independência do Brasil. *Monografia* (especialização). Brasília: Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento (Cefor), da Câmara dos Deputados, Curso de Especialização em Instituições e Processos Políticos do Legislativo, 2008.
- COSTA, Frederico Guilherme. *A Maçonaria e a República*. Londrina: Ed. Maçônica A Trolha, 2003.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rocco: Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- DORON, Daniel. *Freemasonry: landmarks and old charges*. Tel Aviv: Regular Meeting n. 18 of Montefiore Lodge, 2002. Disponível em: <<http://www.freemasons-freemasonry.com/doron.html>> Acesso em: 07 set 2015.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960. 2. ed.
- _____. *Educação e sociologia*. 11 Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- DURÃO, João Ferreira. *Pequena história da maçonaria no Brasil*. São Paulo: Madras, 2008.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 2 v.
- FILARDO, José Antônio de Souza. (trad.) *O Manuscrito Cooke*. (2010). Disponível em: <<https://bibliot3ca.files.wordpress.com/2011/03/manuscrito-cooke.pdf>> Acesso em: 07 set 2015.
- FLORENZANO, Modesto. *As revoluções burguesas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- FREITAS, Celma. A prática em Bourdieu. *Revista Científica FacMais*, Inhumas, Volume. I, Número I. Ano 2012/1º Semestre.
- GAGLIANONE, Paulo César. *A introdução do rito moderno no Brasil*. Supremo conselho do Rito Moderno: Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <<https://bibliot3ca.wordpress.com/a-introducao-do-rito-moderno-no-brasil/>>. Acesso em: 20 ago 2015.
- GRANDE LOJA DO PARANÁ. *Portal da GLP na internet*. Disponível em: <www.glp.org.br> Vários acessos.
- GRANDE ORIENTE DO BRASIL. *Portal do GOB na internet*. Disponível em: <www.gob.org.br> Vários acessos.
- GRANDE ORIENTE DO PARANÁ. *Portal do GOP na internet*. Disponível em: <www.gop.org.br> Vários acessos.
- GOMES, Laurentino. *1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil – um país que tinha tudo para dar errado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- GONÇALVES, N. G. *Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GOULART, Mônica Helena Harrich Silva. *A dança das cadeiras: análise do jogo político na Assembleia Legislativa do Paraná (1889-1930)*. Jundiá: Paco Editorial, 2014.
- _____. O poder local e o coronelismo do Estado do Paraná (1880-1930). *Dissertação* (mestrado). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2004.
- HAMILL, John. Teorias sobre a origem da Maçonaria. *Revista Internacional Hiram Abif*. Mar del Plata: n. 9/10, nov-dez. 2000. Disponível em: <<https://bibliot3ca.wordpress.com/teorias-sobre-a-origem-da-maconaria/>> Acesso em: 07 set 2015.
- HAYWOOD, H.L. *Como a maçonaria operativa se transformou na maçonaria especulativa: o período de transição*. Outubro, 2013. Disponível em: <<http://joseroberto735.blogspot.com.br/2013/10/como-maconaria-operativa-se-transformou.html>> Acesso em: 07 set 2015.
- HEINZ, Flávio M. *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- HEINZ, Flávio M. CODATO, Adriano. A prosopografia explicada para cientistas políticos. In: CODATO, Adriano & PERISSINOTO, Renato. *Como estudar elites?* Curitiba: Editora UFPR, 2015.
- HEYWOOD, Andrew. *Ideologias políticas: do liberalismo ao fascismo*. v.1. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- HOBSBAWN, ERIC; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HUNTER, Floyd. *Community Power Structure: A Study of Decision Makers*. Garden City: 1963, Anchor Books.
- ISMAIL, Kennyo. *Desmistificando a maçonaria*. São Paulo: Universo dos Livros, 2012.
- _____. *A verdadeira história dos primórdios da maçonaria no Brasil*. Blog "No Esquadro": Novembro, 2011. Disponível em: <<http://www.noesquadro.com.br/2011/11/verdadeira-historia-dos-primordios-da.html>>. Acesso em: 20 ago 2015.
- _____. *O que é filosofismo*. Blog "No Esquadro": Fevereiro, 2012. Disponível em: <<http://www.noesquadro.com.br/2011/02/o-que-e-filosofismo.html>>. Acesso em: 10 mai 2014.
- _____. *História da maçonaria para adultos*. Blog "No Esquadro": Março, 2012. Disponível em: <<http://www.noesquadro.com.br/2012/03/historia-da-maconaria-para-adultos.html>>. Acesso em: 19 dez 2013.
- _____. *A colonização maçônica inglesa: na contramão dos princípios maçônicos*. Blog "No Esquadro": Setembro, 2014. Disponível em: <<http://www.noesquadro.com.br/2014/09/colonizacao-maconica-inglesa-na-contramao-dos-principios-maconicos.html>>. Acesso em: 20 ago 2015.
- LAHIRE, B. Reprodução ou prolongamentos críticos? *Edu-*

- cação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 78, p. 37-55, abr. 2002.
- LAIBIDA, Luiz Demétrio Janz. Representação teatral: Assembleia Legislativa do Estado do Paraná – institucionalismo e vetos. *Dissertação* (mestrado). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2007.
- LEADBEATER, C.W. *Pequena história da maçonaria*. 12. Ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2012.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Tradução Antônio Marques Bessa. Coletivo Sabotagem, 1978.
- LOJA MAÇÔNICA SÃO PAULO 43. *Portal da Loja Maçônica São Paulo n. 43*. Disponível em: < <http://www.lojasaopaulo43.com.br/maconaria.php>>. Acesso em 19 Jan 2014.
- LOVE, Joseph L. and BARICKMAN, Bert. J. "Regional Elites". In CONNIFF, Michael L. and MCCANN, Frank D (eds.), *Modern Brazil: Elites and Masses in Historical Perspective*, Nebraska, The University of Nebraska Press, 1991, pp. 3-22.
- MACHADO, Vanderlei Hermes. Política e estruturas de parentesco de Campo Largo (1871-2004). *Dissertação* (mestrado). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2005.
- MARCELINO, Marcelo Gonçalves. Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista na construção do sistema de planejamento do Paraná (1972-1982). *Dissertação* (mestrado). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2006.
- MATOS, Carlos Eduardo; NASTACCI, Samantha; FIGUEIREDO DE SÁ, Davi. *A maçonaria na história*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2015.
- MILLS, C. Wright. *A Elite do Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- _____. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.
- _____. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. Porto Alegre: *Revista Sociologias*, ano 9, nº 17, jan/jun, 2007. P. 204-264.
- MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de O. *O poder da maçonaria. A história de uma sociedade secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MOSCA, Gaetano. A classe dirigente. In: Souza, Amaury de (org.). *Sociologia Política*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Col. "Textos Básicos de Ciências Sociais", 1966.
- _____. *História das doutrinas políticas: desde a antiguidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- NETO, Elias Mansur. *O que você precisa saber sobre maçonaria*. São Paulo: Universo dos Livros, 2005.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da UNESP, 1998.
- OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *O silêncio dos vencedores. Genealogia, classe dominante e Estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.
- _____. (org) *Análise dos parlamentares paranaenses na entrada do Século XXI*. Curitiba: APUFPR-SSind, 2002.
- _____. (org) *A construção do Paraná moderno – políticos e política no governo do Paraná de 1930 a 1980*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004.
- _____. *Na teia do nepotismo: sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil*. Curitiba: Insight, 2012.
- _____. (org) *Estado, Classe dominante e parentesco no Paraná*. Blumenau: Nova Letra, 2015.
- PARETO, Vilfredo. Tratado de sociologia geral. In: Rodrigues, José Albertino (org.). *Vilfredo Pareto: sociologia*. São Paulo: Ática. Col. "Grandes Cientistas Sociais", v. 43, 1984.
- PERISSINOTTO, Renato. *Notas metodológicas sobre o estudo de elites*. Curitiba: Nusp, 2003.
- PIRES, Joaquim da Silva. *A cisão maçônica brasileira de 1927*. Londrina: A Trolha, 2015.
- PROBER, Kurt. *Achegas para a história da maçonaria paranaense*. Curitiba: Ex-Libris, 1978.
- RESENDE, Daiane Carnelós. *Elementos decisivos na construção da posição e ação política de Roberto Requião de Mello e Silva*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- RESENDE, Roberta Carnelós. Gênero, performance eleitoral e perfis: uma análise da Assembleia Legislativa do Paraná (1998 a 2006). *Dissertação* (mestrado). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2009.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. *Partidos, ideologia e composição social: um estudo das bancadas partidárias na Câmara dos Deputados*. São Paulo, Edusp, 2002.
- SANT'ANNA, Anderson de Souza. SOUZA, Iago Vinicius Avelar. A sociologia de Bourdieu: aplicações e potencialidades em pesquisas em administração. Bento Gonçalves: *XXIII Enangrad - Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração*, 2012.
- SANTIN, Janaína. LORENZONI, André Luiz. Liberalismo e Direito na formação de bacharéis e instituições políticas e jurídicas no Brasil imperial. *MÉTIS: história & cultura* – v. 12, n. 23, p. 49-64, jan./jun.2013
- SCHÜLER, Octacílio Sobrinho. *Uma luz na história: a formação e o sentido da COMAB*. Florianópolis: Editora cultural O Prumo SC Ltda, 1998.
- _____. *Maçonaria: introdução aos fundamentos sociológicos*. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 1999.
- SPOLADORE, Hercule. *História da maçonaria paranaense no século XIX*. Londrina: Ruahgraf, 2007.

_____. Comentários sobre os graus primitivos da Maçonaria. São Paulo: *VII Jornada Maçônica Zona Leste de São Paulo*, 2003. Disponível em: < <http://deusecaridadenona.com.br/comentprimitivos.pdf>>. Acesso em: 07 set 2015.

STONE, Lawrence. Prosopografia. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba: v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.

TABATCHEIK, Guilherme. Desvendando os Diários Secretos: uma análise do uso dos cargos em comissão da Assembleia Legislativa do Paraná (2002-2006). *Dissertação* (mestrado). Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2015.

VALENCIANO, Tiago. Qual carreira? O perfil dos grão-mestres da maçonaria paranaense. Porto Alegre: *V Seminário Nacional de Ciência Política*, 2013.

VALENCIANO, Tiago; LEAL E SILVA, Rafael Egídio. *Política Brasileira: como entender o funcionamento do Brasil*. Astorga: Editora Sahar, 2015.

WEBER, Max. *Ciência e Política. Duas Vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

_____. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. V.1 3. Ed. Brasília: UnB, 1994.

ZUCOLI, Hiran Luiz. *A Maçonaria no Paraná*. Curitiba: edição do autor, 2001.

_____. *Museu Maçônico Paranaense*. Portal do Museu na internet. Disponível em: <www.museumaiconicoparanaense.com> Vários acessos.

C&M



**Revista
Ciência &
Maçonaria**

Realização:

NP3

CEAM | UnB